

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS – CECH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E
SOCIEDADE - PPGCTS

Caminhos, Encontros e Enunciados de Belén de Sárraga
na América Latina

JOSÉ LOTÚMOLO JUNIOR

SÃO CARLOS - SP

2020

JOSÉ LOTÚMOLO JUNIOR

**Caminhos, Encontros e Enunciados de Belén de Sárraga
na América Latina**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade.

Linha de Pesquisa 2 - Gestão Tecnológica e Sociedade Sustentável

Autor: José Lotúmolo Junior

**Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luzia Sigoli
Fernandes Costa**

**Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Marta Pagán
Martínez**

São Carlos - SP

2020

Lotúmolo Junior, José.

L891b Caminhos, Encontros e Enunciados de Belén de Sárraga na América Latina. / José Lotúmolo Junior - 2020.
Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade – CTS) – Universidade Federal de São Carlos, 2020.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luzia Sigoli Fernandes Costa. Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Marta Pagán Martínez.

1. Belén de Sárraga. 2. Livre-Pensamento.
3. Análise de Discurso. I. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato José Lotúmolo Junior, realizada em 19/02/2021.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Luzia Sigoli Fernandes Costa (UFSCar)

Profa. Dra. Silvia Maria do Espírito Santo (USP)

Profa. Dra. Luciana de Souza Gracioso (UFSCar)

Prof. Dr. Luís Fernando Soares Zuin (USP)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade.

*“É o esquecimento e não a morte
que nos faz ficar fora da vida”*

**Mia Couto
Venenos de Deus,
remédios do Diabo**

AGRADECIMENTOS

Em mais uma etapa superada em minha, já relativamente longa, jornada de vida, encerro este trabalho refletindo em seu resultado.

Tenho plena consciência de que mais e melhor poderia ter feito, especialmente perante meu objeto de pesquisa que tanto esforço realizou em função de seus ideais.

No entanto não foi por falta de ajuda, orientação e apoio, mas as imperfeições se devem mesmo a meus limites.

Repito aqui o já dito em outra oportunidade, que pela estrutura da linguagem humana, que para citar pessoas é preciso estabelecer alguma ordem para a apresentação, e só por esta razão, elas aparecem em alguma sequência, pois meu desejo é que estivessem exatamente como estão em minha mente e meu coração, todas no mesmo patamar.

Assim devo começar pela minha Orientadora Prof.^a Dr.^a Luzia Sigoli Fernandes Costa. Sob sua orientação segura, seu norte baseado em sua ímpar experiência e a segurança que transmitiu, permitiu-me chegar ao final com êxito; assim também me sinto em ralação à Prof.^a Dr.^a Marta Pagán Martínez, Coorientadora, que compartilhou comigo sua experiência e seu conhecimento de produção de textos acadêmicos. Da mesma maneira, ao olhar o resultado, percebo claramente o quanto as Prof.^{as} Dr.^{as} Silvia Maria do Espírito Santo e Luciana Gracioso e o Prof.^o Dr.^o Luis Fernando Soares Zuin contribuíram para que esta pesquisa atingisse um patamar superior em qualidade, profundidade e contribuição ao conhecimento científico e social.

Neste dois anos, que rapidamente passaram, conheci pessoas novas, de locais distantes e um pouco distantes ficaram, ao menos fisicamente, em virtude de uma pandemia que mudou nossas vidas. Mas meus sentimentos de agradecimento à turma de Mestrado 2018, pelo apoio são profundos.

Sempre presentes em minha vida, não posso esquecer de minha irmã Marinês, com seu conhecimento de História e seus livros e minha esposa Gisele que tem me apoiado, de forma decisiva, nesta nova fase de vida.

Nossas existências são fruto da generosidade do Grande Arquiteto Do Universo e a ele agradeço a oportunidade da Vida, da saúde, dos encontros com as pessoas acima, mas principalmente às dificuldades que sempre vieram acompanhadas de novas oportunidades.

RESUMO

A escritora e conferencista espanhola Belén de Sárraga, nascida na cidade de Valladolid, na Espanha, em 1873 e falecida no México, em 1950, foi uma das mais importantes representantes e divulgadoras de um movimento ideário conhecido como Livre-Pensamento. Visitou vários países em diversos continentes e esteve no Brasil por quatro vezes, nos anos de 1910, 1911, 1919 e 1931, proferindo conferências em diversas cidades, em grande parte no interior paulista. Na cidade de São Carlos, em 1911, proferiu quatro conferências e presidiu a fundação da “União dos Livres Pensadores”, que congregava os adeptos àquele movimento. Esta pesquisa analisou a conferência “Trayectorias Humanas” de Belén de Sárraga, proferida na cidade de Santiago, capital do Chile, em 1913, utilizando para tanto as bases teóricas da Análise de Discurso de vertente francesa, com foco nos aspectos de autoria, história e ideologia, além de identificar as relações dialógicas entre seus ouvintes/leitores e tendo por base os autores Eni P. Orlandi, José Fiorin, Mikail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Michel Foucault. Em razão de a escritora e conferencista ser pouco conhecida nos dias atuais, também constam deste trabalho um breve relato biográfico e a descrição de suas quatro viagens ao Brasil. Da mesma forma, o movimento ao qual ela pertencia, o Livre-Pensamento, é brevemente descrito com um recorte temporal que se inicia na Revolução Francesa e vai até ao final do século XIX. Com a finalidade de ampliar as reflexões sobre a ideologia do movimento Livre-Pensamento é apresentado um percurso histórico sobre liberdade desde a Grécia Antiga chegando aos dias atuais, como demonstração das mudanças ocorridas no entendimento do que seja liberdade. Por fim são apresentadas as análises dos recortes da conferência “Trayectorias Humanas” onde os aspectos elegidos foram destacados. A análise realizada na conferência de Belén de Sárraga permite afirmar que suas mensagens estavam em perfeita sintonia com o Livre-Pensamento e que apresentam também marcas que revelam aspectos pessoais da vida da livre pensadora.

Palavras-chave: Belén de Sárraga. Livre-Pensamento. Análise de Discurso. Campo CTS.

ABSTRACT

Belén de Sárraga was a Spanish writer and lecturer who was born in Valladolid in 1873 and died in México in 1950. She was one of the most important representatives of the Free-Thinking movement. She visited several countries such as Brazil where she stayed for four times in 1910, 1911, 1919, and 1931, lecturing in several cities in the interior of São Paulo State. In São Carlos city, in 1911, Belén de Sárraga delivered four lectures and became the president of a meeting for the foundation of “União dos Livres Pensadores”. This research analysed one of her lectures “Trayectorias Humanas” in Santiago, Chile in 1913. The methodological procedure was based on the Discourse Analyses of the French line, especially on the theoretical bases presented by Eni. P. Orlandi, José Fiorin, Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov, and Michel Foucault, with focus on aspects of the authorship, history, and ideology present in her lecture. Currently, she is not known, so this work also presents a brief biographical report of Belén and a brief description of her trips around Brazil. Moreover, there is a short description of the movement called Free-Thinking, between the beginning of the French Revolution and the end of the XIX century. There are also introduced some reflections on the idea of Liberty since Antique Greece until the current days as demonstration of the understanding of the idea of Liberty. In conclusion, the results on the analyses of some parts of the lecture “Trayectorias Humanas” are presented outlining the authorship, history, and ideology of the lecture. The analysis performed on the lecture by Belén de Sárraga permits us to confirm that her messages were synchronized with the Free-Thinking movement and the main lines of her personal life.

Keywords: Belén de Sárraga. Free-Thinking. Discourse Analyses. STS field.

RESUMEN

La escritora y conferencista española Belén de Sárraga, nacida en la ciudad de Valladolid, España, en 1873 y fallecida en México, en 1950, fue una de las más importantes representantes y divulgadoras de un movimiento ideológico conocido como Librepensamiento. Visitó varios países en diversos continentes y estuvo en Brasil cuatro veces, en los años 1910, 1911, 1919 y 1931, dando conferencias en varias ciudades, principalmente en el interior de São Paulo. En la ciudad de São Carlos, en 1911, celebró cuatro conferencias y presidió la fundación de la “Unión de Librepensadores”, que congregó a los partidarios de ese movimiento. Esta investigación analizó la conferencia “Trayectorias Humanas” de Belén de Sárraga, dada en la ciudad de Santiago, capital de Chile, en 1913, utilizando para ello las bases teóricas del Análisis del Discurso de vertiente francesa, centrándose en los aspectos de autoría, historia e ideología, además de identificar las relaciones dialógicas entre sus oyentes/lectores y basadas en los autores Eni P. Orlandi, José Fiorin, Mikail Bakhtin, Valentin Volóchinov y Michel Foucault. Debido a que la escritora y conferencista es poco conocida hoy en día, este estudio también contiene un breve relato biográfico y la descripción de sus cuatro viajes a Brasil. De la misma forma, el movimiento al que pertenecía, el Librepensamiento, se describe brevemente con un marco temporal que comienza en la Revolución Francesa y se extiende hasta finales del siglo XIX. Con el fin de ampliar las reflexiones sobre la ideología del movimiento del Librepensamiento, se presenta un recorrido histórico sobre la libertad desde la Antigua Grecia hasta la actualidad, como demostración de los cambios que se han producido en la comprensión de lo que es la libertad. Finalmente, se presentan los análisis de los recortes de la conferencia “Trayectorias Humanas” donde fueron destacados los aspectos elegidos. El análisis realizado en la conferencia de Belén de Sárraga permite afirmar que sus mensajes estaban en perfecta armonía con el Librepensamiento y que también presentan marcas que revelan aspectos personales de la vida del libre pensador.

Palabras clave: Belén de Sárraga. Libre Pensamiento. Análisis del Discurso. Campo CTS.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Regulamento geral da Ordem Maçônica Mixta “El Derecho Humano”.	51
Figura 2 – Belén de Sárraga em Congresso na Argentina em 1906.	54
Figura 3 – Imagem do Palácio Monroe, Rio de Janeiro.	58
Figura 4 – Belén de Sárraga discursando no Palácio Monroe em 1911.	58
Figura 5 – Belén de Sárraga e demais livres pensadores em Vargem Grande do Sul, em 1911.	64
Figura 6 – Notícia da primeira página do jornal “O Estado de São Paulo”, de 16 de setembro de 1931.	68
Figura 7 – Mapa com as cidades visitadas por Belén de Sárraga.	69
Quadro com os temas e as cidades visitadas, no Brasil, por Belén de Sárraga, em suas viagens.	70
Figura 8 – Imagens do livro de atas da “União dos Livres Pensadores”.	84
Figura 9 – Imagens da capa e página do “Almanach de S. Carlos” de 1915.	89
Figura 10 – Imagens dos livretos de divulgação do Livre-Pensamento.	90
Figura 11 – Imagem do livreto com o texto “Derrocada Ultramontana”.	90
Figura 12 – Imagem de Carlos Rivera, Belén de Sárraga e Federico Tonda.	120
Figura 13 – Imagem de Belén de Sárraga.	120
Figura 14 – Imagem da capa do livro “Conferências”.	121

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Justificativa da pesquisa	12
1.2	Questão de pesquisa	15
1.3	Objetivos da pesquisa	15
1.4	Estrutura da dissertação	17
2.	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA NO CAMPO CTS	19
3	ANÁLISE DE DISCURSO E A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA	26
3.1	A escolha e delimitação do <i>corpus</i> da pesquisa	34
4	ASPECTOS CONSIDERADOS E ANALISADOS: AUTORIA, HISTÓRIA E IDEOLOGIA	36
4.1	Autoria: revelando o sujeito e sua visão de mundo	38
4.1.1	Relato biográfico de Belén de Sárraga: autoria e história de vida	41
4.1.1.1	Viagens de Belén de Sárraga ao Brasil	54
4.2	História: o contexto da produção discursiva	71
4.2.1	O ideário do Livre-Pensamento	74
4.2.1.1	O Livre-Pensamento em São Carlos	83
4.3	Ideologia: Livre-Pensamento e visão de mundo	91
4.3.1	Liberdade e a ideologia do Livre-Pensamento	94
4.3.1.1	Evolução do conceito de Liberdade	99
5	RESULTADO DA ANÁLISE DA CONFERÊNCIA “TRAYETORIAS HUMANAS”	118
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
	REFERÊNCIAS	140

1 INTRODUÇÃO

A história da Liberdade e, especialmente, das pessoas que procuraram fazer de sua compreensão e difusão um valor a ser disseminado por toda a Sociedade, sempre foi marcada como história de lutas e de sofrimentos contra indivíduos ou grupos impeditivos dos movimentos libertários. A própria noção de *liberdade* também se modificou ao longo do tempo e provavelmente mudará muitas vezes se considerada a partir do momento em que este estudo está sendo escrito até para um futuro distante quando a liberdade haja se tornado mais que uma expressão corriqueira na vida do ser humano. Pode-se até mesmo pensar que já seja assim, ou seja, que a noção de liberdade já seja, de algum modo, compreendida como um bem natural, inerente ao ser humano. Que esse bem, já esteja suficientemente difundido pelas sociedades, restando apenas alguns bolsões em cantos escondidos de nosso Planeta. A liberdade, não resta dúvida, deve muito a determinadas pessoas, algumas anônimas, outras mais conhecidas, que fizeram de sua disseminação e defesa um corolário de vida.

A história da Humanidade traz registros de pessoas que, em todas as épocas, fizeram de suas vidas, dentro das possibilidades existentes em cada momento histórico das possibilidades de cada um, instrumentos de valorização e de difusão da noção de liberdade.

1.1 Justificativa da pesquisa

A conferencista e escritora espanhola Belén de Sárraga foi uma dessas pessoas que no final do século XIX e início do século XX, percorreu vários países do planeta difundindo suas ideias concernentes a um movimento conhecido como Livre-Pensamento, com uma tônica notadamente anticlerical, comum àquela época. Esta conferencista escreveu livros, fundou jornais, proferiu conferências, defendendo a emancipação feminina, sofreu forte oposição da Igreja Católica, sofreu atentados e difamações e foi presa diversas vezes. Em uma de suas viagens ao Brasil esteve em mais de trinta cidades do interior do estado de São Paulo, fazendo conferências e visitando entidades ligadas aos movimentos do Livre-Pensamento. Em uma dessas ocasiões, em 1911, esteve na cidade de São Carlos onde fez 4 conferências em um teatro local lotado (LOTÚMOLO JUNIOR, 2018, p. 72). Porém hoje esses fatos são praticamente desconhecidos evidenciando um movimento de supressão da informação, movido por pessoas ou grupos, que possam ter se sentido incomodados com a mensagem de suas conferências. Mesmo um dos mais antigos relatos históricos sobre a cidade de São Carlos e escrito apenas 4

anos após a estada de Belén de Sárraga nesta cidade, também nada menciona sobre sua passagem, mesmo tendo informado que “foram festivamente inauguradas as obras de captação e canalisação do novo manancial ‘Ponte de Taboa’ destinado a melhorar o serviço de abastecimento de água á população” (CAMARGO, T. L. A., 1915, p. LX)¹, apesar de Belén tê-lo visitado alguns dias antes, em companhia de diversas pessoas. Este fenômeno, ou seja, a desvalorização ou “apagamento” de quem incomoda ou do que não interessa ser divulgado não é um fenômeno isolado. Cabe ressaltar que não se trata de uma depreciação do texto histórico mencionado, cuja memória merece reconhecimento por se tratar de um dos mais antigos e precisos relatos históricos do início da cidade de São Carlos. Parte-se da observação de uma sociedade ainda patriarcal, na época e como ainda é hoje, não obstante todos os avanços alcançados nas últimas décadas para a valorização da participação feminina e, mais do que isso, para se dar a devida visibilidade para todo o trabalho realizado pelas mulheres em todos os campos da atividade humana. Nessa situação de “apagamento” das iniciativas femininas gera-se uma espécie de “orfandade” dessas atuações, que não se restringe à genealogia familiar, mas que pode ser extrapolada para uma orfandade social e política. Este processo gera uma desvalorização dos feitos femininos, especialmente quando ocorrem em sociedades marcadas por relações de dominação e discriminação pelo sexo. É o que afirmam as professoras Ramos Palomo e Ramos (2019, p. 58-59), e complementam:

Nacemos de mujer”, efectivamente, y llevamos la marca de esa experiencia durante toda la vida: sin embargo, el patriarcado nos excluye de las genealogías teóricas, a la par que obstaculiza la reconstrucción de las memorias femeninas en el ámbito de la política, subordina nuestra posición en el marco de las relaciones sociales de género y desplaza nuestros comportamientos hacia la periferia en los escenarios públicos (RAMOS PALOMO; RAMOS, 2019, p. 58.)

Observa-se, claramente, o quanto de esforço pessoas como, por exemplo, Belén de Sárraga precisaram empreender para conseguir espaço social e político e assim poder difundir suas ideias e contribuir com o futuro de uma sociedade e, de certa forma, as sociedades de hoje são fruto deste trabalho.

Assim, para colaborar com o conhecimento destes fatos foi realizada uma pesquisa no ano 2018 (LOTÚMOLO JUNIOR, 2018), da qual o presente trabalho é um desdobramento. Naquela pesquisa buscou-se refazer a visita de Belén de Sárraga até naquele ano de 1911, além de um relato biográfico. Porém o panorama com o qual se deparou foi muito maior, encontrando-se outras três viagens da escritora ao Brasil, e que são muito pouco conhecidas

¹ Mantida a grafia da época.

dentro e fora de nosso país, além do fato de que a viagem de 1911 compreendeu a visita a mais de 30 cidades.

Mesmo sobre o anticlericalismo – principal traço encontrado nos textos e conferências de Belén de Sárraga – os estudos no Brasil são escassos, conforme expõe Rudy (2017, p. 12), e aquele que quisesse pesquisar o assunto “coligiria menos de uma dúzia de títulos publicados, haja vista o véu de invisibilidade que ainda encobre tal assunto”. Uma provável explicação para tal situação poder ser o fato de que estes estudos “por sua essência contestatória, firmam certos credos arraigados desde tempos remotos na cultura brasileira. Por essas e por outras, as campanhas anticlericais foram vistas, pela historiografia brasileira, como tema menor” (RUDY, 2017, p. 12). Como consequência a presente pesquisa também pode contribuir subsidiariamente para uma melhor compreensão do anticlericalismo no Brasil.

Cabe esclarecer que tanto Belén de Sárraga quanto às questões que compõem e são aprofundadas e continuadas nesta pesquisa, são objeto de interesse desde a graduação, portanto, há aproximadamente 5 anos. Neste período, graças ao acesso digital aos repositórios privados e públicos foi possível armazenar um razoável volume de informações sobre aquela conferencista espanhola. Tal volume resultou, no ano de 2018, em um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que reuniu, acredita-se que pela primeira vez, um conjunto de informações relevantes sobre Belén de Sárraga, estabelecendo um relato biográfico sobre ela, suas quatro visitas ao Brasil, sobre o Livre-Pensamento e sobre este movimento na cidade de São Carlos. Com a finalidade de proporcionar a visibilidade necessária a todo este conjunto formado naquela época, optou-se por repeti-lo neste trabalho, entendendo-se que a visibilidade e a procura por uma Dissertação são maiores que a de um TCC. Desta maneira o “Relato Biográfico de Belén de Sárraga”, “Viagens de Belén de Sárraga ao Brasil”, “O ideário do Livre-Pensamento” e O “Livre-Pensamento em São Carlos”, embora com nomes diferentes e totalmente reescritos, com maior aprofundamento e análise, constam também da pesquisa finalizada em 2018. Deste fato pode resultar a impressão de que a análise, objeto desta pesquisa, ocupe um espaço relativamente muito menor em relação ao ocupado pelas seções descritas acima, porém esta foi uma decisão consciente, com a intenção de ampliar a visibilidade e a abrangência dos fatos relativos à Belén de Sárraga. Outro fato relevante, que convém adiantar é que, coincidentemente, essas quatro seções também são relevantes e compõem os aspectos que serão abordados e explanados na seção 4, do presente estudo.

1.2 Questão de pesquisa

Nesse contexto, a questão central deste estudo apoia-se na busca de compreender e demonstrar como se revela o ambiente de defesa da liberdade e que lugar de importância essa liberdade ocupava na vida das pessoas, em particular, na vida de Belén de Sárraga. A partir desse entendimento, quais foram as contribuições de Belén de Sárraga como livre pensadora?

Belén de Sárraga foi uma importante representante do Livre-Pensamento e a história desse movimento também é apresentada de maneira breve. Foi preciso fazer um corte temporal no estudo do Livre-Pensamento e do anticlericalismo, com o qual, em muitas ocasiões se confunde, para não tornar demasiadamente extenso e fora do foco dos objetivos da pesquisa, centrando o olhar e a análise na França e Espanha notadamente após a Revolução Francesa.

O conjunto ideário conhecido como Livre-Pensamento propunha a livre investigação e a formação pessoal de convicções baseadas na Ciência e na Razão, que eram os pilares nos quais se apoiavam os livres-pensadores e anticlericais para confrontar os dogmas religiosos e difundir as ideias liberais de livre investigação e do racionalismo (RUDY, 2019, p. 17). Assim, não é de surpreender que a Igreja Católica fosse considerada, pelos integrantes daquele movimento, uma opositora a este posicionamento livre ao impor seu pensamento e seus dogmas, sua visão de vida e de sociedade a toda a coletividade ao redor de seus centros de influência, quer fossem igrejas, mosteiros, congregações leigas. A influência da Igreja não se restringia aos aspectos dogmáticos e estritamente religiosos, mas permeava todas as atividades sociais, econômicas e políticas, desta forma a liberdade de interpretar a realidade à sua volta, livre das amarras impostas, era a tônica do Livre-Pensamento. Com as mudanças sociais e políticas ocorridas na Europa e em várias partes do mundo após a Revolução Francesa e os movimentos de independência política das Colônias Sul-Americanas, os embates entre o Clero Católico e os defensores dos estados laicos acabou por acirrar-se naquelas regiões. Porém o entendimento de liberdade para Belén de Sárraga, expresso em seus textos, conferências e livros, pode não ser exatamente o que entendemos hoje por liberdade.

1.3 Objetivos da pesquisa

Diante das questões instigadas pelos textos escritos por Belén de Sárraga, esta pesquisa teve como objetivo geral estudar as narrativas daquela escritora, procurando entendê-las no bojo do movimento conhecido como Livre-Pensamento, do qual ela era uma das mais

proeminentes representantes. Mais especificamente, foram traçados os seguintes objetivos com a finalidade de operacionalizar a pesquisa:

- a) recuperar e selecionar as conferências de Belén de Sárraga;
- b) analisar, à luz teórica da Análise de Discurso, as ideias defendidas e difundidas por Belén de Sárraga, presentes nos textos de suas conferências e o cotejamento com textos de outros autores do Livre-Pensamento;
- c) compreender o legado de Belén de Sárraga através da fundação da “União dos Livre Pensadores”, em São Carlos, em sua trajetória de vida.

Para o alcance dos objetivos foram utilizados aportes teóricos de Análise de Discurso, aplicados nos textos de conferências de Belén de Sárraga produzidos em sua visita à Santiago, capital do Chile. Trata-se das transcrições de suas conferências realizadas naquele país entre os meses de janeiro e fevereiro de 1913.

Os resultados deste estudo têm como horizonte contribuir com um conhecimento mais aprofundado sobre Belén de Sárraga, hoje, praticamente desconhecida, mesmo nos meios acadêmicos brasileiros, com raras iniciativas de pesquisa sobre sua pessoa e suas ideias. O Brasil e mais especificamente a cidade de São Carlos, tiveram a oportunidade de receber uma personalidade conhecida e reconhecida internacionalmente, sendo que: “Sárraga no fue la única mujer republicana, feminista, masona y librepensadora pero si es la que más ha viajado y fue la propagandista republicana más conocida de su época” (HOTTINGER-CRAIG, 2013, p. 159). E ainda em o artigo de Ramos Palomo (2006), outra Prof.^a que, na Espanha, estuda Belén de Sárraga:

Belén de Sárraga Hernández (Valladolid, 1872 – México D.F. 1950) es quizá una de las dirigentes más carismáticas del grupo de propagandistas y escritoras republicanas, librepensadoras y feministas que extendieron su ideario por España e Hispanoamérica durante la primera mitad del siglo XX (RAMOS PALOMO, 2006, p. 693).

Acrescente-se a esse cenário o fato de que o próprio Livre Pensamento e o anticlericalismo também são assuntos pouco estudados, conforme atesta (RUDY, 2017, p. 12), expondo lacunas de conhecimento histórico, político e social que necessitam ser preenchidas.

Desta forma, entende-se que existe um importante campo de pesquisa, pois o desconhecimento pela falta de estudos sobre o tema leva a permanência de lacuna de conhecimento do passado, e seu entendimento pode ajudar a compreender o presente e assim, melhor projetar o futuro desejado, de forma a se vincular o passado advindo, o futuro que se

espera e o presente como o tempo vivido e que “a história é a história da humanidade e, nesse sentido, história mundial dos povos. A humanidade se torna simultaneamente o objeto total e o objeto único da história, ao mesmo tempo em que a história se faz coletivo singular” (RICOEUR, 2007, p. 315).

1.4 Estrutura da dissertação

Além da introdução, seção 1, este Relatório para Qualificação apresenta na seção 2 a caracterização da pesquisa como qualitativa discutindo-se seus aspectos; também compõe esta seção a caracterização do Campo “CTS” com seu percurso histórico e a inserção neste Campo, da Análise de Discurso, bem como a pertinência do estudo sobre um discurso proferido no passado, pois a pesquisa propõe um olhar sobre a defesa da Ciência e do conhecimento dela advindo em prol de uma sociedade mais livre. Em seguida, na seção 3, foi caracterizada a Análise de Discurso de orientação francesa e sua relevância para a abordagem de uma das conferências de Belén de Sárraga, ao se eleger os aspectos de autoria, história e ideologia para serem analisados. Assim são apresentadas as fundamentações e metodologias da Análise de Discurso propostas por autores como: J. L. Fiorin, Eni P. Orlandi, M. Foucault, M. Bakhtin, V. Volóchinov, por se tratarem de autores que abordaram e abordam esses aspectos.

A seção seguinte, de número 4, se dedica a caracterizar os aspectos elegidos de autoria, história e ideologia. Em seguida a cada um deles, se apresentam as informações obtidas sobre estes aspectos. No caso da autoria apresenta-se a escritora e conferencista Belén de Sárraga com um breve relato biográfico e suas viagens pelo Brasil como umas das personalidades que dedicaram sua vida à difusão das ideias de liberdade de pensamento, buscando influenciar grande número de pessoas notadamente pela difusão de textos jornalísticos e pelo uso da expressão verbal. Nascida na Espanha na segunda metade do século XIX, Belén de Sárraga desde cedo atuou como difusora das ideias liberais em seu país, depois expandindo sua atuação pelo mundo e chegando até ao Brasil, no início do século XX. Porém sua passagem pelo País, apesar de ter sido muito noticiada na época, é praticamente desconhecida hoje em dia. Restaram conhecidos até o momento, apenas os registros nos jornais da época e alguns poucos documentos esparsos, em repositórios institucionais e em arquivos pessoais, que puderam ser reunidos em trabalhos anteriores (LOTÚMOLO JUNIOR; TOLENTINO, 2000; LOTÚMOLO, 2018). Além da questão biográfica este relato é essencial para a abordagem do aspecto autoria sob a base teórica da Análise de Discurso.

Na subseção seguinte, é apresentado um breve percurso histórico sobre o movimento Livre-Pensamento, do qual Belén de Sárraga, era uma das mais destacadas integrantes e as informações sobre este movimento na cidade de São Carlos, a partir de uma associação denominada “União dos Livres Pensadores”, da qual Belén foi uma das fundadoras. A subseção seguinte apresenta definições de ideologia, e uma série de reflexões e aspectos sobre liberdade com um percurso histórico desde a antiguidade até os dias atuais. O tema liberdade, especialmente para aqueles que vivem em países “livres” tornou-se corriqueiro a ponto de ser usado sem que se reflita sobre seu significado com maior profundidade e sua extensão seja alcançada, entendendo-se que esta situação pode, no entender do autor da pesquisa, distanciar-nos hoje da importância que a geração de Belén de Sárraga dava para a liberdade, não permitindo que se avalie de forma mais aprofundada o esforço empreendido pelos integrantes do Livre-Pensamento. Assim, nesta pesquisa, dedicou-se uma seção ao estudo da noção de liberdade, no mundo ocidental, desde o berço das investigações filosóficas na Grécia antiga, passando pelo pensamento religioso, político e social da idade média e as estruturas regulamentares do final da era moderna e contemporânea. O que se pretendeu, com essa seção, longe de se querer esgotar o assunto, foi uma aproximação, com as noções de liberdade com base em critérios subjetivos, atuais e pessoas e obviamente sem a participação direta dos integrantes do movimento Livre-Pensamento e muito menos de Belén de Sárraga. Estas reflexões foram colhidas de diversos filósofos e também acrescidas de situações onde a liberdade foi um determinante histórico para algumas sociedades e acabaram por se constituir em marcos históricos relevantes.

Na seção 5 apresenta-se o movimento Livre-Pensamento em um recorte temporal e geográfico, concernente aos objetivos da pesquisa, limitando-o à França Revolucionária, portanto ao final do século XVIII e com seus reflexos na Europa, notadamente a reação da Igreja Católica, chamada de ultramontanismo, à qual se opunha. Como contribuição histórica e também biográfica, pois pouco conhecida, se expõe também a fundação, na cidade de São Carlos, da “União dos Livres Pensadores”, associação que contou, na data de sua criação, em 1911, com a presença de Belén de Sárraga. Sobre a “União dos Livres-Pensadores” são apresentados seus fundadores e alguns acontecimentos sobre essa pioneira iniciativa no âmbito social e político de São Carlos, hoje pouco conhecida, abrindo caminho para outras iniciativas no campo de pesquisa. Neste momento se faz necessário outro esclarecimento quanto às citações e suas respectivas referências relativas às atas da “União dos Livres Pensadores”. Em trabalho anterior (LOTÚMOLO JUNIOR, 2018) aquela organização foi citada e dela feita referência com o nome de “ASSOCIAÇÃO DOS LIVRES PENSADORES”, em virtude de ela

não ter recebido nome em sua ata de fundação. No entanto, em atas posteriores ela recebeu o nome de “UNIÃO DOS LIVRES PENSADORES”, como inclusive consta do almanaque citado e cuja imagem também é mostrada mais adiante, o que exigiu a mudança, no presente trabalho, daquela para esta última referência. Hoje este livro de atas, único conhecido até o momento, pertence ao acervo histórico da Loja Maçônica “Eterno Segredo”.

A Análise, propriamente dita, da conferência de Belén de Sárraga com o título “Trayectorias Humanas”, é apresentada na seção 5. Nesta seção são destacados alguns excertos da conferência através do emprego da Análise de Discurso e dos teóricos que lhe dão base. Os trechos escolhidos foram analisados para a identificação dos aspectos autoria, história e ideologia, conforme apresentados em seção anterior. Os trechos destacados foram analisados pelo o emprego de determinadas expressões que se mostraram pertinentes à esses aspectos e comentados as relações entres eles. Também buscou-se identificar as marcas textuais e comportamentais que demonstrassem as relações dialógicas existentes entre a conferencista e as pessoas que a assistiam. Por fim as ideias expressas na conferência foram confrontadas com outro textos produzidos por outros autores adeptos do Livre-Pensamento, contemporâneos à atuação de Belén de Sárraga.

A seção 6, é dedicada às considerações finais, quando é apresentada a questão central deste estudo que se apoia na busca de compreender e demonstrar como se revela o ambiente da liberdade e que lugar de importância ocupava na vida das pessoas, em particular, na vida de Belén de Sárraga, como se depreende e se procurará demonstrar.

2. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA NO CAMPO CTS

O referencial teórico proposto para fundamentar este estudo tomou como ponto de partida a caracterização da pesquisa e o Campo da Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS). Em geral considera-se como relevante a caracterização das pesquisas, pois ao buscar o seu “delineamento”, para nos utilizarmos de um termo de Antonio Carlos Gil (2002), consegue-se estabelecer os limites e os procedimentos básicos que nortearão seu desenvolvimento. É através desse delineamento que se pode classificar as pesquisas em dois grandes grupos: qualitativas ou quantitativas, porém levando-se em conta que estas caracterizações não são excludentes entre si. Ainda segundo a metodologia empregada na coleta dos dados que serão analisados, as pesquisas, também podem ser divididas: bibliográficas e documentais ou em experimentais (GIL, 2002, p. 43). Dentre esses procedimentos estão a coleta dos dados e a análise dos mesmos.

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa ao analisar as narrativas produzidas por uma pessoa, no âmbito da análise discursiva onde não se buscou as quantidades envolvidas, mas sim o entendimento do conteúdo expresso. De outro modo ao buscar as narrativas em fontes documentais, muitas delas pouco ou nunca exploradas, entende-se que a presente pesquisa também se caracterize como documental, onde nos valemos novamente das palavras do mesmo pesquisador:

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa (GIL, 2008, p. 51).

No caso presente, as narrativas analisadas estão contidas em livro que contém as conferências de Belén de Sárraga, produzidas em sua visita à Santiago, capital do Chile, em 1913. De outro lado estão textos produzidos por diferentes autores que também se inseriam no âmbito dos defensores e propagadores do movimento que ficou conhecido como Livre-Pensamento, do qual Belén de Sárraga era considerada uma das expressões mais importantes. Cabe registrar também que uma das fontes de informação relevantes utilizadas na pesquisa foram livretos de divulgação do Livre-Pensamento originais e contemporâneos ao período estudado, pertencentes ao pesquisador e que não passaram por tratamento analítico anterior. Ainda sobre as fontes de informação foram utilizados jornais da época, com acesso a distância através de portal digital, especialmente para a obtenção de informações relativas ao percurso realizado pela conferencista, os temas abordados e a repercussão de suas visitas.

Sob a questão dessas fontes de informação é preciso destacar a importância da preservação documental para as pesquisas de cunho histórico, pois no presente caso o conhecimento de Belén de Sárraga se deu com o encontro casual com dois documentos. O primeiro, um pequeno recorte de jornal, datado de 1911, que trazia a informação da chegada da conferencista ao Brasil, e o outro, o livro de atas da “União dos Livres Pensadores”, entidade fundada no mesmo ano, na cidade de São Carlos, interior do estado de São Paulo e com a presença e presidência de Belén de Sárraga. Ambos os documentos pertencem ao acervo histórico da Loja Maçônica “Eterno Segredo”. Quanto aos livretos de propaganda do Livre-Pensamento, estes pertenciam ao secretário daquela entidade, fundada por Belén e permaneceram guardados e preservados até o presente momento.

Sem a preservação, e mais que isto, sem a organização documental com critérios biblioteconômicos e arquivísticos, provavelmente este trabalho de pesquisa não existiria e, em seu lugar teríamos uma lacuna de informação sobre uma importante fase da história da cidade de São Carlos, do estado e mesmo do Brasil, além de desconhecermos a existência de Belén de Sárraga e suas ideias.

Em relação aos jornais, cabe destacar que hoje se constituem em importante fonte de informação, no entanto, o reconhecimento da importância deste tipo de fonte de informação, somente ocorreu na década de 1970, quando foram incorporados novos tipos de fontes de informação às pesquisas históricas, conforme aponta Leite (2015):

Esta ampliação das temáticas e abordagens contribuiu para a proliferação do universo das fontes de informação, e a imprensa que antes era tida como fonte suspeita e sem credibilidade, passou a ser considerada como material de pesquisa valioso e uma das principais fontes de informação e pesquisa histórica (LEITE, 2015, p. 6).

Ainda sobre a utilização dos jornais e seu conteúdo temos a seguinte advertência de Leite, demonstrando que é necessário observar a linha editorial do veículo informativo e mesmo buscar entender o posicionamento pessoal do jornalista, de maneira que “Ao elaborar um trabalho utilizando a imprensa como fonte e objeto de pesquisa, assim como qualquer outra fonte, o historiador deve em um primeiro momento, estabelecer uma postura crítica frente ao documento jornalístico” (LEITE, 2015, p.13).

Notadamente estas fontes de informação foram imprescindíveis para a composição do relato biográfico necessário ao entendimento do “sujeito”, autor dos textos abordados, pois este conhecimento do “sujeito”, como se demonstrará a seguir, é importante, no âmbito da Análise de Discurso.

O Campo de investigação conhecido como Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) tem sua constituição em época relativamente recente, constituindo-se e consolidando-se entre as décadas de 1940 e 1960, impulsionado por estudos sociológicos onde se destacam autores como Robert Merton (1910-2003). Este campo de investigação surge com o objetivo de lançar um olhar crítico e até, por que não dizer – já que se trata de um campo de investigação científica – lançar um olhar de autocrítica sobre o conjunto Ciência e Tecnologia e suas implicações na Sociedade. No entanto, nesta fase de consolidação, a análise se ocupava do campo científico institucional, pois acreditava-se que não caberia ao campo CTS a análise do conteúdo do conhecimento gerado (PREMEBIDA; NEVES; ALMEIDA, 2011, p. 25). No dizer de Bazzo et al. (2003) os estudos CTS devem ser “entendidos como uma reação acadêmica contra a

tradicional concepção essencialista e triunfalista da ciência e da tecnologia, subjacente aos modelos clássicos de gestão política” (BAZZO et al., 2003, p. 119). Este comportamento crítico se justifica, pois a Ciência e os benefícios dela advindos, que se costumou abarcar em um só conjunto denominado, para estes estudos, de Tecnologia, deveriam ser isentos de vícios e acomodações, com a pureza do interesse e do bem-estar humano acima dos interesses materialistas das instituições, acima dos interesses advindos das recompensas pessoais e por fim autorregulado por um sistema de avaliação por pares. Para conseguir estes intentos a Ciência precisaria ser autônoma, distante de qualquer interferência política e com o devido financiamento para poder, então, produzir sua finalidade primordial que é o conhecimento infinito da Natureza e como consequência natural o bem-estar do ser humano e o desenvolvimento econômico. Este pensamento se consolida especialmente nos Estados Unidos após a 2.^a Guerra Mundial e difunde-se igualmente pelos demais países industrializados (BAZZO et al., 2003, p. 122).

Mas a perspectiva de observação apenas institucional da Ciência e da Tecnologia também passou a ser questionada e, já a partir da década de 1970, surgem os movimentos que incluem na análise, o conteúdo do conhecimento gerado, entendendo-se que a aceitação mesmo na comunidade científica destes conteúdos também sofria influência dos processos de ordem social. Como o afirmam Premebida, Neves e Almeida: “O conhecimento científico, nesta perspectiva, não estaria livre dos condicionantes sociais, muito pelo contrário, sua validade e legitimidade possuem estreita correlação com as dinâmicas sociais que perpassam o campo científico” (PREMEBIDA; NEVES; ALMEIDA, 2011, p. 27). Em constante evolução, este campo de investigação recebeu contribuições preponderantes e conceitos e abordagens contemporâneos, têm aprofundado a investigação em Ciência e Tecnologia, com a adoção dos princípios do Programa Forte, de novos conceitos como o de “actante” e o de ator-rede que são atualmente bastante discutidos (Id., 2011, p. 27-28). Diversos autores enveredaram por este campo e com suas diferentes abordagens contribuem para o enriquecimento das discussões em torno de temas especialmente relevantes, como Bruno Latour, Jürgen Habermas, T. Adorno, Herbert Marcuse.

A análise crítica da Ciência implica em se retirar a crença de que ela não sofre pressões para servir a interesses econômicos e de dominação política. Não se trata de considerar os avanços científicos maléficos em si, o que seria a negação dos avanços que propiciaram ao ser humano um modo de vida mais confortável, mais seguro, mais saudável, por exemplo, enfrentando todas as adversidades impostas pelas condições climáticas do globo; enfrentando a relativa fragilidade de seu corpo, mediante os avanços da medicina; propiciando uma

alimentação mais rica e variada com a expansão do comércio e com o desenvolvimento da agricultura, com os avanços das comunicações, especialmente as digitais, etc. No entanto, ao lançar um olhar crítico sobre esses avanços busca-se entender se e quais deles realmente servem aos interesses sociais de melhoria das condições de vida ou se são criações que advêm de interesses de dominação econômica. Por exemplo, é esta a proposta de Marcuse, um dos expoentes da análise crítica da sociedade industrial e da Ciência dela derivada: “O meu propósito é demonstrar o caráter instrumentalista interno dessa racionalidade científica em virtude da qual ele é tecnologia apriorística, e o a priori de uma tecnologia específica – a saber, tecnologia como forma de controle e de dominação social” (MARCUSE, 1973, p. 153). Mesmo com as análises de Marcuse tendo se iniciado na década de 1940 e nos utilizarmos de obras escritas ainda em meados do século passado (1973) pelos excertos utilizados tem-se clara a atualidade de suas deduções. Ao observar a utilização de máquinas em substituição à força humana, Marcuse faz ver que essa força também representa a força contra o próprio trabalho, pois investida de interesses de dominação (MARCUSE, 1973, p. 25). Ao propor uma visão crítica sobre a realidade social, seus estudos nos levam a entender que a sociedade pode ser estruturada de modo diverso, que não é necessário aceitá-la exatamente como ela é, mas para isso é preciso observar seus mecanismos intrínsecos. Reforçando a atualidade de seus estudos, Marcuse expõe que uma das formas de se reprimir essas diferentes visões é pela “intensidade com que é [a sociedade] capaz de ‘entregar mercadorias’ em escala cada vez maior, usando a conquista científica da natureza para conquistar o homem cientificamente” (MARCUSE, 1973, p.17, acréscimo nosso). Além de fazer observar estes aspectos da Ciência e da Tecnologia, Marcuse também entende que é necessária uma nova perspectiva para a Ciência, partindo de uma nova relação do homem para com a Natureza e sua prática de investigação. Este autor foi escolhido, dentre outros cujos pensamentos e análises poderiam embasar esta pesquisa, ao propor perspectiva em um novo *ethos* científico onde não houvesse apenas a exploração e o domínio, mas também a generosidade, “da alegria e a plena fruição” (MELLO PISANI, 2009, p. 149-150). Com o devido cuidado nas comparações, também Belén de Sárraga propunha uma nova sociedade, que valoriza-se mais a Ciência, a mulher, a liberdade de decidir, de agir em todos os sentidos.

Inicialmente pode-se argumentar que os estudos sobre Belén de Sárraga não são conformes a um campo de estudos social-científicos como o CTS que estuda, através de metodologias científicas, a própria Ciência e a produção tecnológica dela derivada, com seus impactos e consequências sociais e ambientais, especialmente quando se sabe que as questões relativas àquela escritora e conferencista distam mais de cem anos no passado. No entanto, cabe

observar duas questões: em primeiro lugar os pesquisadores citados acima (PREMEBIDA; NEVES; ALMEIDA, 2011, p. 25), já apontaram a existência de estudos sociológicos sobre o conhecimento científico, em período anterior aos anos 1930, portanto praticamente contemporâneos a Belén de Sárraga, levados a efeito por filósofos como Max Sheler, Karl Mannheim e Ludwik Fleck. Em segundo lugar, é preciso observar a amplitude das áreas abarcadas pelo campo CTS, que se caracteriza como interdisciplinar. Neste sentido temos, por exemplo, no que concerne aos estudos de gênero, notadamente ao “apagamento” que as mulheres sofriam – e até hoje sofrem – quando suas atitudes e ideias incomodavam e até mesmo pelo simples fato de serem mulheres, como também a defesa da Ciência e da Razão contra os dogmas e a atuação social da Igreja Católica, uma das instituições mais poderosas daquela época. Sob os estudos de gênero Belén de Sárraga já expunha, no início do século passado, a necessidade de a mulher instruir-se para poder participar da vida econômica e política da sociedade, e a oposição não somente às suas ideias, mas ao fato de ser mulher, a forma preconceituosa e injuriosa como se referiram a ela (RAMOS PALOMO; RAMOS, 2019, p. 71). E ela foi também uma das mais ativas difusoras do Livre-Pensamento que visava a supremacia da Ciência e da Razão sobre os dogmas e preconceitos, como ela mesmo deixou registrado em uma de suas conferências: “A pesar de que todo se opone al desenvolvimiento de la Ciencia, vemos como ésta se desenvuelve para levantar más tarde su bandera libertadora. Hubo un momento en que el sacerdocio declaro inútil la Ciencia” (TONDA, 1913, p. 13), e ainda mais adiante, na mesma conferência: “La Ciencia ha enterrado las viejas utopias; todo llama a la vida en el Trabajo, en las industrias, en las grandes agitaciones del pensamiento y de la idea, grandes bases de la religión del porvenir” (TONDA, 1913, p. 14).

Quanto ao Livre Pensamento também tem-se, neste excerto de um folheto do início do século passado escrito pelo livre pensador Dario Vellozo (191[?]), uma descrição histórica da perda do poder eclesiástico sobre a sociedade e a exaltação da Ciência:

A Revolução Francesa não só partiu a tiara como espezinhou os lizes... Obra da reação libertária do servo feudal, esmagaria fatalmente em seu triunfo as duas tiranias: - a negra e a rubra: trono e altar... Era a apoteose dos architectos da consciencia livre, em nome da Razão e da Liberdade; era a Arvore da Sciencia que frutificava. Sazonada ao sol da Renascença, a *Roman edênica* abria generosamente nas mãos vigorosas dos enciclopedistas (VELLOZO, 191[?], p. 29, destaque e grafia originais).

Conclui-se, portanto, que as mensagens de Belén de Sárraga e do Livre-Pensamento, ainda que distantes no tempo, guardam correspondências e convergências em relação ao campo CTS, embora este seja de início relativamente recente. Acredita-se que ao se analisar suas

mensagens sob o prisma e as ferramentas de observação deste campo, é possível extrapolar a distância temporal para se observar a realidade hoje, e levantar questionamentos, observar e concluir se as sociedades conseguiram realmente superar as questões apontadas por Belén ou se sobre elas ainda existem pressões similares às que ela identificava. Ainda que nos dias atuais, deva considerar-se que as mudanças na postura da Igreja Católica, especialmente após a década de 60 com o Concílio Vaticano II (1965) e a Teologia da Libertação, que leva a Igreja Católica a pregar a defesa dos Direitos Humanos e o compromisso com as classes populares, e tenha havido uma transformação da religião que precisa ser analisada e compreendida em seu desdobramento social e político (PIERUCCI, 1987) e, assim se considere, portanto, que o anticlericalismo estaria ultrapassado, seu conhecimento histórico se faz necessário. Além do mais, em termos históricos, o caráter anticlerical do Livre-Pensamento e das conferências de Belén de Sárraga também podem ser enquadrados sob a ótica do campo CTS, quando se entende que o conhecimento científico também sofreu forte influência e oposição da Igreja Católica, quando ela determinava o que podia ou não ser aceito, como afirma a Prof.^a Évelyne Pisiér-Kouchner, ao expor a forte influência da Igreja Católica na validação do conhecimento, influência esta, ainda existindo entre os séculos XVII, XVIII e meados do XIX “onde os corpos políticos intermediários defendem o pensamento tradicionalista e cultivam a imagem medieval do mundo, na qual o **conhecimento se restringe à especulação e a moral e a política se fundam na teologia** (PISIER-KOUCHNER, 1985, p 322, grifo nosso). Esta situação somente mudaria no final do século XIX e início do XX, com a aproximação entre Estado e Ciência, mudança esta impulsionada pelo capitalismo e a indústria nascente (PISIER-KOUCHNER, 1985, p. 321). É preciso considerar que este caráter anticlerical deve ser relativizado nos dias de hoje e, mesmo que ele esteja fora de contexto, seu entendimento não deixa de contribuir como um alerta para que se estabeleça uma observação mais atenta e refinada sobre os agentes influenciadores da sociedade.

Desta forma considera-se pertinente com os estudos CTS a análise realizada sobre a narrativa de Belén de Sárraga, ao entender-se que a recomposição das pressões que a Ciência sofreu ao longo da história, mesmo que esta identificação e análise não tenha sido objeto desta pesquisa, possam ajudar a reconstruir a história da Ciência. A compreensão de quais mecanismos Belén de Sárraga identificava e quais atores combatia naquele momento histórico pode ser útil, se transposta para a atualidade, pois acredita-se ser possível pensar que suas mensagens sejam atuais, em sua substância primordial, - desconsiderado o anticlericalismo - qual seja, a evolução social por meio do conhecimento, ajudando a identificar atores que, mesmo em campos diversos e com expressões a atuações diferentes, também possam

influenciar a sociedade contemporânea de forma a mantê-la sob domínio da ignorância, muitas vezes disfarçada por uma falsa percepção de liberdade.

O presente trabalho de pesquisa analisou a conferência de Belén de Sárraga com o título de “Trayectorias Humanas” procurando identificar suas características discursivas, notadamente nos aspectos de autoria, história e ideologia; as que possam caracterizá-lo como representante do movimento Livre-Pensamento – cujas história e principais características serão apresentadas a seguir, em linhas gerais – e também procurando nessas marcas discursivas aquelas que sejam particulares à autora.

Nas expressões da língua, quer sejam elas orais ou escritas, pode-se observar diversos aspectos e diferentes nuances, muitos deles relacionados entre si e que perpassam a questão da mensagem que se quer transmitir. Pois todo discurso sofre interferências do local onde é produzido, da pessoa que o está produzindo, do público que o está recebendo as palavras, da época, do tema e de todas as possíveis combinações desses elementos. Assim entende-se que não basta simplesmente ler o enunciado, é necessário conhecer o contexto no qual ele foi produzido, a época em que o fato de deu, quem era a pessoa que o estava produzindo, o público para o qual foi produzido, além de outras que possam ser próprias e mais adequadas a outras abordagens teóricas utilizadas.

Para melhor compreender o lugar de fala de Belén de Sárraga foram utilizadas as abordagens teóricas da Análise de Discurso especialmente dos teóricos e filósofos como José Fiorin, Eni P. Orlandi, Michel Foucault, Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov.

3 ANÁLISE DE DISCURSO E A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

O estudo dos discursos de Belén de Sárraga mostra-se relevante por várias razões: primeiro porque, como exposto em seção anterior, sua presença em São Carlos e mesmo no Brasil, é praticamente desconhecida nos dias atuais, não obstante o fato de ser muito conhecida em vários países do mundo na época, motivando grande interesse em assistir suas conferências (LOTÚMOLO JÚNIOR, 2018). Ao não ser conhecido hoje, este fato caracteriza uma lacuna de informação que deve ser preenchida com pesquisas e reflexões; segundo porque, da mesma forma, o movimento ao qual ela pertencia com o um de seus expoentes, o Livre-Pensamento e o anticlericalismo que o caracterizava, também não são muito conhecidos ou estudados no Brasil (RUDY, 2017, p. 12), resultando que ao se estudar Belén de Sárraga e seus textos, subsidiariamente se conhece também estes movimentos e suas atuações no país, o que abre novos campos de investigação científica no Brasil. Apesar de pouco estudado, o anticlericalismo em nosso país se constituiu em um movimento expressivo desde o final do

século XVIII até meados do século XX, como bem explanado no trabalho “El anticlericalismo en el Brasil”, (MACHADO DE OLIVEIRA; RODRIGUES, 2013). Segundo esses autores a presença da Igreja Católica e o combate à sua influência política e social teve grande relevância no Brasil. Deve-se ter em mente que o país foi dedicado em seu “descobrimento” à Igreja, com a realização da 1.^a Missa e que o catolicismo somente deixou de ser a religião oficial com a instituição da República.

Através do estudo dos dizeres de Belén de Sárraga pretende-se entender que mensagens ela pretendia transmitir; quais seus objetivos; que fins pretendia alcançar; de que forma ela estruturava suas conferências para atingir esses objetivos. E este pode configurar-se como meio de se compreender o alcance e a influência de suas ideias, assim também de se fazer um exame crítico sobre os possíveis avanços ocorridos na Sociedade sob os aspectos defendidos pela conferencista e escritora. Além da produção de jornais na Espanha, na Argentina e no Uruguai (HOTTINGER-CRAIG, 2013; RAMOS PALOMO, 2006) Belén de Sárraga se notabilizou e se tornou muito conhecida como grande oradora, carreando grande número de ouvintes em suas apresentações (BOTTO MACHADO; VANGUARDA, 1906, p. 1, apud ESTEVES, 2015).

Desta maneira este trabalho de pesquisa tem seu foco sobre os discursos e textos escritos de Belén de Sárraga e, como já exposto, na época em que foram proferidos, pois não havia a possibilidade de se fazer registros sonoros, mas como alguns foram transcritos na primeira pessoa, em uma obra editada no Chile em 1913, foi um desses textos o escolhido para ser submetido à análise e cujo resultado é apresentado na seção 5.

O que se pretendeu não foi apenas apresentar o texto, o que como registro histórico já seria relevante, mas aprofundar a análise sobre o mesmo, buscando identificar nele e dele sua autoria, os contextos histórico e ideológico, ou seja, os múltiplos aspectos que um mesmo texto pode apresentar para além de sua mensagem. Além do mais demonstrar que a mensagem também depende da pessoa que o lê ou analisa. Mesmo o mais simples texto escrito pode transmitir muitas mensagens e múltiplos significados.

Desta maneira escolheu-se a Análise de Discurso como abordagem teórica capaz de identificar aspectos presentes em uma das conferências de Belén de Sárraga, procurando identificar os sentidos e os significados, não somente para aquele que produz o discurso como também para quem o discurso é dirigido, ou ao menos para aquele que toma contato com o mesmo. Entende-se que um discurso, um texto de modo geral, serve para comunicar ideias e sentidos, explícitos ou não, podendo também ser utilizado para o não dizer, ou seja, um discurso também comunica por aquilo que não diz, mas que pode estar implícito, como os significados

que são entendidos por quem recebe a mensagem, mesmo sem a intenção do autor. Mas além do aspecto concreto do próprio discurso como elemento de comunicação ele é em si um ente que permite identificar aspectos que estão para além da mensagem que se quer transmitir. Um discurso é um recurso que estabelece relações entre sujeitos e sentidos em uma variedade de possibilidades, o que leva à definição de discurso como sendo o “efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2020, p. 20). Assim, ao se levar em conta o que é dito, ou não, pelos vários produtores de sentidos, a partir do contato com um discurso há sempre uma relação, um diálogo entre o(s) produtor(es) e o(s) que o(s) interpreta(m). Mas sendo as interpretações pessoais, muitas vezes não aprendidas objetivamente, elas estão carregadas de “não-ditos” que a Análise de Discurso procura identificar e assim temos de Orlandi:

[...] a Análise de Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se assim novas práticas de leitura (ORLANDI, 2020, p. 24-25).

Normalmente se tem a ideia que o autor de textos e discursos esteja no domínio completo de seu objeto, no entanto, quando se estudam esses textos com maior profundidade descobre-se que não é exatamente o que ocorre. Sempre há a presença de outros discursos, de palavras e frases, em última instância de ideias que não são somente deles, mas que já foram ditas anteriormente e representam visões de mundo particulares a determinadas classes e grupos sociais e ou ideológicos: “A análise do discurso deve desfazer a ilusão idealista de que o homem é senhor absoluto de seu discurso. Ele é antes servo da palavra, uma vez que temas, figuras, valores, juízos etc. provém de visões de mundo existentes na formação social” (FIORIN, 1998, p. 77).

O fato de Belén de Sárraga ser conhecida e de ter-se acesso, se não a muitos detalhes, mas ao menos aos mais significativos fatos de sua vida e apresentados na seção 4.1.1; ainda em função de Belén ser um dos expoentes do Livre-Pensamento, um movimento ideário bastante conhecido na época, combativo e combatido; de que este movimento era constituído por várias vertentes, como afirma o Prof. Albert Bayet (BAYET, 2071, p 142), tornam seus discursos bastante relevantes em termos históricos e sociais. Havia porém, uma clara vertente predominante que era o anticlericalismo, ou seja, apresenta-se todo um contexto histórico e ideológico que se associa nos textos e conferências de Belén de Sárraga, o que levou à adoção para a análise de seus texto, no presente trabalho da Análise de Discurso de linha francesa.

Esta escolha deu-se em função do entendimento, por parte do analista autor da presente pesquisa bem como de sua Orientadora, de que as demais abordagens existentes e possíveis, por suas características, implicariam em resultados e possibilidades que se manteriam distantes dos aspectos elegidos para a análise. Tem-se como exemplo, a linha americana representada por Z. Harris que, pode ser considerado um dos precursores da Análise de Discurso, mas que “reduz o texto a uma frase longa” o que impede uma análise mais aprofundada sobre suas especificidades; da mesma maneira o estruturalismo europeu, representado por Halliday, ao não considerar nem a forma material do discurso ou a ideologia que permeia sua mensagem (ORLANDI, 2020, p. 16), deixam de se constituir opções adequadas em vista das questões da pesquisa e do contexto envolvido. Estas duas possibilidades, se utilizadas no presente caso, implicariam em deixar de levar em conta dois componentes essenciais à abordagem que se pretendeu fazer, a própria materialidade do texto e sua história e a ideologia presentes nos discursos de Belén de Sárraga.

A Análise Francesa, por outro lado, refletindo as mudanças nas concepções e abordagens ocorridas dentro da própria linguística com a expansão do entendimento do texto para além de seu conteúdo, incorpora outros aspectos. Introduzindo as noções de como se fala, quem fala, em que ambiente social, qual ideologia expressa ou de qual ideologia parte, a Análise de Discurso francesa busca a compreensão de como um discurso é capaz de expressar as ideias contidas e quais os processos de interpretação envolvidos (PAOLUN; NASCIMENTO; LARUCCIA, 2014, p. 28).

Michel Pêcheux (1938 – 1983) é considerado o iniciador da Análise de Discurso de linha francesa, com sua obra “Análise automática do Discurso”, editada em 1969 e ainda é referência na área. Segundo o entendimento daquele pesquisador, nas palavras de Orlandi (2020, p. 15), “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido.”

Para a presente pesquisa optou-se por utilizar teóricos representativos da linha francesa de Análise de Discurso, pois suas bases teóricas incluem os aspectos elegidos para a abordagem feita no discurso de Belén de Sárraga e que foram a autoria, a história e a ideologia. Temos então os brasileiros José Fiorin e Eni P. Orlandi, com suas abordagens que englobam aqueles aspectos. Fez-se a opção por utilizar também Michel Foucault que, com suas definições sobre os aspectos do discurso em termos de história, bem como representativos do poder, mas até mesmo como objetos do poder, trouxe imprescindíveis contribuições à abordagem que se pretendeu fazer, visto serem as conferências de Belén imbuídas de um claro propósito de

combate de ideias e de visões de sociedade e de mundo, de posições políticas, direcionadas a uma instituição fortemente presente na sociedade, caracterizando claramente embates de poder.

A objetividade da Análise de Discurso também é uma das questões-chave para Foucault para que os seus objetivos sejam alcançados e que ele deixou claro em sua obra “Arqueologia do Saber” (FOUCAULT, 2008). Para aquele filósofo a análise discursiva não se constitui da busca por um não dito; da busca de intenções escondidas ou, como ele mesmo escreveu, não se trata da busca pela:

[...] palavra muda, murmurante, inesgotável [...] A análise do pensamento é sempre *alegórica* em relação ao discurso que utiliza. [...] A análise do campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui (FOUCAULT, 2008, p. 31, destaque no original).

Da mesma forma ele ainda propõe que, no campo discursivo, os limites da análise sejam estreitos; que não se busque outros discursos subjacentes, mas que se busque entender porque aquele discurso exclui outros, porque foram escolhidas aquelas formas, aqueles dizeres, que tornam aquele discurso singular.

Ao fazer parte de um movimento que procurava fazer frente a uma instituição tão poderosa e com tanta penetração social quanto a Igreja Católica, fica claro que o estudo dos discursos proferidos pela conferencista não eram apenas mensagens que se transmitiam de um enunciadador A para um destinatador B – nomenclatura utilizada por Fiorin (2002, p. 65) -, por intermédio de um canal, com seus ruídos inerentes. Havia todo um conjunto de circunstâncias, saberes e representações de poder, dizeres e esquecimentos, que estavam envolvidos na produção e na difusão das falas de Belén de Sárraga. Eram diálogos entre ela, Belén e seus assistentes, mas mesmo ela não era “apenas” a representação de si mesma, mas também de um movimento. Seu público mais direto, constituído pelas pessoas que a ouviam, também era simpatizante em sua grande maioria. Quando se leva em consideração essas questões fica evidente a complexidade das questões envolvidas e presentes nos discursos.

Desta feita somou-se aos teóricos da linguagem e da comunicação citados anteriormente, também Mikhail Bakhtin – e outro autor do chamado Círculo de Bakhtin, como Valentin Volóchinov – com suas contribuições no campo dos sentidos e significados e sua abordagem dialógica. Ainda que Bakhtin não tenha sido propriamente um pesquisador da Análise de Discurso – embora a Análise de Discurso tenha surgido alguns anos antes de sua

morte, não se pode afirmar que ele tenha estudado as teorias desse campo – é inegável a contribuição de suas ideias àquele campo de investigação, através de seus estudos sobre linguística.

Aqui cabe fazer uma ressalva necessária ao embasamento teórico apresentado, para a qual recorreremos ao pensamento de Sargentini (2006), pesquisadora que afirma ser preciso cuidado para a utilização dos pensamentos de Foucault e Bakhtin, quando utilizados em um mesmo trabalho teórico – e ainda entre esses dois e Pêcheux, embora este último não faça parte direta neste trabalho – pois existem diferentes abordagens sobre autoria, ideologia e mesmo sobre discurso/enunciado em cada um deles e a utilização das teorias oriundas e defendidas por eles precisam ser adotadas com cuidado. Embora alguns conceitos notadamente pertencentes ao conjunto de teorias estabelecidos por Bakhtin, como polifonia e dialogia, estejam presentes na Análise de Discurso de linha francesa, o reconhecimento das contribuições da obra bakhtiniana somente ocorreram a partir do final dos anos 80, e apenas após a morte de Pêcheux, que aliás rejeitava as teorias de Bakhtin. Uma outra situação que pode ter contribuído para sua tardia aceitação é o fato de Bakhtin somente se tornou mais conhecido na França na década de 1970, por meio de seminários e artigos implementados e escritos por Julia Kristeva (NARZETTI, 2009, p. 188 - 189). Este período é considerado o terceiro da constituição da Análise de Discurso de linha francesa, e coincide com a inserção e reconhecimento dos conceitos de Bakhtin, fato corroborado por Mazzola:

Os limites da terceira época ainda não estão bem definidos. J.-J. Courtine (1981) a considera entre 1980 e 1983 – quando se dá a morte de Michel Pêcheux. Outros historiadores afirmam que ela se estende até os dias de hoje. Nesse momento, já estão incorporados à teoria discursiva elementos derivados dos trabalhos de M. Foucault e de **M. Bakhtin** (MAZZOLA, 2009, p. 14, grifo nosso).

Embora rejeitando as ideias de Bakhtin, Pêcheux considerava a necessidade de aprimoramento dos conceitos da Análise de Discurso e, como um de seus idealizadores, escreveu em 1975 juntamente com Catherine Fuchs, um artigo denominado “A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas”, expondo a necessidade de se “refletir e reformular esse campo teórico devido às dúvidas que surgiram a partir dos trabalhos concebidos com base na análise automática do discurso” (MAZZOLA, 2009, p. 12). Da mesma maneira Gregolin (2003), entende que as teorias de Bakhtin sobre “gênero, polifonia, cronotopo, carnavalização, formas de incorporação do outro à linguagem, definição do outro”, foram incorporadas à Análise de Discurso apesar das ressalvas de Pêcheux (GREGOLIN, 2003,

p. 30-31). Assim, considera-se que a utilização dos conceitos desenvolvidos por Bakhtin sejam pertinentes com a Análise de Discurso e com a abordagem que se pretendeu neste trabalho.

Mikhail Bakhtin foi o primeiro dos estudiosos da linguagem a abordar o dialogismo (FIORIN, 2002, p. 61-62), ou seja, a perspectiva sob a qual nas palavras proferidas por uma pessoa “ressoa a voz de outrem”. No presente caso o que se procurou observar nos discursos de Belén de Sárraga, além de outros aspectos, como a ideologia e o momento histórico, mas também quais as demais vozes presentes, quem mais ela representava além dela mesma.

Para Bakhtin (2017) – e assim também para Orlandi (2020) – existe um “esquecimento” da palavra do outro, das palavras que já foram empregadas anteriormente, em outros discursos proferidos por outras pessoas, de maneira que as palavras não têm dono, esquece-se sua origem, quem as pronunciou primeiro. E essas palavras são apropriadas pelo autor dos discursos como se suas fossem, em um processo na consciência interior que aquele autor considera como “monológico”. Ao apropriar-se das palavras alheias como se fossem suas o autor lhe empresta “autoridade”, carregando de significados simbólicos especiais as palavras “esquecidas”.

A consciência criadora monologizada une e personifica frequentemente as palavras do outro, tornadas vozes alheias anônimas, em símbolos especiais: ‘voz da própria vida’, ‘voz da natureza’, ‘voz do povo’, voz de Deus’ etc. Papel desempenhado nesse processo *pelo discurso de autoridade*, que habitualmente não perde seu portador, não se torna anônimo (BAKHTIN, 2017, p. 70, destaque no original).

Esse entendimento é importante na abordagem que se fez dos discursos de Belén de Sárraga, pois ela criou, como se relata a seguir, uma imagem de autoridade no que se refere ao Livre-Pensamento, fazendo com que muitas pessoas se dirigissem aos locais para ouvir suas conferências e sua chegada às cidades fossem noticiadas com dias de antecedência (LOTÚMOLO JUNIOR, 2018).

Observa-se que quando se aborda um discurso, quer seja impresso, quer seja expresso verbalmente, aspectos que pareciam simples descortinam-se como bem mais complexos o que torna a Análise de Discurso uma rica fonte de possibilidades e descobertas.

Sobre o fato de os discursos, ou as conferências – como se chamava na época, nas notícias apresentadas sobre Belén de Sárraga, - terem sido impressas, o que difere daquilo que se costuma considerar de discurso, ou seja aquele que é apresentado oralmente, vale lembrar que eles foram apresentados pela conferencista oralmente e depois transcritos e impressos em formato de livro, inclusive em primeira pessoa, como neste trecho da 1.^a conferência de Belén, do Chile, que tem o título de “Trayectorias Humanas”: “Y, después de esta manifestación, no

me presento, pues, a vosotros, como una extranjera que pide hospitalidad en suelo extraño; yo llego hasta vosotros como una hermana por la sangre y como una compañera por la causa” (TONDA, 1913, p. 8).

Sobre este aspecto deve-se ter em mente que a forma de se apresentar um discurso, ou mesmo um diálogo direto entre duas ou mais pessoas é apenas uma das maneiras sob a qual um discurso pode se apresentar. Deve-se, portanto, considerar que ao tornar impressas as conferências de Belén, quase certamente com a contribuição direta dela, como exposto na secção 4.1 da presente pesquisa, ele ganha bastante verossimilhança com o discurso proferido oralmente, não importando se é um diálogo entre duas pessoas, um trabalho científico ou de divulgação de ideias. Nas palavras de Volóchinov (2017, p. 219): “Um livro, ou seja, um discurso verbal impresso também é um elemento da comunicação discursiva”. Sobre as demais vozes presentes nos discursos, o que torna a análise mais rica, o mesmo autor, fazendo referência ao dialogismo ainda afirma:

Além disso, esse discurso verbal é inevitavelmente orientado para discursos anteriores tanto do próprio autor quanto de outros, realizados na mesma esfera, e esse discurso verbal parte de determinada situação de um problema científico ou de um estilo literário. Desse modo, o discurso verbal impresso participa de uma espécie de discussão ideológica em grande escala: responde, refuta ou confirma algo, antecipa as respostas e críticas possíveis, busca apoio e assim por diante (VOLÓCHINOV, 2017, p. 219).

Este posicionamento de Volóchinov permite abordar com segurança as conferências de Belén de Sárraga impressas, mesmo que elas tenham como ponto de partida os originais como expressões orais.

Em relação ao dialogismo, para Bakhtin, este se estende inclusive em relação ao pesquisador, - que ele chama de “entendedor” - aquele que procura fazer a interpretação do diálogo que está ocorrendo e que, apesar de não ser a quem se endereça a mensagem ou que a produz, não está fora do processo discurso. Este “entendedor” se torna parte do processo discursivo e ao proceder a análise “integra o sistema dialógico como elemento dialógico e de certo modo lhe modifica o sentido total”. O pesquisador assume uma “posição específica”, significando que a análise resultante também é pessoal, pois carrega todo o conjunto de valores individuais e coletivos, além do momento no qual ocorre a análise (BAKHTIN, 2016, p. 104). Não há, dessa forma, plena isenção na análise por parte do pesquisador. O mesmo entendimento se tem em Orlandi (2020), quando aquela pesquisadora afirma que a questão a ser respondida através da análise, bem como o caminho a ser percorrido no desenvolvimento da pesquisa são

de responsabilidade do analista. Entende-se, desse modo, que não há um caminho único, uma abordagem única, um formato único, assim como não haverá apenas um resultado possível. Também o material que o analista tem em mãos determinará quais recursos analíticos e teóricos serão mobilizados para o desenvolvimento da pesquisa. Conclui-se, portanto, que existe uma tensão entre os dispositivos teóricos utilizados para dar sustentação à abordagem e os dispositivos analíticos, estes últimos de responsabilidade do analista. Nas palavras da autora: “Daí dizermos que o dispositivo teórico é o mesmo mas os dispositivos analíticos, não. O que define a forma do dispositivo analítico é a questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise” (ORLANDI, 2020, p. 25).

Este aspecto da Análise de Discurso, segundo o qual o analista tem total responsabilidade sobre o “dispositivo analítico” pode parecer, a primeira vista, uma vantagem ou facilidade, ao permitir maior liberdade para escolher e justificar suas decisões metodológicas, os recortes que constituem o *corpus*, ficando condicionado à rigidez apenas do dispositivo teórico. No entanto esta vantagem é apenas aparente, pois entende-se que exige maior cuidado na análise ao apresentar um campo mais vasto de possibilidades, o que pode implicar em fuga dos objetivos da pesquisa ou a dispersão por outras instâncias que não estejam relacionadas à questão formulada inicialmente. Assim foi preciso estabelecer alguns parâmetros sob os quais a análise se pautou com a finalidade de impedir esses possíveis deslizamentos. As características do material, da autora e do contexto da produção dos discursos com sua finalidade, levaram a definição dos seguintes aspectos delineadores: a autoria, a história que permeia a autora e o contexto de produção dos discursos e a ideologia envolvida.

3.1 A escolha e delimitação do *corpus* da pesquisa

A escolha do(s) texto(s)², ou seja, a delimitação do *corpus* para a Análise de Discurso e a delimitação de recortes que levem aos resultados estabelecidos pelo próprio analista caracteriza o que se considera o *corpus* da pesquisa. Essa caracterização se constrói a partir dos próprios materiais que o analista tem em mãos, sendo que também a questão de pesquisa contribui para o estabelecimento do *corpus*. O *corpus*, de certa forma, estabelece uma relação entre a questão levantada pelo analista e pela teoria de que se utiliza para abordar o discurso (ORLANDI, 2020, p. 61- 61). Desta maneira a própria escolha da abordagem depende da

² Esses textos foram comparados com outros textos produzidos por outros autores, também adeptos do Livre-Pensamento, produzidos e difundidos contemporaneamente à existência de Belén de Sárraga e distribuídos na cidade de São Carlos, e que são de propriedade do autor da pesquisa, bem como com o que se pode recuperar nos jornais da época através de acesso por meio de portaldigital.

delimitação do *corpus* estabelecido pelo analista que usa critérios próprios em consonância com o material que tem à mão. O *corpus* é estabelecido, mas de certa forma estabelece ele mesmo sua própria delimitação. Segundo Lira da Silva e Silva (2013) é preciso considerar que o *corpus* da pesquisa não deve ser delimitado com rigidez, mas ao contrário estar aberto para inserções ou subtrações, durante o processo de análise, com a finalidade de permitir que outros materiais sejam inseridos, ou retirados conforme se avança na análise. Porém, as mesmas autoras destacam a homogeneidade como fator importante para a análise uma vez que diferentes materiais merecem abordagens diferentes e, da mesma maneira “os materiais estudados devem ser sincrônicos, visto que o corpus é uma interseção da história” (LIRA DA SILVA; SILVA, 2013, p. 6). Desta forma entende-se que o estabelecimento de um *corpus* inicial é um dos passos importantes para a análise, mas que este não fica irremediavelmente definido com seus limites estabelecidos, havendo sempre a possibilidade de alterações à medida que a abordagem avança em um “ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao *corpus* e análise. Esse procedimento dá-se ao longo de todo o trabalho” (ORLANDI, 2020, p. 65).

Para a análise pertinente a esta pesquisa a escolha recaiu, de modo mais amplo sobre a expressão mais conhecida e mais próxima do pesquisador, qual seja, as conferências apresentadas por Belén de Sárraga. Como exposto em seu breve relato dos dados biográficos – sub-seção 4.1.1 deste relatório -, Belén dirigiu jornais e revistas de cunho anticlerical, representando o movimento Livre-Pensamento, e proferiu conferências sobre vários temas correlatos ao longo de vários anos, em diversas ocasiões e em vários países. Em virtude da época em que foram produzidos apesar do aparente grande volume de escritos, uma quantidade relativamente pequena chegou até nossos dias estando disponível para pesquisas. De todo o material que pode ser acessado os mais significativos constituem-se de dois livros: “Conferências” escrito em 1913, a partir das 9 conferências proferidas por Belén de Sárraga em Santiago, capital do Chile, onde estão registradas as conferências produzidas entre janeiro e fevereiro e que contaram, ao que tudo indica com a participação da própria Belén embora ela não conste como autora. O segundo é um livro de autoria declarada de Belén, publicado em Portugal em 1914, de título “El Clericalismo en América: A través de un continente” (SÁRRAGA, 1914), onde Belén descreve com certo detalhamento sua viagem através do continente americano, inclusive o Brasil e várias cidades visitadas, apontando as particularidades dos países e suas regiões, todas sob a ótica do Livre Pensamento e dos embates com os defensores da Igreja Católica. Considerou-se para esta pesquisa como mais relevante os textos que constituem o livro “Conferências” (TONDA, 1913), pois são desenvolvidos, em cada uma delas, temas significativos sobre o Livre-Pensamento e com uma exposição direta do

pensamento da autora e as bases do anticlericalismo, sua visão de mundo e das forças conflitantes. Dentre as 9 conferências que compõem o livro, também foi necessário fazer um recorte que fosse representativo segundo a relevância perante o conjunto e ao mesmo tempo perante, novamente o Livre-Pensamento, com a exposição de suas principais características. Assim a escolha recaiu sobre a primeira conferência, na ordem em que se apresenta no livro, denominada “Trayectorias Humanas”. Dado o tamanho dos textos e do livro de forma geral, não se apresentou aqui o texto completo, porém o mesmo pode ser encontrado por meio digital na Biblioteca Nacional do Chile, disponível para *download* – endereço constante das referências da citação acima.

Este texto, que como se afirmou acima, aparece em primeiro lugar na obra, e foi também cotejado, de forma não muito aprofundada, com outro texto de um Livre Pensador brasileiro, contemporâneo de Belén de Sárraga e bastante conhecido no meio livre pensador da época, chamado Dario Vellozo. A intenção foi a de demonstrar como dois textos escritos por pessoas que estavam em regiões relativamente distantes e com culturas e origens diferentes partilhavam ideias semelhantes e temas que eram relevantes ao Livre-Pensamento, reforçado a ideia de que Belén de Sárraga representava as ideias daquele movimento em outros países. O texto de autoria do brasileiro, denomina-se “Derrocada Ultramontana” e foi escrito na década de 1910 (RUDY, 2019, p. 118).

4 ASPECTOS CONSIDERADOS E ANALISADOS: AUTORIA, HISTÓRIA E IDEOLOGIA

Os aspectos ou categorias levadas em consideração para a realização das análises estão nucleados, tematicamente, em torno da autoria, da história e da ideologia. Por se tratar de discursos proferidos por uma personagem com existência real, uma pessoa localizável no tempo e no espaço, uma das instâncias necessariamente presente na análise é a própria autora dos discursos, com sua história de vida e sua atuação, além das circunstâncias em que os discursos ocorreram.

Belén de Sárraga é e era considerada uma das mais importantes representantes de um movimento de ideias, também bem caracterizado no tempo e no espaço conhecido como Livre-Pensamento. Na época em questão, qual seja, o final do século XIX e início do século XX, o Livre-Pensamento caracterizava-se por um forte anticlericalismo, ou seja, uma forte oposição à presença da Igreja Católica no meio político e social, notadamente como reação ao movimento daquela instituição que ficou conhecido como “ultramontanismo” – também inerente à aquele período. Depreende-se facilmente os aspectos ideológicos envolvidos no jogo de forças e

embates de ideias e de visões de mundo, de um e de outro lado, e que estão melhor detalhados na seção 4.2.1.

Depreende-se, portanto, que para o caso em questão três aspectos estão relacionados e contribuem ao mesmo tempo, na produção dos textos e mais particularmente nos discursos de Belén de Sárraga: a autoria, caracterizada pela própria história da autora e mais os aspectos inerentes à sua posição frente ao movimento que representava; o momento histórico em que estavam inseridos seus discursos; e a mensagem ideológica que eles continham. Naturalmente é apenas uma divisão didática, necessária à apresentação das ideias, pois impossível é separar essas instâncias da produção de sentidos objetivados pela autora. É o que Orlandi considera como aspectos da produção do discurso em sentido amplo: “as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico” (ORLANDI, 2020, p. 29). Assim temos Belén de Sárraga: mulher, espanhola, iniciada na Ordem Maçônica, Livre Pensadora escritora e oradora, viajando por diversos países e apresentando suas conferências.

Não se pode deixar de considerar também a existência de mais dois aspectos que são, o público ao qual seus discursos eram dirigidos e também o papel do pesquisador que realiza a análise segundo critérios teóricos somados à sua visão e percepção pessoais.

O público que assistia as conferências era, em sua grande maioria, simpático às ideias do Livre-Pensamento, pois como apresentado no relato biográfico, suas conferências eram bastante concorridas, chegando-se mesmo a haver cobrança de ingresso para assisti-la com o valor arrecadado sendo destinado à obras culturais (LOTÚMOLO JUNIOR, 2018, p. 41).

Quanto ao analista – aqui se inclui também os demais interessados na leitura da presente pesquisa – deve-se levar em conta a distância temporal dos fatos que, se por um lado pode ajudar no distanciamento, por outro chama a atenção para se considerar que os valores e os significados dos fatos contemporâneos à produção dos discursos, certamente não são os mesmo que estão presentes hoje. Considera-se que o que se entende por *liberdade* e, mais particularmente a liberdade de pensamento, era um valor pessoal, social e político diferente dos dias atuais e compunha a base ideológica do Livre-Pensamento. Daí resultou a necessidade de o analista buscar refletir sobre seu significado para si, além de procurar instigar a reflexão nos possíveis leitores da presente pesquisa. O resultado foi a inserção da seção “evolução do conceito de liberdade”.

Antes de entrar na apresentação das bases teóricas da Análise de Discurso que embasaram a abordagem dos discursos de Belén de Sárraga, propõe-se algumas reflexões também sobre os significados dos aspectos autoria, história e ideologia. Entende-se que para alcançar os possíveis sentidos daqueles aspectos, tanto para o analista e possíveis leitores, como

para poder compreender-se o que os teóricos, cujas ideias embasaram a presente pesquisa, expuseram, é necessária uma reflexão prévia sobre esses aspectos. Em suma, o que se quer com a seção a seguir é, consoante com o objetivo do presente trabalho, refletir sobre os significados e sentidos, instigar e proporcionar a reflexão sob os aspectos que foram observados, analisados e discutidos sobre discursos de Belén de Sárraga, especialmente sobre liberdade, autoria, história e ideologia.

4.1 Autoria: revelando o sujeito e sua visão de mundo

Normalmente entende-se o autor como o produtor intelectual de determinada obra, seja ela escrita, oral, tridimensional, musical, artística. Ou seja, é a pessoa ou conjunto de pessoas, ou mesmo instituições, que realizaram a produção intelectual de qualquer ação. Encontramos no dicionário Lello Universal, uma definição que, por ser sintética, acaba por abranger as mais diversas possibilidades: “Causa principal de uma coisa; [...] O autor é figura própria do direito de propriedade intelectual” (AUTOR, [195-?], v.1, p. 259).

O aspecto autor ou às vezes chamado de sujeito, ou do enunciador no dizer de Fiorin (1998), é essencial para a Análise de Discurso, pois é ele quem produz o material que se está analisando e traz consigo toda a carga pessoal e ideológica que o pode caracterizar. Segundo Fiorin, é preciso distinguir o enunciador real, a pessoa que produziu o texto, daquele que está presente no texto. Isto não significa que sejam pessoas absolutamente diferentes, mas “é o discurso que irá revelar quem é o sujeito [autor], qual é sua visão de mundo” (FIORIN, 1998, p. 49, acréscimo nosso). Desta forma pode-se entender que, ao menos em teoria, em cada discurso, mesmo produzido pela mesma pessoa, pode ser encontrado um autor diferente, entendendo essa diferença como sendo relativa ao discurso proferido, o que não implica que as mensagens sejam diferentes, embora a rigor até possam sê-las. Insistindo ainda mais nessa visão do autor, em outra obra, Fiorin (2018, p. 56) ainda esclarece a existência dessas duas instâncias que ele chama de “eu pressuposto” (enunciador) e a do “eu projetado” no interior do enunciado que é o narrador. Para cada uma dessas instâncias corresponde também um “tu pressuposto” e um “tu projetado”, que seriam as instâncias para as quais os discursos são dirigidos, ou seja, para uma – ou mais – pessoa real que recebe a mensagem, e para uma – ou mais – pessoa para a qual se pensa em transmitir a mensagem. Nas palavras de Fiorin:

O eu e o tu são ao actantes [pessoa ou coisa que participa, ativa ou passivamente da ação] da enunciação, os participantes da ação enunciativa.

Ambos constituem o sujeito da enunciação, porque o primeiro produz o enunciado e o segundo, funcionando como uma espécie de filtro, é levado em consideração pelo eu na construção do enunciado. Com efeito, a imagem do enunciatário a quem o discurso se dirige constitui uma das coerções discursivas a que obedece o enunciador: não é a mesma coisa produzir um texto para um especialista numa dada disciplina ou para um leigo: para uma criança ou para um adulto (FIORIN, 2018, p. 56, entre colchetes, explicação nossa).

Estas definições expõem a complexidade da questão do autor, para a Análise de Discurso, que é assim muito mais abrangente e profunda do que normalmente se entende ao pensarmos o termo autor.

Aqui se apresenta outra questão relevante, qual seja, o público para qual Belén se dirigia em seus discursos. Em diversas ocasiões, noticiadas pelos jornais da época, Belén de Sárraga foi recebida na chegada às cidades por representantes dos movimentos do Livre-Pensamento locais e por outras entidades sociais, como sindicatos, organizações civis e filosóficas, que também eram simpatizantes daquele movimento ideário. O mesmo ocorria em suas conferências quando ela era interrompida diversas vezes por aplausos (LOTÚMOLO JUNIOR, 2020, p. 89), assim é natural que a linguagem utilizada pela autora tenha sido relativa às expectativas criadas pela própria Belén em relação aos seus ouvintes. Esta ideia condiz também com as observações de Rehdan (2003, p. 2, explicação no original) ao explicar o conceito dialógico em Bakhtin: “O locutor enuncia em função da existência (real ou virtual) de um interlocutor, requerendo deste último uma atitude responsiva, com antecipação de que o outro vai dizer, isto é, experimentando ou projetando o lugar de seu ouvinte”.

Completando o significado de sujeito/autor traz-se a posição de Orlandi (2020) para quem, ao criar o texto/pronunciar um discurso, o autor se apropria, na maioria das vezes, sem o saber, de outros discursos que foram “esquecidos”, desde o momento em que aprendemos a língua através da qual nos comunicamos. O sujeito passa a utilizar de sentidos cuja origem foi esquecida e que acabam sendo internalizados, acabam por fazer parte do sujeito de tal maneira que, na maioria das vezes, não há consciência de que se está utilizando uma ideia, um sentido que não é dele, que é de algum outro cuja identidade não se conhece. No dizer da autora: “Os sujeitos ‘esquecem’ que já foi dito – e este não é um esquecimento voluntário – para, ao se identificarem com o que dizem, se constituírem em sujeitos” (ORLANDI, 2002, p. 34). Neste processo de apropriação e esquecimento dos sentidos, pode-se identificar dois processos distintos: a paráfrase e a polissemia, ambos em constante tensão dentro do discurso. Através da paráfrase há sempre o retorno ao que há na memória, inclusive do(s) outro(s), sempre um retorno ao que já foi dito (ORLANDI, 2020, p. 34). Por exemplo, no caso em questão, a

paráfrase está presente através do que está estabelecido a respeito do pensamento anticlerical defendido por Belén e que foi uma das bases do Livre-Pensamento. Porém, Belén ao produzir seu discurso se apropria do que foi dito e passa a dizer como se seu fosse, com suas palavras, com as escolhas que refletem seu aspecto de autoria, constituindo seu dizer, e sob a ótica de Orlandi, era mesmo dela, pois era Belén quem escolhia as palavras, formava as frases, significava e “ressignificava” os sentidos, constituindo-se dessa maneira em sujeito/autora (ORLANDI, 2020, p. 35).

Aqui se faz necessário alguma ponderação para não parecerem incoerentes os pensamentos emitidos e registrados nesta pesquisa sobre o que disse Foucault e Orlandi à respeito da análise de discurso, quando eles tratam de seus limites e objetivos. Ao afirmar que a Análise de Discurso não visa encontrar a “palavra muda, murmurante, inesgotável”, Foucault (2008, p. 33) afirma que não se deve buscar encontrar o “que se quis dizer”, mas não foi dito, como se houvesse alguma mensagem subliminar sob as palavras; algo que pudesse ser decifrado; alguma mensagem escondida. De forma semelhante temos em Orlandi (2020, p. 24) a mesma afirmação: a Análise de Discurso “não procura um sentido verdadeiro através de uma ‘chave’ de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há verdade oculta atrás do texto”. Muito ao contrário deve-se ter objetividade e a abordagem deve se ater exclusivamente ao que foi dito/escrito. O que é diferente de trazer à tona o que foi dito/escrito por outros falantes que estão presentes no discurso. Assim também se dá em relação ao momento histórico e à ideologia presentes nos textos, embora subentendidos e, até certo ponto, sejam partes integrantes do discurso, eles estão presentes, embora “não ditos”, em muitos casos.

Ainda sobre o aspecto autor, Foucault (2014) pondera que existe um lugar a ser ocupado pelo autor do discurso que escapa ao seu domínio pessoal e está determinado por instâncias como as instituições, a sociedade, as expectativas em torno de suas mensagens. Mas esse lugar também é determinado pelas censuras e impedimentos e formalismos. Deve-se ponderar, portanto, que o autor também se caracteriza por uma posição perante o discurso e seus significados que não lhe é própria, pessoal, mas estabelecida por uma série de circunstâncias sociais, institucionais e políticas – no amplo sentido da palavra, que acabam por exercer controle sobre o que se diz. Embora em muitas ocasiões o autor aceite ser transportado para esta posição que é determinada pelo próprio discurso, pode ocorrer que ele não se dê conta de que não é absolutamente livre para dizer o que quiser. E Foucault vai além e, de certa forma, faz ver o sujeito pelo discurso, invertendo a posição de objeto e observador. Assim tem-se daquele filósofo a afirmação de que ao se pertencer à certas “‘doutrinas’ (religiosas, políticas,

filosóficas)” (FOUCAULT, 2014, p. 39) experimentam-se também exclusões, pois essa variedade de organização exerce pressão sobre o autor dos discursos ao questionar o conteúdo do que se diz. Ilustrando seu pensamento, destaca-se:

Mas, inversamente, a doutrina questiona os enunciados a partir dos sujeitos que falam na medida em que a doutrina vale sempre como o sinal, a manifestação e o instrumento de uma pertença prévia – pertença de classe, de status social ou de raça, de nacionalidade ou de interesse, de luta, de revolta, de resistência ou de aceitação. A doutrina liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros. [...] A doutrina realiza uma dupla sujeição: dos indivíduos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo, ao menos virtual, dos indivíduos que falam (FOUCAULT, 2014, p. 40-41).

Na conferência que foi submetida à análise e cujos resultados serão apresentados, a autoria é analisada sob as ponderações expostas acima e, assim, se procurou demonstrar como era composta a autora Belén de Sárraga no momento em que produzia seu dizer, demonstrando como o aspecto autoria pode ser complexo na perspectiva da Análise de Discurso e a importância do entendimento do contexto histórico, de quando o discurso foi produzido.

4.1.1 Relato biográfico de Belén de Sárraga: autoria e história de vida

Como exposto em seção anterior Belén de Sárraga é praticamente desconhecida no Brasil nos dias de hoje, embora seu amplo reconhecimento e fama internacionais, especialmente nas primeiras décadas do século XX. Desta forma é necessário para as finalidades desta pesquisa, compondo o aspecto autoria, mas também como forma de contribuir para o resgate histórico desta personalidade que tanto contribuiu para a difusão de ideias de liberdade de pensamento, que se apresente um pouco da vida da escritora e conferencista.

A maior parte das informações que se seguem sobre a vida de Belén de Sárraga, notadamente as de sua vida familiar, desde seu nascimento, parecem possuir uma fonte antiga comum, qual seja, um relato denominado “Noticias de su vida” e que consta da parte final do livro “Conferências” e escrita por Carlos Rivera, diretor do jornal “La Razon” responsável pela publicação do mesmo livro. Esta publicação “Conferências” contém as 9 conferências proferidas por Belén em Santiago, capital do Chile, entre janeiro e fevereiro de 1913. Até o presente momento este relato parece ser a fonte mais antiga sobre a vida pessoal da escritora, pois os escritos da fase inicial de sua vida se reportam a esta publicação. Há que se registrar aqui que, embora Belén não conste como autora do livro, as conferências que constam da obra estão na primeira pessoa, mostrando que ela teve participação em sua composição, o que é

reforçado por uma foto da época que mostra Belén ladeada por Carlos Rivera e Federico R. Tonda, este último autor de uma análise para cada uma das conferências e que também compõe a referida obra. Em secção próxima este livro será apresentado em maiores detalhes. Outras fontes importantes são os trabalhos das pesquisadoras Profa. Dra. Maria Dolores Ramos Palomo da Universidade de Málaga a Profa. Dra. Sylvia Hottinger-Craig da Universidad Carlos III de Madri. Belén de Sárraga viajou por diversos países do Continente Americano e esteve no Brasil por 4 vezes. Uma importante fonte de informações sobre as viagens ao Brasil, e que ajudaram a compor um quadro mais completo sobre a escritora e conferencista, são as notícias constantes do acervo digital do jornal “O Estado de São Paulo” (ACERVO ESTADÃO – O ESTADO DE S. PAULO, [s.d.]). Para se ter uma medida da repercussão das visitas de Belén ao Brasil e à Argentina entre 1911 e 1931, foram localizados no acervo daquele jornal cerca de 140 notícias sobre Belén de Sárraga, em um período total de apenas 9 meses.

Sobre a vida de Belén de Sárraga sabe-se que ela nasceu em 10 de junho de 1873 (TONDA, 1913), - mas dependendo da fonte pode constar o ano de 1872 ou até 1874 – na cidade de Valladolid, Espanha, primeira filha do casal Vicente de Sárraga, capitão do exército e de Felícia Hernandez Urgón. A família de Belén foi obrigada a deixar a Espanha em 1874, pois ocorreu na Espanha a volta ao Regime Monárquico (RESTAURAÇÃO BOURBON NA ESPANHA, 2018) e seu pai era ferrenho defensor da República, sendo então transferido para a pequena cidade de Melilla localizada no norte da África e, até hoje, um Território Aautônomo espanhol (ALBUQUERQUE, 2018). Algum tempo depois a família se transferiu para Porto Rico, país localizado no Caribe, onde moravam os avós paternos de Belén. As informações que se seguem sobre a vida de Belén de Sárraga apresentam algumas divergências quanto às datas e como não foi possível, até o presente momento, esclarecer qual é a mais correta apresenta-se aqui as duas, como forma de garantir o necessário rigor e isenção. A pequena biografia constante no livro “Conferências” (TONDA, 1913) informa que Belén ao completar 5 anos retornou à Espanha para iniciar sua formação escolar em um colégio de Barcelona, onde permaneceu até aos 14 anos, quando terminou sua formação como professora, portanto em 1887. Porém, em Ramos (2006), temos informação diferente, pois aquela respeitada Professora apresenta que a família de Belén permaneceu em Porto Rico até 1888 sem, no entanto, afirmar se a menina ainda estava com eles ou se havia voltado antes para a Espanha. Ainda uma informação relevante naquele artigo diz respeito à formação intelectual de Belén, que

[...] estudió Magisterio por indicación de su abuelo Fernando Ascensión de Sárraga y Aguayo, que había sido Director del Magisterio de la Enseñanza

Normal de San Juan de Puerto Rico, y recibió una educación ilustrada, fruto de diversas influencias que inclinarían su espíritu hacia la libre consciencia unos años más tarde (RAMOS, 2006, p 693).

Seja como for, após o regresso da família à Espanha, em 1888, ocorreu a separação dos pais de Belén. No ano seguinte o falecimento de sua mãe, Feliza Hernández imprimiria ainda maiores dificuldades à jovem Belén e seu irmão Rafael, que ficaram à cargo de sua avó materna, Ana Urgón, que embora analfabeta era “decidida y valiente”, sendo ainda preciso que Belén pleiteasse, junto à seu pai a ajuda necessária para cuidar de si e de seu irmão (RAMOS, 2006, p. 264). Estas vicissitudes, como se verá adiante, deixaram profundas marcas na jovem Belén e se refletiriam em seu modo de ver a vida e em suas conferências (LOTÚMOLO JUNIOR, 2020).

Demonstrando precocemente sua tendência libertária e espírito de liderança, ocorreu um fato, este sim constante igualmente em todos os relatos sobre sua vida, quando Belén contava com 16 anos e que marcaria, por assim dizer, seu ingresso como personagem pública. Naquela época Belén de Sárraga cursava Medicina em Barcelona e tinha como um dos professores Odón de Buen, importante naturalista, senador e político espanhol, criador do Instituto Espanhol de Oceanografia e um dos maiores divulgadores da Teoria da Evolução proposta por Darwin. Em virtude de seu racionalismo científico Odon de Buen foi fortemente perseguido pela Igreja Católica, especialmente pelo Cardeal Salvador Casañas y Pagés, o que o fez ser impedido de lecionar já em 1885 (ODÓN DE BUEN, 2020). Durante o ano de 1889 Odón de Buen foi acusado – embora o texto não registre por quem – de ensinar fatos que contradiziam os ensinamentos religiosos, e pedia-se seu afastamento como professor. Os alunos se puseram em defesa do Professor em manifestações públicas com a participação de Belén que, em uma destas oportunidades liderou um movimento pelas ruas indo até à Universidade onde estudava, exigindo a permanência do professor em sua cátedra, o que acabou prevalecendo (TONDA, 1913). A vida pública se iniciava desta forma, vitoriosa, e poucos anos mais tarde, em 1896, Belén de Sárraga fundou o jornal semanal *La Conciencia Libre* e a Asociación de Mujeres Librepensadoras, na cidade de Málaga, Espanha, para a difusão das ideias anticlericais e republicanas (TONDA, 1913). O jornal *La Conciencia Libre* alcançou grande sucesso e, tempos depois, passou também a ser editado nas cidades de Valência e Barcelona. É desta época, também sua filiação ao Partido Republicano Federal, no entanto mesmo para uma líder carismática como Belén algumas dificuldades relativas à participação feminina em movimentos políticos se apresentavam, de maneira que foi necessário usar um artifício para transpor o regulamento do Partido, assim:

Como en aquellas épocas las luchas eran solo para hombres hubo necesidad de un acuerdo especial respecto del nuevo y gallardo miembro del Partido y se resolvió, como distinción debida a sus méritos, no considerarla mujer para los efectos de su derechos dentro del Partido (TONDA, 1913, p. 168).

Essa foi mais uma dificuldade que Belén precisou transpor, por ser mulher, para conseguir expor seu modo de pensar e agir. A conferencista seguiu em sua participação pública e defesa aberta do Livre-Pensamento, do Partido Republicano e da luta anticlerical o que lhe causou problemas também respondendo a vários processos, perseguições, calúnias, desteros, prisões. No entanto nada justificaria a violência de que foi alvo, pois: “Belén Sárraga afrontó persecuciones policiales, juicios y estancias en prisión Privada de libertad durante el embarazo de su primera hija por manifestarse contra la guerra de Cuba, sufrió un envenenamiento en Bilbao [...]” (RAMOS PALOMO; RAMOS, 2019, p. 71). Ainda sobre atentados, Tonda (1913) relata uma tentativa de atentado à faca sofrida por Belén em uma viagem de trem entre as cidades espanholas de Málaga e Linares, que a escritora conseguiu impedir porque estava armada de um revólver. Em uma de suas viagens ao Chile foi atacada por setores da imprensa que a chamava de “estafadora, farsante, divorciada, sin hijos [había tenido tres], ímpia, vieja, fea, insípida y prostituta”, mostrando que as palavras podem ser utilizadas para agredir e têm “entre otras funciones, el poder de marcar y agredir; contribuyendo a revelar, según Hannah Arendt, los riesgos que comporta la actividad en la arena pública, sobredimensionados cuando las mujeres irrumpen en ella” (RAMOS PALOMO; PALOMO, 2019, p. 71 - 72). E estes atentados, difamações e processos não se restringiam à figura de Belén de Sárraga apenas, também eram recorrentes a outras mulheres que, como ela, defendiam a causa da liberdade de pensamento e do feminismo, como foi caso de duas – existiram muitas mais – contemporâneas citadas na mesma obra, Ángeles Lopez de Ayala que teve sua casa queimada e María Marín que sofreu todo o tipo de difamação (RAMOS PALOMO; RAMOS, 2019, p. 71 – 72).

Apesar dos ataques e perigos que enfrentava Belén de Sárraga não arrefeceu sua atuação e, muito ao contrário, expandiu-a, participando de congressos de Livre-Pensamento em Paris, em 1900, Roma em 1902, Genebra em 1904 e Buenos Aires em 1906. Ao final desta seção apresenta-se uma imagem de Belén e demais conferencistas no Congresso de Buenos Aires em 1906. No caso do Congresso de Roma realizado em 1902 há um interessante relato registrado pelo poeta português Fernão Botto Machado. Botto Machado, jornalista, poeta, livre-pensador e político (REPUBLICANO, 2007) encontrou Belén na viagem de navio que os levou pelo Mar Mediterrâneo até a Itália. O relato que o poeta português faz de seu encontro com Belén ele registrou, alguns anos depois, em um longo artigo publicado na primeira página do

Jornal “Vanguarda”, no dia 7 de junho de 1906 o qual se tem acesso por intermédio do “blog” produzido por João Esteves (ESTEVES, 2015). O fato inusitado é que, mesmo sabendo-se que Botto Machado era livre-pensador, portanto provável admirador da Oratória de Belén de Sárraga, o poeta não conseguiu assistir à conferência da escritora por estar indisposto em função do balanço do navio e registrou sua frustração do seguinte modo:

Mas não ouvir Belén de Sárraga, aquella elegante feixinho de nervos com seus bellos olhos negros, grandes intellectuaes, buliçosos, agora mais buliçosos ainda, e esfuziando talento e vivacidade como poucos, ah! Isso era realmente para um cidadão se lançar ao mar (BOTTO MACHADO, VANGUARDA, 1906, p. 1, ESTEVES, 2015).

Do mesmo artigo é possível retirar outras importantes informações que completam as relativas à Belén e mostram suas relações com outros intelectuais e lideranças livres-pensadoras da época quando, à certa altura, o poeta relata que no Hotel Germania – embora estivesse na Itália – estavam reunidos cerca de 300 pessoas para em seguida elogiar novamente a oratória de Belén ao registrar que “produziu o mais eloquente, o mais sugestivo e o mais emocionante discurso que seja possível ouvir dos lábios d’uma senhora”. Seguindo em seu relato Botto Machado nomeia alguma das lideranças presentes ao Congresso o que se constitui em importante informação sobre quem eram esses intelectuais com os quais Belén se relacionava e assim temos nomes como Odon de Buen, o Prof.º que Belén defendeu em Barcelona, Angela Ayala, Leon Furnémont – livre pensador de origem belga – e Magalhães Lima, brasileiro que morava em Lisboa e editor do jornal “Vanguarda”. Outra informação relevante é a conformação de que Belén, àquela altura já havia escrito seu primeiro livro, de poemas, com o título “Minúcias”, que ele elogia como “pequena bíblia d’amor, catecismo civico, evangelho de Liberdade” (BOTTO MACHADO, VANGUARDA, 1906, p. 1 Apud ESTEVES, 2015). Pela beleza do texto e pelas informações sobre a personalidade e atuação de Belén de Sárraga, registramos aqui mais um trecho do artigo:

Como jornalista as suas pujantes faculdades de concepção, de assimilação e de analyse estão exuberantemente assignaladas nas paginas da revista de que é diretora, “La Consciencia Libre”, uma das mais notáveis de Hespanha, e cujos artigos, vividos pela crença no ideal republicano e nas modernas ideias de solidariedade humana, algumas vezes, dando-lhe também a aureola de martyr da Liberdade, teem precipitado a distinctissima escriptora no fundo d’uma prisão (BOTTO MACHADO, VANGUARDA, 1906, p. 1 Apud ESTEVES, 2015).

A atuação pública nestes movimentos sociais e intelectuais levou Belén a conhecer Emilio Ferrero Balaguer com quem viria a se casar em 1894, depois de viverem juntos por 4 anos. Desta união nasceriam os três filhos do casal, com os sugestivos nomes de Libertad, Demófilo Dantón e Víctor Volvey. Emilio era representante comercial e maçom, iniciado em uma Loja chamada “Puritana”, na cidade de Valência. Essa condição levou Belén a ser iniciada também, mas na Loja Maçônica “Severidad”, também de Valência, em 1896 (RAMOS, 2006, p.697). Seu ingresso na Maçonaria terá, como se demonstrará à frente, importantes consequências, razão pela qual se fazem necessários maiores esclarecimentos. Em primeiro lugar, a iniciação de uma mulher na Ordem Maçônica não é comum, mesmo hoje em dia, porém existiam algumas organizações maçônicas onde isto era possível, o que pode explicar o fato de Belén ter sido iniciada em uma Loja diferente daquela que seu marido frequentava. O fato da Ordem Maçônica em geral, não permitir a iniciação de mulheres remonta ao período de sua organização, na Inglaterra no início do século XVIII, e se deve à corrente, entre as várias existentes, que acabou por prevalecer, em termos do número de Lojas, sendo a que maior número de adeptos tem ao redor do mundo até hoje. Sob este tema o escritor maçom Nicola Aslan (ASLAN, 1973) informa que a Ordem Maçônica originou-se das antigas corporações medievais dos pedreiros que, por desenvolverem um trabalho físico pesado, pela falta de mecanismos práticos e de ferramentas, como as que existem hoje, era restrito exclusivamente aos homens. Além deste fator ocorria também que essas corporações trabalhavam, frequentemente para a Igreja na construção de Templos, que também exigia a segregação das mulheres, à exemplo do que ocorria nos mosteiros. Sobre esta característica da Maçonaria tem-se, do mesmo autor:

Porém, além dessas razões, a profissão de Talhador de Pedras exigia homens fortes e saudáveis, por ser o trabalho extremamente cansativo. Tratava-se, pois de uma profissão exclusivamente masculina, embora uma vez ou outra surgissem exceções, como vimos (ASLAN, [197-?], p. 236).

Embora a Maçonaria tenha passado por inúmeras mudanças até chegar ao formato atual, muitas dessas suas características remontam a esta fase de consolidação no século XVIII, como por exemplo, a base regimental, como ilustrado na regulamentação da época, trazida pelo mesmo autor, indicando a restrição ao ingresso de mulheres:

O artigo III dos “Deveres de um Maçom”, incluso nas *Constituições* de 1723, diz no último parágrafo:

“As pessoas admitidas a fazer parte de uma Loja devem ser homens bons e sinceros, nascidos livres, de idade madura e ponderada, nem escravos, nem

mulheres, nem homens imorais causando escândalo, mas homens de boa reputação” (ANDERSON, 1982, p. 51, apud ASLAN, [197-?], p. 237)

Porém, em virtude de suas origens históricas e da forma como ela se estruturou ao longo dos anos e em redor do mundo, a Maçonaria não possui uma organização administrativa centralizada mundial ou nacional exclusivas, mas sim uma estrutura em rede que se comunica e se reconhece mutuamente, na maioria dos casos, em um convívio fraterno e de forma a difundir e trabalhar pelas mesmas causas. O que ocorre é que as Lojas se associam livremente em estruturas administrativas, denominadas Potências, que podem ter, como no caso do Brasil, jurisdição estadual ou nacional. As normas de reconhecimento mútuo entre Potências internacionais implicam, naturalmente, na manutenção de algumas normas e de procedimentos que devem ser mantidos comuns e a exclusividade da iniciação de mulheres é considerada cláusula pética dos regulamentos adotados ao redor do mundo, pela maioria dessas organizações autônomas. No entanto, desde o início do século XVIII, como dito, quando a Maçonaria adquiriu o atual formato baseada em tradições anteriores (ASLAN, 1973), algumas pressões se fizeram sentir para o ingresso de mulheres e embora não tenham prevalecido, essas pressões propiciaram a existência de algumas Potências de caráter misto e algumas outras até exclusivo de mulheres, mesmo sem o reconhecimento geral das demais. Foi o que aconteceu, por exemplo, na França, ainda no século XVIII, quando a pressão para a iniciação de mulheres foi grande o bastante para que surgisse, em 1893 a Ordem Maçônica Mista “El Derecho Humano”, aqui registrada com seu nome em espanhol (SILVA, 2013). Quando morou na Argentina, entre os anos 1915 a 1921 (RAMOS, 2006), Belén passou a frequentar uma Loja que pertencia a esta organização maçônica. Segundo a mesma autora é possível que a Loja na qual Belén tenha sido iniciada, tenha pertencido a este ramo misto o que explicaria ser uma Loja diferente da onde estava Emilio, seu marido (RAMOS, 2006, p. 697). Ao aceitar pertencer a Ordem Maçônica, mesmo em um ramo da Ordem que não possuía a mesma consideração e alcance, Belén demonstrava buscar condições igualitárias entre homens e mulheres, além do apoio de uma Instituição organizada internacionalmente e que, assim, poderia ajudá-la a estabelecer contatos em outras regiões e países, além da clara convergência de ideias entre ela e seus membros.

Em seu livro “El clericalismo en América: A Través de un continente” (SÁRRAGA, 1915), Belén dedica um capítulo inteiro à Maçonaria indicando que aquela Instituição, pela sua estrutura e proposta de atuação social, através da melhoria de seus membros, poderia agir e interferir na sociedade ajudando nas transformações que movimentos como o Livre-

Pensamento também procuravam promover. Esta atuação poderia se dar por intermédio da promoção da educação básica aos menos favorecidos, com a construção e manutenção de escolas. Além do mais, lembra Belén também das lutas em favor da Independência das nações em relação à dominação colonial e a defesa da Liberdade política e de consciência, ao registrar que as lojas abraçaram a causa do Livre-Pensamento, como ocorrido na Argentina (SÁRRAGA, 1915, p. 294). Assim expressou-se Belén naquela obra:

La Institución Masónica ocupa un alto puesto entre las fuerzas vivas del Continente. El humanitarismo en que sus preceptos se apoyan, el anhelo de paz y fraternidad que la inspiran, la disciplina de sus organismos y el vasto horizonte de sus ideales, hacen de ella una voluntad y una capacidad para a acción. Por eso, si en otros tempos los pueblos oprimidos, los hambrientos, de pan y de justicia, la sintieron como hada bienhechora llegar hasta ellos con el laurel del triunfo y la palabra saludable de paz, hoy, en las nuevas luchas por la libertad de conciencia, ella ocupa su puesto, honrando su esclarecida historia (SÁRRAGA, 1915, p. 292).

Reconhecendo a capacidade de articulação e de atuação da Ordem Maçônica, e pelo fato de que seus ensinamentos se coadunavam com a liberdade de pensamento e a liberdade política, Belén pode ter vislumbrado em sua iniciação na Maçonaria a oportunidade de expandir o alcance de suas ideias, inclusive com o apoio necessário em outros países, como no caso do Chile: “El 15 de enero de 1913 y procedente del Perú llega al puerto de Valparaíso, Chile, Belén de Sárraga, siendo recibida por miembros de la masonería e del Partido Radical” (GUTIÉRREZ, 2018, p. 233). Ao afirmar que a Maçonaria foi a responsável pela independência de vários países latino-americanos, Belén de Sárraga afirma que aquela Instituição tem consciência de seu passado glorioso e que naquele momento histórico ainda via como responsabilidade sua, continuar sua ação na defesa e promoção de uma sociedade mais evoluída.

Em 1904, após retornar à Espanha vindo de um Congresso de Livre-Pensamento ocorrido em Genebra, Belén acabou presa por dois meses em função de um discurso que fez contra o governador das Filipinas, General Polavieja, que havia mandado executar o maçom José Rizal, herói da independência daquele país insular (JAVIER CAMPOS, 2016). Durante muito tempo as Filipinas estiveram sob o domínio Espanhol até serem repassadas aos Estados Unidos nos início do século XIX (FILIPINAS, 2018).

Esta não foi a única vez que Belén de Sárraga foi presa, e sua disposição para continuar lutando por seus ideias continuou inabalável, como atestou seu marido Emílio Balaguer:

Efectivamente Belén Sárraga, mi esposa, há tenido el horror de estar presa, no una vez sino varias, y no em Cartagena sino em Barcelona, um día por presentar los estatutos de una sociedad librepensadora de Mujeres, em

Valencia por defender la República desde La Conciencia Livre, dos días y em outra ocasião três meses por sostener em la prensa y em calle ante las cargas de la policía, que era una infâmia que no fueram a la guerra los hijos de los ricos, los frailes y los seminaristas que para nada sirven y en cambio, se enviase a ella a los hijos de los pobres, cuya ausencia del hogar traía consigo la ruina y la miseria de la familia. Últimamente em Murcia por querer celebrar um mitin republicano. Por defender causas tan justas estuvo Belén de Sárraga em el cárcel y está dispuesta a volver a ella cuando sea preciso (HOTTINGER-CRAIG, 2011, p. 147).

A exemplo da data de nascimento de Belén de Sárraga, outras divergências entre datas podem ser notadas nas fontes consultadas e constantes nas referências ao final deste trabalho e precisam ser esclarecidas como forma de ajudar a composição dos fatos relativos à vida de Belén de Sárraga. Por exemplo, entre os anos de 1907 e 1911 Belén morou no Uruguai e dirigiu o jornal “El Liberal”. Ela estava acompanhada de “su abuela e sus dos hijos, Demofilo y Volvey, de 13 e 11 años”, mas que sua outra filha “Liberdad” já havia falecido. Mais à frente o relato “Noticias de su vida” (TONDA, 1913, p. 172) informa que as viagens de Belén por países da América do Sul se iniciou em outubro de 1911 alcançando o México, Porto Rico, Costa Rica, Venezuela, Peru, Chile e Brasil. Porém esta data não corresponde à realidade, porque a visita de Belén ao Brasil se iniciou em abril de 1911 terminando em agosto do mesmo ano, quando a escritora voltou à Montevideu onde residia (ACERVO ESTADÃO – O ESTADO DE S. PAULO, [s.d.]). As informações referentes à este período de várias e extensas viagens por vários países Americanos são medianamente detalhados quando se trata de países de língua espanhola, mas são mais gerais quando se trata do Brasil, o que pode ser devido à facilidade de se obter informações, pela proximidade da língua. Apenas para exemplificar a afirmação, mas sem que se constitua em crítica à autora que produziu extensa e valiosa pesquisa sobre Belén de Sárraga, apresenta-se o seguinte trecho da Prof.^a Sylvia Hottinger-Craig (2013, p. 151): “Estuvo em Sao Paulo y Rio de Janeiro en 1911, [...]”. De forma semelhante outra fonte importante traz o seguinte trecho relatando as viagens e suas consequências para a fama da conferencista, fazendo referência apenas ao período como um todo sem detalhar quais países visitou, em que período ou como foram suas viagens:

[...]esta haya sido su época de apogeo propagandístico, es decir, desde su llegada a Montevideo a fines de la primera década del siglo XX, que abarca la edición de su periódico El Liberal, la participación en el Primer Congreso Femenino de 1910, las extensas y aclamadas giras de 1913 y 1915 por Chile y Latinoamérica, hasta su desempeño en la masonería mixta argentina y su difusión, alcanzando gran renombre (JAVIER CAMPOS, 2016, p. 32).

O necessário rigor na apresentação dos fatos obriga a expor também a própria Belén de Sárraga escreveu um livro (SÁRRAGA, 1915) denominado “El clericalismo en América: A

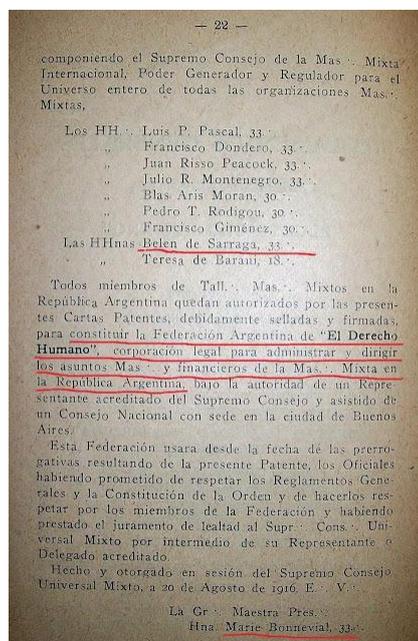
Través de un Continente” no qual ela relata suas viagens pelos países americanos, em passagens detalhadas de algumas das cidades visitadas, povos, costumes e da influência social da Igreja, porém com menos detalhes sobre o conteúdo de suas conferências ou a recepção dos habitantes. Do presente trabalho de pesquisa consta uma breve descrição das quatro viagens que Belén de Sárraga fez ao Brasil e que se espera venha ajudar a compor um quadro mais completo sobre a vida desta escritora e conferencista e tem como ponto de partida outro trabalho de pesquisa realizado em 2018 (LOTÚMOLO JUNIOR, 2018), cujas fontes, em sua grande parte, foram recuperadas das notícias de jornais da época. Há que se destacar que nas fontes de informação como relatos biográficos e artigos constam apenas duas viagens, uma em 1910 e 1911, enquanto que pelas notícias de jornal encontram-se as de 1919 e a última em 1931.

Entre os anos de 1912 e 1913 Belén esteve na Costa Rica, em Cuba e depois no Peru, apoiando associações de operários que buscavam melhorias salariais e condições de trabalho. Em 1913 esteve no Chile e entre os meses de janeiro e fevereiro proferiu uma série de conferências na capital daquele país, Santiago. Destas conferências resultou o livro “Conferencias” que se constitui em um importante documento, ao permitir conhecer-se mais sobre o pensamento de Belén, pois embora ela não conste como autora, as conferências constantes dele são escritas na 1.^a pessoa e dirigindo-se de forma direta ao público que a estava assistindo o que empresta grande fidedignidade ao texto. Após cada uma das conferências há uma análise crítica, produzida por Federico R. Tonda, diretor do jornal “La Razon” que editou aquele livro e ao final há também um breve relato sobre a vida de Belén, denominado “Noticias de su vida” escrito por Carlos Rivera. Como forma de contribuir para um maior conhecimento da escritora apresenta-se aqui os títulos das conferências constantes no livro, seguidos dos títulos das análises críticas: 1 – Trayectorias Humanas, crítica: La Ciencia de la Religión e la Religión de la Ciência; 2 – La mujer como entidad social, crítica: La Mujer y el santuario; 3 – La Familia, crítica: El Hogar y la religion católica; 4 – La Moral, crítica: Mercaderes y Moralistas; 5 – Los Peblos y las Congregaciones Religiosas, crítica: Sociedades contra la Sociedad; 6 – El Problema de la Educación, crítica: El Hogar y la Escuela; 7 – El Jesuitismo y el Porvenir de América, crítica: Abajo los Antifaces!; 8 – Clericalismo y Democracia, crítica: El Gobierno de la iglesia y el Gobierno del mundo; 9 – La Iglesia y el Trabajo, crítica: Riquezas sin Trabajo (TONDA, 1913).

No ano seguinte, 1914 Belén publicou o livro – já citado acima – “El clericalismo en América: A Través de un continente” no qual Belén descreve suas viagens pelos países do continente americano, com detalhes de algumas cidades por onde passou e apontando as influências da Igreja Católica. Ainda neste livro há um breve relato sobre a passagem de Belén

pelo Brasil onde se encontra, por exemplo, sua visita às cidades de Ribeirão Preto e Americana – que era denominada Villa Americana. Da página de rosto daquele livro obtém-se a informação sobre as relações de Belén de Sárraga com políticos da época, pois o livro é dedicado ao maçom e Presidente do Uruguai: “Al Sr. José Battle Ordóñez Presidente de la República Oriental del Uruguay – Homenaje de La AUTORA”. Ao final do livro há outras importantes informações, como a preparação de mais três livros que, no entanto, não há informações se foram escritos, e não puderam ser encontrados, até o momento (SÁRRAGA, 19015, p. 5). Belén transferiu-se para a Argentina em 1915 onde permaneceu até 1921 retomando suas atividades maçônicas, chegando ao 33.º grau e fazendo parte do “Consejo de Gobierno de la Masónica Federación Argentina de “El Derecho Humano” (BELÉN DE SARRAGA – MAESTRA, MEDICA, PERIODOSTA Y PROPAGANDISTA ANARQUISTA / CNT Puerto Real, [S.d.]). Esta informação confirma o que encontra-se em Ramos (2006) bem como em Hottinger-Craig (2013, p. 151): “fue durante su estancia en Argentina en 1915 que Sárraga se integró en la Orden Masónica Mixta en donde formaba parte del consejo de Gobierno de la Federación Argentina”. A imagem a seguir mostra uma página do Regulamento Geral da Ordem Maçônica Mista “El Derecho Humano” onde o nome de Belén de Sárraga aparece como integrante.

Figura 1 – Regulamento Geral da “Ordem Maçônica Mista ‘El Derecho Humano’”



Fonte: Internet.³

³ Disponível em: <https://es.paperblog.com/belen-de-sarraga-vida-y-revolucion-feminista-4119649/> Acesso em: 15 jan. 2020

Neste mesmo ano, 1915, Belén visitou a Bolívia e retornou ao Chile pela segunda vez, conforme relatado por Hottinger-Craig (2013), e também consta que ela esteve no Brasil passando por 36 cidades, o que ocorreu de fato. Informa também que ela retornou ao México em 1924, onde já estivera por ocasião das viagens que resultaram em seu livro “El clericalismo en América” (SÁRRAGA, 1915, p. 73). Porém as datas das viagens ao Brasil, não estão corretas, pois, como já informado neste trabalho, ela esteve no país por quatro vezes, em 1910, 1911, 1919 e 1931.

Depois desta data as informações, sobre a vida e mesmo sobre a atuação pública de Belén de Sárraga, tornam-se mais escassas e menos detalhadas, e em Hottinger-Craig (2013), sabe-se que ela retornou à Espanha em 1931 e dois anos depois concorreu a um cargo público nas eleições gerais daquele ano, porém sem citar à qual cargo. Aquela Profa. afirma que somente em 1937 encontram-se notícias de Belén quando a mesma foi alvo de uma homenagem na cidade de Valência, durante um Congresso de Mulheres – sem maiores detalhes – e que no ano seguinte trabalhou na Associação de Veteranos da República. No ano de 1939 Belén de Sárraga deixou a Espanha, passando pelo porto francês de Saint Nazaire e, a bordo do navio “Flandre”, chegou ao México. Como ela, várias outras pessoas haviam abandonado a Espanha, após a vitória do General Francisco Franco, líder das forças Nacionalistas e que havia vencido a Guerra Civil Espanhola. Durante os anos seguintes, Belén sobreviveu com dificuldades financeiras, escrevendo textos para uma rádio (HOTTINGER-CRAIG, 2013, p. 159). Somente em 1945, com o final da 2.^a Guerra Mundial encontramos um registro desses textos em homenagem ao Dia da Mulher, e em virtude de raridade e beleza do mesmo, registra-se aqui, um fragmento encontrado:

Pero la cruda realidad nos enseña que las nuevas fórmulas para la vida colectiva no se improvisan sino que son product de una larga elaboración en las conciencias y que no obstante los adelantos tenidos en el avance político social, aún no ha sido posible en ningún pueblo, gustarlos beneficios de una Democracia integral...

No hay pues, que pedir a la Victoria más de lo que ella puede y debe darnos: un Mundo liberado de la agresión totalitária con garantias de que ella no pueda volver a repetirse, todos los pueblos cuya soberania destruyó la violència, reintegrados en sus derechos y libres de presiones extrañas para disponer de sus destinos (HOTTINGER-CRAIG, 2013, p. 159).

Logo a seguir no mesmo artigo, encontra-se a informação de que Belén teria morrido em 1955, o que deve ser um erro de digitação – absolutamente desculpável – pois todos os demais artigos e textos consultados trazem a data de 1950. Em relação aos anos seguintes à sua chegada ao México temos, em Fernádes Aceves (2013) a informação de que ela continuou

proferindo palestras e participando de forma bastante ativa em organizações políticas e sociais, inclusive as de apoio aos demais exilados da ditadura do General Franco. Da mesma autora (FERNANDES ACEVES, 2013), extraímos um trecho do jornal “El Nacional” que por sua vez foi reproduzido por outro jornal “El Universal” relatando a morte de Belén de Sárraga:

Falleció ayer em esta capital Doña Belén de Zárraga
 El 10 de septiembre de 1950, el periódico mexicano El Nacional, de tendencia favorable al gobierno y progressista, informó a sus lectores que la notable conferencista y escritora Belén de Sárraga – una española anticlerical, espiritista, feminista, librepensadora, masona, republicana y obrerista – que había colaborado en el movimiento revolucionario mexicano em decênios de 1910 y 1920, había falecido a los 78 años de edad. Sárraga “formo parte de los intelectuales y gente de acción que más sobresalieron en la lucha social de la Península [Ibérica] y [de México] durante la agitada época del primer cuarto del siglo xx. Su prestigio traspasó fronteras de España y de México y fue una de los guías del mundo de habla española, por cuyo progreso trabajó incansablemente” Los representantes españoles exiliados em México como el Partido Federal Republicano de España, Mujeres Antifascistas, Partido Fedreal Español, la Logia Luz y Patria asistieron a su funeral. (FERNÁNDES ACEVES, 2013, p. 178, explicações no original).

Da mesma forma sua morte foi lembrada por Florián Yubero, em 2011:

De su muerte, según estos autores, nada se sabe. Sin embargo, en un artículo de *El Tarapacá* de 1951 se informa que: “completamente olvidada de los públicos de España y de América, acaba de morir en el país azteca a la edad de 77 años, llena de achaques propios de una senectude prolongada, doña Belén de Sárraga, murió en el más completo olvido. Como dijo Leopoldo Castedo, Franco se las ha arreglado para que se pierda la memoria. De Belén sólo quedan sus obras y el recuerdo de algunos escritores.
 Florián (YUBERO, 2011, p. 3).

Pode-se perceber que existem alguns desencontros nas datas relativas à morte de Belén de Sárraga, ou seja, 1950 e 1951, mas todos os autores são unânimes em afirmar que ela morreu em completo esquecimento.

A Profa. Maria Dolores Ramos (RAMOS, 2006), traz informações complementares sobre a causa da morte como “consecuencia de una nefritis y casi en la miséria. Sus restos fueron velados según el rito masónico y posteriormente incinerados” (RAMOS, 2006, p. 696). Portanto, temos como data correta para a morte de Belén de Sárraga o dia 10 de setembro de 1950, na cidade do México. Com a finalidade de evitar equívocos de interpretação, apenas cabe esclarecer que as homenagens ritualísticas maçônicas citadas só ocorrem enquanto o corpo estiver sendo velado e não incluem cremação, pois o destino do corpo cabe aos responsáveis.

A imagem a seguir, figura 2, do Congresso de Buenos Aires, demonstra as relações que Belén mantinha com outros líderes do Livre-Pensamento e como estes Congressos foram importantes momentos de encontro dessas lideranças. Especificamente, neste caso, tem-se a informação de suas relações com dois importantes livres pensadores brasileiros, Benjamin Mota e Dario Vellozo.

Figura 2 – Foto de Belén de Sárraga com integrantes do livre-Pensamento, em Congresso realizado na Argentina em 1906.



Ilustração 17 – Congresso Internacional do Livre-Pensamento (Buenos Aires, 1906). Na foto, entre outros, Belén de Sárraga (Espanha), [ao centro, sentada]; Léon Furnémont (Bélgica), [sentado ao lado direito de Sárraga]; Fernando Lozano Montes (Espanha), [sentado ao lado esquerdo de Sárraga]; Benjamin Mota (Brasil), [o primeiro da esquerda, sentado]; e Dario Vellozo (Brasil), [de pé, é a quarta pessoa da esquerda para a direita]⁹⁶⁹.

Fonte: imagem consta da Tese do Prof. Dr. Antonio Cleber Rudy.⁴

4.1.1.1 Viagens de Belén de Sárraga ao Brasil

Com a finalidade de completar os dados biográficos relativos à Belén de Sárraga apresenta-se a seguir as informações relativas às 4 viagens que ela empreendeu pelo Brasil, nos anos de 1910, 1911, 1919 e 1931, obtidos principalmente a partir das notícias veiculadas no jornal “O Estado de São Paulo”, recuperadas por intermédio de acesso digital diretamente no portal daquele veículo, que compõe um trabalho de pesquisa anterior (LOTÚMOLO JUNIOR, 2018) e que são apresentadas resumidas, a seguir. Sobre a visita de Belén ao sul do país, em 1910, ela não consta nos arquivos do Jornal citado, mas apenas a informação constante em rigoroso trabalho de pesquisa, empreendido pelo Prof. Dr. Antonio Cleber Rudy que resultou em Tese defendida em 2018, além de uma citação da própria escritora em seu livro “El

⁴ Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/330835>

clericalismo en América: a través de un continente” (SÁRRAGA, 1915). As demais fontes onde se encontram referências a alguma ou algumas dessas viagens, produzidas por pesquisadores tratam do assunto de forma mais geral, sem uma descrição mais detalhada, razão pela qual o fazemos nesta seção.

Sobre a visita de 1910, como se verá adiante, pouco se sabe até o momento, mas é possível que em jornais locais se encontrem informações mais detalhadas. Já a visita ocorrida em 1911 foi a mais longa, iniciando-se em 8 de abril e terminando em 20 de agosto, quando as notícias sobre ela cessaram, ou possivelmente alguns dias mais tarde se pensarmos que seu embarque de retorno poderia ter demorado alguns dias. A terceira visita aconteceu com um intervalo de 8 anos, ou seja Belén de Sárraga somente retornaria novamente ao Brasil em setembro de 1919 deixando o país nos primeiros dias de novembro daquele mesmo ano e a quarta e última visita demoraria ainda mais tempo, pois somente ocorreria em 1931, entre os meses de julho e setembro.

A primeira visita de Belén de Sárraga ao Brasil ocorrida em 1910, provavelmente restringiu-se à região sul do país, mais especificamente ao Rio Grande do Sul. Dentre os anos de 1907 e 1910 a conferencista residiu no Uruguai (HOTTINGER-CRAIG, 2013), o que facilitou sua visita aos estados do sul do Brasil, dada a proximidade destes com aquele país.

Os jornais da época consultados não trazem informações sobre esta visita, porém na Tese do Prof. Rudy encontramos o seguinte trecho:

Também de passagem pelo Brasil e representando a ala feminina do livre-pensamento, a oradora espanhola Belén de Sárraga esteve, em 1910, no Rio Grande do Sul, a convite da maçonaria, visto que mantinha vínculos com as lojas Electra e Ordem e Luz, ambas de Porto Alegre, sendo “membra” honorária do Grande Oriente do Rio Grande do Sul. Na sequência, em 1911, e depois em 1919, fez turnê por diversos estados brasileiros (RUDY, 2017, p. 191).

Esta visita também é citada em uma palestra que Belén realizou na sede do Grande Oriente de São Paulo, em 2 de maio de 1911, quando de sua segunda visita (LOTÚMOLO JUNIOR, 2018, p. 41 – 42).

Em seu livro “El clericalismo en América: A través de un continente”, Belén de Sárraga descreve com detalhes a atuação da maçonaria no estado do Rio Grande do Sul, frente à necessidade de organizar escolas laicas. Esta riqueza de detalhes inclusive citando nomes de maçons, valores envolvidos e cidades como Sant’Ana do Livramento, somente seria possível se ela houvesse estado pessoalmente naquele estado, conforme o trecho:

Así entienden también sus deberes los masones de Rio Grande do Sul. Pero allí no son ya escuelas sino magníficos gimnasios los que han fundado. Uno de los más importantes funciona en la ciudad de Pelotas. [...] En Santa Ana de Livramento acordaron edificar, para tal fin, una gran casa. Lo supe á mi paso por la ciudad. Cuando regresé, dos meses más tarde, cuadrillas de obreros trabajaban en los cimientos del edificio (SÁRRAGA, 1915, p. 295 - 296).

Ao citar a cidade de Sant'Ana do Livramento no estado do Rio grande do Sul, Belén informa que realmente transpôs a divisa entre os dois países, pois esta cidade fica na fronteira entre Brasil e Uruguai, no caso apenas uma rua, havendo do outro lado a cidade de Rivera (SANT'ANA DO LIVRAMENTO, 2020).

A segunda visita foi a mais longa das quatro empreendidas por Belén ao Brasil, iniciando-se em abril e terminando em agosto de 1911. Foi durante esta viagem que Belén de Sárraga esteve na cidade de São Carlos, onde também proferiu suas conferências, em número de 4 e presidiu a fundação de uma organização de livres-pensadores, cujos registros foram encontrados em 1996 e que permitiram se tomasse conhecimento da existência de Belén de Sárraga, fato até então desconhecido dos historiadores locais. O percurso de Belén de Sárraga ao Brasil, desde sua chegada ao porto de Santos até sua viagem de volta partindo de São Paulo, foi bastante noticiado pelo Jornal "O Estado de São Paulo" com mais 100 notícias veiculadas, referentes a este período (LOTÚMOLO JR, 2018). Para esta seção, assim como nas duas seguintes, sobre a terceira e quarta viagens a fonte principal foi a pesquisa anterior já citada de onde foram extraídas as que mais se destacam ou têm maior relevância para a presente pesquisa. Cabe destacar também, a título de explicação, que em certos casos, notadamente no que se refere aos títulos das conferências, elas eram grafadas em português – da época – às vezes eram grafadas em espanhol e foram registradas no presente trabalho como constam das notícias consultadas.

Nesta segunda viagem Belén de Sárraga percorreu diversas regiões do Estado de São, e mais duas cidades, uma em Minas Gerais e o Rio de Janeiro, à época, a capital do país, em um total de 35 cidades. Em praticamente todas elas Belén proferiu palestras sobre temas variados, mas todos relacionados às ideias defendidas pelo Livre-Pensamento.

Sobre as viagens entre as cidades é preciso lembrar que elas foram realizadas nas primeiras décadas do século XX e o transporte de passageiros entre as cidades era feito de trem, portanto em uma viagem mais demorada que nos dias atuais. Nestas viagens o percurso também era maior, pois o traçado das ferrovias era o mais plano possível, evitando-se os aclives e declives do terreno.

A vinda de Belén de Sárraga ao Brasil neste período foi noticiada dias antes de sua chegada e é datada de 4 de abril de 1911 com o seguinte teor: “**A escritora hespanhola Sárraga Ferrero** – RIO, 3 – A maçonaria desta capital receberá na sexta-feira solenemente a escritora hespanhola Sárraga Ferrero” (ACERVO ESTADÃO – O ESTADO DE S. PAULO, 4 abr. 1911, p. 1.^a, grifo do original). O sobrenome “Ferrero”, Belén adotou-o após casar-se com Emilio Ferrero Balaguer, em 1890, mas é possível que àquela altura já estivessem separados (RAMOS, 2006). A reprodução da notícia mostra a cidade de onde a informação foi gerada e a data na qual ela foi transmitida ao jornal, no caso Rio de Janeiro e dia 3 de abril e publicada na edição do dia seguinte, 4 de abril. Estas informações são importantes, pois ajudam a compor o quadro das viagens da escritora pelo interior do Estado. Praticamente todas as informações referentes às cidades, datas e detalhes da viagem foram obtidas no acervo do jornal de forma remota através do portal digital, e procurou-se registrar esta informação somente em casos específicos ou mais relevantes, para não tornar esta seção uma sequência de referências semelhantes.

Belén desembarcou no porto de Santos no dia 8 de abril de 1911, vinda de Montevideú, capital do Uruguai, a bordo no navio a vapor Valbarena, daquela cidade seguiu para São Paulo, onde foi recebida por diversas “autoridades e representantes de associações e Lojas Maçônicas dentre os quais Raul Silva Grande Secretário do Grande Oriente de São Paulo”. Esta referência à maçonaria é importante, pois a Ordem Maçônica teve papel preponderante na organização da visita de Belén às cidades do país. A organização maçônica citada, o “Grande Oriente de São Paulo”, é uma divisão administrativa maçônica, com jurisdição estadual e administração própria. Na época esta organização estava filiada a outro órgão maçônico, uma Potência, de jurisdição nacional, o Grande Oriente do Brasil (LOTÚMOLO JUNIOR, 2018).

Em sua chegada ao Rio de Janeiro, Belén recebeu a visita de autoridades locais e maçônicas expressivas como o Sr. Lino Moreira, Grão Mestre do Grande Oriente de São Paulo e também chefe de gabinete do Ministro da Agricultura, o também maçom, Pedro de Toledo.

A primeira conferência realizada por Belén de Sárraga no Brasil ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 17 de abril com o tema “Evolução Religiosa” e foi realizada no Palácio Monroe (Figura 3), que viria a ser, anos mais tarde, sede da Câmara Federal e depois do Senado Federal. A figura 4 mostra o momento em que Belén de Sárraga produzia sua conferência no Palácio Monroe ladeada por lideranças do Livre-Pensamento.

Figura 3 – Imagem do Palácio Monroe no Rio de Janeiro, por volta de 1910/20.



Fonte: Internet.⁵

Figura 4 – Fotografia de Belén de Sárraga no momento em que proferia uma de suas conferências, no Palácio Monroe no Rio de Janeiro em 1911.



Fonte: Revista “O Malho”, edição n.º 450, p. 20.⁶

⁵ Disponível em: <http://www.ibamendes.com/2013/01/fotos-antigas-do-rio-de-janeiro-1.html>. Acesso em: 12 abr. 2018.

⁶ Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=8

Uma medida do prestígio da Oradora é que estiveram presentes a esta primeira palestra, realizada no Palácio Monroe diversas autoridades como Pedro de Toledo, Ministro da Agricultura, assim como o Grão-Mestre Geral (autoridade maçônica máxima em todo o país) Lauro Nina Sodré, e que era uma importante liderança política brasileira, que alguns anos depois seria o governador do estado do Pará (LAURO NINA SODRÉ, 2020). Por mais alguns dias Belén de Sárraga ficou na capital do país realizando suas conferências em associações culturais como o “Centro Galleno” e o “Gremio Republicano Portuguez”.

No dia 25 a oradora retornou a São Paulo, sendo recebida pelo Grão-Mestre do Grande Oriente de São Paulo, Emygdio Lino Moreira e por representantes de 13 Lojas Maçônicas da Capital do estado, bem como representantes de outras entidades. Nesta ocasião as notícias informam a presença de Everardo Dias na recepção que, como importante liderança operária, terá papel político preponderante e também se destacou como liderança do movimento Livre-Pensamento e nesta atividade participou de uma reunião, como palestrante na associação “União dos Livres Pensadores” que Belén de Sárraga fundou em São Carlos, nesse mesmo ano.

No dia 30 de abril Belén fez uma visita à Faculdade de Direito, em São Paulo, que foi extensamente relatada no jornal com a recepção promovida pelos alunos e com um resumo dos assuntos abordados na palestra proferida por Belén. Ao final da notícia há a informação, que ajuda a compor o cenário de como se davam as atividades, de que os ingressos para outra conferência da oradora já estavam à venda, e seria realizada no “Theatro São José” com o tema “O jesuíta e o porvir da América” e indicava os pontos de vendas como os jornais “La Vitae” e “A Lanterna” (ACERVO ESTADÃO – O ESTADO DE S. PAULO, 30 abr., 1911, p. 5). Logo em seguida Belén proferiu outra conferência no mesmo Teatro, agora com o tema “Ferrer e a escola Moderna”. Uma informação chama a atenção é a doação do valor arrecadado, com a venda dos ingressos, para a criação de uma Escola com a orientação pedagógica daquele político e pedagogo Espanhol, tema da palestra e que fora condenado à morte por fuzilamento, dois anos antes na Espanha (ACERVO ESTADÃO – O ESTADO DE S. PAULO, 1 maio 1911, p. 2). Esta notícia traz duas importantes informações, a primeira a coerência entre os atos e as ideias defendidas e propaladas pela oradora, ao entregar o valor arrecadado para a organização de uma escola. A segunda é que a escola teria como linha pedagógica a mesma criada e defendida pelo livre-pensador, maçom, político e pedagogo Francesc Ferrer y Guardia. Ferrer y Guardia, como era conhecido, foi acusado de ser o idealizador de um atentado contra o Rei da Espanha e depois de preso, foi fuzilado, em 1919, em uma condenação que causou muita comoção e mal estar na Espanha. Embora não tenha sido possível, até o momento, localizar

qualquer informação que permitisse conhecer o conteúdo daquela conferência seu título também mostra a coerência de Belén com as ideias e o contexto daquele momento.

No dia 2 de maio Belén de Sárraga participou de uma sessão maçônica solene, mas aberta à presença de não maçons, com a presença de “senhoras e senhoritas” – daí o termo “aberta” – onde proferiu palestra analisando e criticando a atuação dos Jesuítas na Europa e também na América do Sul. Esta sessão solene demonstra seu prestígio pois ocorreu na sede do Grande Oriente de São Paulo, naquela época, órgão máximo da Maçonaria no estado e presidido pelo Grão-Mestre Emygdio Lino Moreira. O que chama a atenção também é que, nesta palestra, bastante descrita na notícia, é que Belén conseguiu manter-se à par dos acontecimentos recentes, pois ela descreveu qual era a situação da Maçonaria na Rússia, na França e na América do Sul, em uma época em que a informação dependia de meios de comunicação muito lentos, como livros, telégrafos, trens e, se intercontinentais, dependiam de navios. Aqui mais uma informação relevante que precisa ser destacada é o fato de a escritora ter relatado, naquela palestra, a viagem que fez ao Rio Grande do Sul no ano anterior, informação esta corroborada na Tese do Prof.º Dr. Rudy (RUDY, 2017, p. 191).

A notícia seguinte, de 5 de maio de 1911, também extensa, traz um elogio à Belén, escrito em italiano assinado por uma senhora de nome Josefina Stefania Bertocchi. Pelo conteúdo traz-se o seguinte trecho:

Belén Sárraga de Ferrero

Belén de Sárraga é simplesmente maravilhosa. Simpática, affascinante, colta, sempre padrona de si, dolcissima, eloquente e magnífica, attrae conquide, atterra epaventa l’uditorio che pende del labbro di lei, che si sente incantenado dallo aguardo magnetico, vinto dela luce calda e sfolgorante de suo pensiero.

1.º maggio 1911

Per le socie dell’ Associazione Femminile

Josefina Stefania Bertocchi

(ACERVO ESTADÃO – O ESTADO DE S. PAULO, 5 maio 1911, p. 9)

No dia 6 de maio, Belén dirigiu-se à cidade de Santos, onde foi recebida festivamente por uma banda de música e por integrantes da uma Loja Maçônica, cujo nome não foi registrado. No dia 11, outra notícia do jornal traz a primeira menção a seu secretário, cujo nome era Luiz Porta Barnabé, e segundo Hottinger-Craig (2013), ele era maçom, autor teatral e poeta.

Ainda da cidade de Santos emerge das notícias outra informação relevante que é um texto da própria notícia, convidando as pessoas daquela cidade a prestigiarem Belén de Sárraga em sua visita. Dada a singularidade do texto, veiculado no jornal do dia 6 de maio, o reproduzimos, com a grafia da época:

Devendo chegar hoje a Santos, no último trem, a eminente escriptora d. Belén de Sárraga e Ferrero, convida-se ao publico em geral e muito especialmente a toda a colonia hespanhola, para acudir á estação, ás 6 horas da tarde, não somente para receber condignamente a essa gloria do intelectualismo feminino, como também para dar um desmentido aos que dizem que neste povo de Santos não há cultura necessária para agasalhar a sus hospedes illustres.

Povo de Santos: esta comissão, que não representa ideias politicas de especie alguma e sim só as collectividades de todas as sociedades hespanholas aqui estabelecidas, convida todas as classes sociaes, sem distincção de sexos nem nacionalidade, para dar a benvinda e render justa homenagem ao talento – que não tem fronteiras – da esclarecida d. Belén de Sárraga e Ferrero (ACERVO ESTADÃO – O ESTADO DE S. PAULO, 6 maio 1911, p. 4).

Da cidade de Santos, Belén retornou ao interior do estado e no dia 13 de maio chegou a Campinas, onde realizou outra de suas conferências, desta feita no Teatro Carlos Gomes. O interessante desta vez foi o título da conferência, que difere das demais, até aquele momento realizadas, que foi “Jesus de Nazareth”.

Na cidade de Amparo, interior do estado, outra notícia veiculada no mesmo dia 13 de maio, informa que um grupo de pessoas católicas e diretores de Associações, cujos nomes não foram divulgados, conclamavam os cidadãos daquela cidade a não assistirem a apresentação de Belén, o que demonstra também que ela era alvo de oposição pública, embora as notícias com este conteúdo fossem em bem menor número.

Três dias depois, 16 de maio, o mesmo jornal trouxe outra relevante notícia, também de Campinas onde se informava que Belén havia participado de uma sessão da Loja “Independência”. O interessante desta notícia é o fato de que ela estava “revestida de suas insígnias”, ou seja, ela foi recepcionada como integrante da Ordem Maçônica, o que é revelado por estar portando seus paramentos, no caso chamados de “insígnias”. O fato de mulheres estarem presentes em sessões maçônicas não é o mais importante, pois em ocasiões especiais isto pode ocorrer, embora de forma mais rara. É quando se diz que a sessão era “aberta”, por exemplo em sessões cívico-culturais, de homenagem à personalidades, etc. Mas o fato de ter sido recebida com suas “insígnias” denota que ela foi recebida realmente como integrante da Ordem Maçônica (ACERVO ESTADÃO – O ESTADO DE S. PAULO, 17 maio 1911, p. 5).

Após sua estada em Campinas, Belén se dirigiu a Amparo, cidade onde ocorreu a manifestação contrária à sua presença. Apesar deste pedido a recepção foi calorosa como o noticiado no jornal, onde uma banda de música a esperava no saguão do Hotel. Ainda naquela ocasião, para agradecer a recepção Belén fez um pronunciamento da sacada do quarto.

De Amparo, Belén se dirigiu à cidade de Rio Claro, onde também houve calorosa recepção na estação ferroviária, por organizações destacadas por seus estandartes e com a

presença de cerca de 3.000 pessoas o que é um número muito significativo, frente à população da época, se considerarmos que a notícia é de 1911, e de que Rio Claro é uma cidade do interior do estado.

Em Rio Claro, sua estada foi mais longa, mas desta vez devido a um fato que se repetiu mais de uma vez, que foi ela adoecer e sentir-se extremamente cansada, mas sem informar qual era a doença. De qualquer forma ela permaneceu naquela cidade até o dia 27. Coincidentemente, neste mesmo dia 27, o jornal trouxe algumas reações contrárias à presença e às ideias de Belén de Sárraga. Em Ribeirão Preto o reverendo da Igreja Presbiteriana, cujo nome não foi veiculado, queria contraditá-la. Da mesma maneira, na cidade de “Jacarehy” - grafia da época - foi feito uma abaixo assinado contrário à presença de Belén naquela cidade (ACERVO ESTADÃO – O ESTADO DE S. PAULO, 27 maio 1911, p. 5).

A reação contrária mais intensa, assim também por parte de Belén ocorreu novamente na cidade de Amparo, onde ela contratou o advogado Benjamim Motta, conhecido jornalista e maçom, ferrenho anticlerical, para defendê-la de ofensas feitas por um padre, cujo nome não foi mencionado, mas que morava na cidade de Jundiaí, próxima a Amparo.

No dia 31 de maio Belén de Sárraga se dirigiu à cidade de Poços de Caldas, já no estado de Minas Gerais, onde participou de uma sessão na Loja “Estrela Caldense”, passagem que ficou registrada nas atas daquela Loja e depois no livro que relata história daquela Loja (PONTES, 1995).

No dia 8 de junho o jornal trouxe mais uma relevante notícia sobre Belén de Sárraga, na cidade de Ribeirão Preto, já de volta ao interior do estado de São Paulo. Naquela cidade no dia 7, Belén foi recebida por comitivas de diversas Lojas Maçônicas como “Independência”, “Amizade” e “Estrela do Oeste”, percorrendo as ruas da cidade de carro em comitiva. Dois dias depois, 9 de junho, novamente um fato se destaca que foi uma marcha, noticiada como “Marche aux flambeaux” em francês, ou seja, “marcha das tochas”, em português e que foi realizada à pé com pessoas segurando tochas ou velas. A marcha se dirigiu à sede da Sociedade Hespanhola, que foi inaugurada naquela ocasião, onde Belén foi aclamada “presidente honorária” (ACERVO ESTADÃO – O ESTADO DE S. PAULO, 10 jun. 1911, p. 4).

Na cidade de Pindamonhangaba ocorreu novamente a veiculação de um texto contrário à presença de Belén na cidade, do qual se registra aqui, um pequeno trecho:

[...] que as conferencias de Belén de Sárraga não são uma propaganda pacífica de quaisquer ideas philosophicas ou religiosas, nem uma discussão científica, mas apenas uma serie de veementes ataques contra a Igreja Cathólica,

destinada a agitar e excitar as massas (ACERVO ESTADÃO – O ESTADO DE S. PAULO, 12 jun. 1911, p. 5).

No final da notícia havia a informação de que aquele texto era “assignado por novecentas e tantas senhoras de todas as classes e vae ser remetido ao sr. D. Epaminondas, bispo de Taubaté”.

No dia 26 de junho Belén chegou à cidade de Americana, na época chamada de “Villa Americana”, e este fato é importante, pois esta sua estadia naquela cidade foi relatada em detalhes na obra “El clericalismo en América: A través de un continente” que ela iria escrever e lançar em 1914. Neste livro Belén relata as viagens que fez por diversos países do continente Americano, e em alguns casos em detalhes como no caso de Americana, relatando as características do povo, da paisagem, das indústrias e do movimento Livre-Pensamento e também da Ordem Maçônica. De sua visita à Americana destaca-se:

Cuando, despues de recorrer kilómetros y más kilómetros de via férrea, por entre cafetales, se llega á Villa Americana, los hojos del visitante europeu tienen como un deslumbramento: es la visión del viejo continente, con sus ciudades fabriles, coronadas de chimineas, que extienden al aire sus cabelleras de humo; es la vida industrial que, en el pequeno Pueblo, acompanha á la labor agrícola; es la potente voluntad humana que, en la graciosa villa, no ha querido contentarse con esperar, un dia dado, la recoleta del fruto, por la tierra ofrecido, prefiriendo unir la obra del hombre á la de la naturaleza, para dar complemento á su labor productora (SÁRRAGA, 1915, p. 21–22).

Belén continuou as visitas às cidades do interior paulista passando por Araras, Brotas, Santa Rita do Passa Quatro, Jaú, Jardinópolis e Mogi das Cruzes, chegando à São Carlos em 11 de julho, onde realizou 4 conferências, duas nos dia 12 e 13, viajando pelas cidades próximas e retornando dia 23 onde no mesmo dia fez uma conferência e outra no dia 24, o que demonstra bastante vigor físico e mental. Entre esses dois períodos esteve nas cidades de Araraquara, Bebedouro, Pitangueiras, Barretos e Monte Alto.

Existem poucas imagens retratando a visita de Belén de Sárraga ao Brasil e a figura 5 mostra ela ao lado de outras lideranças do Livre-Pensamento, inclusive mulheres, em sua passagem pela cidade de Vargem Grande do Sul, em 1911, e se constitui em ponto de partida para pesquisas sobre quem eram essas lideranças.

Figura 5 – Fotografia mostrando grupo de pessoas que recepcionaram Belén de Sárraga na cidade de Vargem Grande do Sul, em 1911.



Imagem de página da revista “O Malho”, n. 462 de 22 jul. 1911, p. 36.

Fonte: Internet.⁷

Da notícia da cidade de Barretos deve-se destacar dois fatos que ajudam a compor a personalidade da conferencista Belén de Sárraga, bem como a própria vida pessoal. No dia 18 de julho, Belén foi recebida em um baile em sua homenagem, realizado no clube Grêmio Recreativo Italiano, e ela deixou registrado, de próprio punho uma mensagem que o jornal reproduziu e que traz-se aqui também, lembrando-se que, como era de origem espanhola é provável que ela tenha escrito em espanhol e que o jornalista tenha traduzido para o português para a veiculação no jornal:

Todo o centro de cultura que se forma é como uma flor de progresso que se cuida. Regada continuamente com a agua da ideas, dá perfumes que constituem o ambiente vital das nossas gerações. – Julho – 18 1911 – Belén de Sárraga (ACERVO ESTADÃO – O ESTADO DE S. PAULO, 20 jul. 1911, p. 7).

⁷ Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116300&pasta=ano1911&pesq=BelénA1rraga%201911&pagfis=19330>.

A outra notícia é que Belén doou para a mesma instituição, ou seja o Grêmio Recreativo Italiano, várias obras de sua autoria bem como de outro escritor, chamado Emílio Castelar. Infelizmente não temos maiores informações, até o momento de que obras seriam estas.

Após este dia então ela retornou à São Carlos, passando novamente por Brotas, depois, São Roque, Guaratinguetá, Lorena, Jacarei, São Manuel, Itapetininga.

No dia 20 de agosto Belén seguiu para São Paulo embarcando para Santos e depois, provavelmente, retornando para Montevidéu.

Belén de Sárraga somente retornaria ao Brasil oito anos depois, para uma curta estadia, a terceira, de apenas um mês aproximadamente, no ano de 1919, mas tanto esta quanto a seguinte, de 1931, não são mencionados nos artigos ou na literatura à respeito dela especialmente os produzidos em outros países e se constituem, desta forma em importantes registros para preencher lacunas sobre sua vida. As fontes consultadas foram exclusivamente as notícias de jornal, constantes no portal digital do acervo do Jornal “O Estado de São Paulo” (ACERVO ESTADÃO – O ESTADO DE S. PAULO, [s.d.]).

Sobre estas notícias cabe registrar aqui que elas possuem uma maior imprecisão quanto à data do fato ocorrido, se comparadas aos períodos anteriores. Naquele período a diferença entre a data da notícia e seu envio e veiculação era de um ou dois dias, já nesta terceira viagem este período de tempo foi, em geral, muito maior. Como exemplo pode-se citar exatamente a primeira notícia sobre Belém de Sárraga que é de 1.º de outubro de 1919, porém ela se refere ao ocorrido dia “20 de setembro, ou seja doze dias antes da veiculação” (LOTÚMOLO JUNIOR, 2018, p. 49). Outro fato que parece denotar certo desconhecimento acerca da escritora é que esta mesma notícia traz o seguinte texto “**o conferencista hespanhol** Belem Sarraga”, demonstrando que ela foi confundida com um homem (ACERVO ESTADÃO – O ESTADO DE S. PAULO, 1.º out. 1919, p. 2, grifo nosso). Como não houve nenhum registro de fato anterior, não sabemos por onde ou de que forma ela chegou ao Brasil, mas esta informação chegou à redação através da cidade de “Curityba” – grafia da época. Estas notícias trazem a informam de que ela proferiu uma conferência já naquele dia, quarta-feira, mas sem trazer o título e a seguinte, do dia 6 de outubro, informa que Belén fez mais duas, a primeira “Trajectórias Humanas” e a seguinte “Emancipação feminina”, ambas realizadas no teatro Guayra, além de informar que ela faria mais outra no dia seguinte, sem mencionar o título, porém com um detalhe relevante que foi a duração de duas horas. Depois das quatro conferências em Curitiba, Belén dirigiu-se à São Paulo para outra conferência sob o título de “A situação actual do liberalismo no mundo”, ocorrida dia 18 naquele mesmo mês e que houve

venda de ingressos (ACERVO ESTADÃO – O ESTADO DE S. PAULO, 18 out. 1919, p. 5). Quatro dias depois nova notícia informa que Belén de Sárraga fez no “Theatro Apollo” a conferência “O perigo feminino”. A notícia é bastante extensa, fazendo praticamente uma cópia das palavras da conferencista, constituindo-se em importante documento sobre o pensamento e as palavras utilizadas por Belén, desde que se tome o cuidado com o fato de que o texto foi produzido por um jornalista e não diretamente pela autora. De qualquer forma, dada a relativa escassez de textos de Belén, este se constitui em um documento relevante. Antes de apresentar o relato do fato, o autor da notícia explicou que houve críticas às ideias apresentadas por Belén, mas não diz quando ou onde ocorreram, porém faz a defesa da conferencista em uma introdução ao texto, o que pode se constituir em fonte de estudos, por isso o trazemos:

[...] o que provavelmente se deu foi que o autor dos commentarios não assistiu a conferencia de que se occupou, limitando-se tão somente a ler as poucas linhas que sobre a mesma publicaram os jornaes, os quaes nem de longe podiam dar uma idea dos conceitos nella expedidos (ACERVO ESTADÃO – O ESTADO DE S. PAULO, 22 out. 1919, p. 4).

Belén ainda realizou outra conferência dia 25 daquele mês, mas as notícias não trazem maiores detalhes. A última notícia é do dia 5 de novembro quando ocorreria uma sessão solene sede do Grande Oriente de São Paulo em “homenagem á notável oradora hespanhola Belén Sárraga”, concitando os maçons a comparecerem à sessão. Complementando a notícia há a importante afirmação de que Belén embarcaria dia 8 de novembro para os Estados Unidos (ACERVO ESTADÃO – O ESTADO DE S. PAULO, 5 nov. 1919, p. 5).

A quarta e última visita de Belén de Sárraga ao Brasil ocorreu apenas em 1931, novamente sem muitos detalhes que demonstrem exatamente quando e de que forma ela chegou ao país. A primeira conferência ocorreu em uma segunda-feira, 6 de julho de 1931, na cidade do Rio de Janeiro, no “Theatro João Caetano”. Desta vez há uma mudança na apresentação do tema e que foi noticiado na edição de sábado dia 4, que foi informado subdividido em tópicos, assim temos: “Os graves problemas do mundo atual” dividido em “reminiscencias do passado”, “rumo ao futuro” e “homens novos para uma humanidade superior” (ACERVO ESTADÃO – O ESTADO DE S. PAULO, 4 jul. 1931, p. 2). No dia 1.º de agosto nova informação trata de uma reunião de representantes de várias correntes de pensamento, político, religiosos e filosóficos que se reuniram, agora em São Paulo, para montarem uma comissão para organizarem a recepção da “conhecida propagadora do livre pensamento”. Pela notícia percebe-se que ela conseguiu reunir várias correntes de pensamento diferentes e indica como ela era conhecida e admirada, pois reuniram-se “os representantes das ‘correntes protestantes, espírita,

maçônica, espiritualista, positivista e livre pensadora em geral’ bem como das ‘sociedades políticas e trabalhistas desta capital’” (LOTÚMOLO JUNIOR, 218, p. 50 – 51).

Também os temas abordados por Belén de Sárraga sofreram mudanças em relação às primeiras visitas e eram variados os assuntos, como se denota pelo seguinte trecho da notícia de 8 de agosto onde informa que ela falariam sobre: “divórcio, pedagogia, anti-imperialismo e feminismo” e termina expondo que ela sempre defende os fracos, os pobres e “oprimidos” (ACERVO ESTADÃO – O ESTADO DE S. PAULO, 8 ago. 1919, p. 4).

A recepção à Belén também contava com o apoio das mulheres e a notícia de 11 de agosto informa que em sua homenagem seria realizado em chá, organizado pela revista “A Reacção” que se intitulava órgão feminista, nominando ainda as componentes da comissão organizadora, além de informar que o chá seria por “adhesões” e que estas poderiam ser retiradas na redação da revista no 9.º andar do edifício Martinelli. Traz ainda a informação de que Belém falaria sobre o tema “Os graves problemas da época atual” no “theatro Sant’Ana”. Em relação aos períodos anteriores, nota-se realmente uma mudança na abordagem dos temas, pois no dia 27 de agosto Belén abordou um tema geral, no caso “O divórcio”, mas com subdivisões ou subtemas, em sua apresentação e que foram “Amor e matrimônio”, “Consequencias fataes de uma convivência forçosa”, “Influência da desarmonia conjugal no character dos filhos”, “Evangelhos, conselhos e disposições eclesiasticas a favor do divórcio”, e “O divórcio como formula de prophylaxia social” (ACERVO ESTADÃO – O ESTADO DE S. PAULO, 27 ago. 1931, p. 6).

A notícia seguinte, datada de 16 de setembro de 1931 (Figura 6), relata que Belén faria uma conferência com o título “A Moral” no Salão do “Conservatório” localizado na “praça da Sé, 72” sendo a entrada franqueada aos interessados. Novamente um detalhe chama a atenção é que esta apresentação foi organizada e possivelmente patrocinada pela “Sociedade Theosophica” (ACERVO ESTADÃO – O ESTADO DE S. PAULO, 16 set. 1931, p. 1.^a). Abaixo uma imagem do destaque dado à notícia recuperada da primeira página, que em geral, é reservada à notícias mais importantes. Esta é a última notícia sobre Belén de Sárraga que pode ser encontra e recuperada no Jornal “O Estado de São Paulo”. Mesmo por ocasião de sua morte, em 1950 nenhuma notícia foi veiculada.

Figura 6 – Imagem da notícia da 1.ª página do jornal “O Estado de São Paulo”, de 16 de setembro de 1931, informando sobre a conferência de Belén de Sárraga.



Nota: Observa-se o destaque dado à notícia pela borda e as letras, destacando o quadro das demais em derredor. Fonte: Internet.⁸

Percebe-se claramente que apesar de ainda ser muito bem recebida e de não haver notícias de hostilidade como em outras ocasiões, o número de apresentações das conferências de Belén foi bem menor que nas ocasiões anteriores, sendo de apenas quatro e com espaço de tempo bastante longo entre elas, segundo as notícias da época (ACERVO ESTADÃO – O ESTADO DE S. PAULO [s. d.]). São diferenças importantes que requerem um olhar atento e podem assinalar mudanças tanto sociais quanto políticas, pois o Brasil estava no início da era Vargas e as antigas oligarquias que trouxeram e apoiaram Belén das vezes anteriores, se encontravam afastadas do poder político federal. Por outro lado, o Clero Católico ensaiava uma reaproximação com o Governo Federal, como forma de recuperar sua antiga posição de influência política. Mesmo já se iniciando naquele momento uma reação anticlerical, por temor de um retrocesso na situação de laicização do estado brasileiro, este movimento era ainda incipiente e seria fortemente reprimido pela polícia política de Getúlio Vargas, durante a década 1930/40 (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2013).

Também cabe ressaltar, neste ponto, que além das notícias relativas às três viagens – a de 1910 não consta dos arquivos daquele jornal – feitas por Belén de Sárraga, encontram-se notícias também em relação à sua atuação em outros países, como no Chile e Portugal em 1913 e Buenos Aires em 1915 e 1917 o que demonstra que sua atuação chamava a atenção da imprensa, mesmo de outros países. A falta de notícias sobre Belén em 1910, quando ela esteve no rio Grande do Sul, talvez se deva ao fato de que como ela residia no Uruguai, país que faz divisa com aquele estado, ela poderia ter entrado diretamente, atravessando a fronteira.

⁸ Disponível em: [https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19310916-18964-nac-0001-999-1-not-Belén de Sárraga. O Estado de São Paulo, São Paulo, 16 set. 1931.](https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19310916-18964-nac-0001-999-1-not-Belén%20de%20Sárraga.%20O%20Estado%20de%20São%20Paulo,%20São%20Paulo,%2016%20set.%201931.)

Quadro com o temas das conferências proferidas e as respectivas cidades e datas

Conferências Temas /títulos	Cidade	Data
Evolução religiosa	Rio de Janeiro	17/04/1911
Os Jesuítas e o porvir da América	São Paulo	30/04/1911
	Amparo	27/05/1911
Ferrer e a Escola Moderna	São Paulo	03/05/1911
Livre Pensamento	Campinas	14/05/1911
	Barretos	18/07/1911
A mulher e a religião	Campinas	15/05/1911
	Araraquara	25/07/1911
	São Roque	07/08/1911
Separação entre Igreja e Estado	Campinas	17/05/1911
A família e a educação social ou Sociedade e família	Campinas	18/05/1911
Em frente ao passado	Rio Claro	22/05/1911
A igreja e seus sacramentos	Poços de Caldas	31/05/1911
Christo e Ferrer	Jardinópolis	0/06/1911
Trabalho e a Igreja	Ribeirão Preto	12/06/1911
Jesus e seus sucessores	Batatais	15/06/1911
A família e a Igreja	Mogi das Cruzes	21/06/1911
A Mulher e a confissão	Americana	27/06/1911
A religião e os Livres Pensadores	Araras	28 ou 29/06/1911
A religião e a moral	São Carlos	12/07/1911
	Guaratinguetá	03/08/1911
	Lorena	06/08/1911
	São Paulo	16/10/1919
A religião e a família	São Carlos	13/07/1911
Livre Pensamento e religião	São Paulo	27/04/1911
	Bebedouro	19/07/1911
	Araraquara	24/07/1911
A razão frente ao dogma	São Carlos	23/07/1911
El problema de la educación	São Carlos	24/07/1911
A emancipação da mulher	Guaratinguetá	04/08/1911
A mulher perante a igreja	Guaratinguetá	17/08/1911
Trajetória humana	Curitiba	04/10/1919
O perigo feminino	São Paulo	16/10/1919
Clericalismo e democracia	São Paulo	16/10/1919
Situação atual do liberalismo no mundo	São Paulo	16/10/1919
Os graves problemas do mundo atual	São Paulo	16/10/1919
Diversos temas: “Anti-imperialismo”; “divórcio”; “sociologia”; “feminismo”; “pedagogia”	São Paulo	08/08/1931
Amor e matrimônio	São Paulo	27/08/1931
A moral	São Paulo	16/09/1931

4.2 História: o contexto da produção discursiva

O outro aspecto sob o qual foi analisado o discurso de Belén de Sárraga foi a história, aqui englobando não apenas a história da época em que ela proferiu seus discursos, como também a do próprio movimento que ela representava e cujas ideias difundia. Como se demonstrou, a própria história pessoal da autora estava presente compondo um quadro mais rico sob a Análise de Discurso.

A definição de história é bem ampla se consideradas as diversas correntes filosóficas e suas abordagens teóricas, porém para esta pesquisa procurou-se, ao menos ampliar um pouco mais os horizontes do que intuitivamente vem à mente como sendo a história um suceder de fatos ao longo de um tempo. Pretendeu-se a expansão do entendimento do significado de história para além de um relato de fatos cronologicamente encadeados, e sua compreensão como a relação de fatos com as mudanças sociais, políticas, religiosas e econômicas, cujo estudo pode ajudar na compreensão da realidade atual. Encontramos na Enciclopaedia Brytanica (HISTÓRIA, 1987, v. 11, p. 5759), a definição de História como sendo uma Ciência que se ocupa das constantes mudanças da sociedade ligando o passado ao presente, tornando esse passado contemporâneo e com estreitas ligações com outras ciências, especialmente as sociais.

A Análise de Discurso conjumina o autor dos discursos com o momento histórico no qual se insere. A observação da inserção do sujeito/autor no momento histórico permite que as ideias façam sentido não apenas para determinado grupo para o qual elas se dirigem, mas também em consonância com a época em que o discurso é produzido e tornado-se mais compreensível no momento em que a análise ocorre. Para que a ideia, transmitida pelo discurso, faça sentido no momento de sua produção ela tem de **significar** naquele momento. Sobre a história, Orlandi (2020, p. 18), faz a seguinte consideração: “a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentido)”, ou seja, uma ideia deslocada de seu tempo, tem valor como mensagem, como curiosidade, mas é percebida de modo diferente se, no momento em que é difundida, há uma justificativa, um anseio, ou mesmo repulsa pelo que se diz. De qualquer maneira não se diz em vão. Mostrando que o sujeito é afetado pela história, pelo momento, temos ainda daquela pesquisadora: “o sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam” (ORLANDI, 2020. p. 18). Procurando aprofundar esta ideia podemos usar como exemplo a própria escritora e seus discursos, objeto da presente pesquisa. Se o discurso de Belén tinha o mesmo significado no momento em que foram produzidos, no âmbito do Livre-Pensamento, como o eram os de seus predecessores, décadas antes, bastaria apenas que ela os

repetisse. Mas os fatos históricos são dinâmicos e alteram a forma como os significados são percebidos e entendidos, portanto também produzidos. Além do mais, reações de ambas as partes justificam novos enfoques e realçam nuances que antes podiam até não existir. Hoje pode ser que o anticlericalismo não faça sentido, mas conhecer sua existência nos ajuda a entender o momento presente, mostrando como chegamos até aqui. Retomando as ideias de paráfrase e polissemia anteriormente apontadas quanto ao sujeito, elas agora se relacionam também no caso da história, pois só fazem sentido se pensarmos sob a ótica do transcurso do tempo. Recorrendo novamente à Orlandi: “nem os sujeitos nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados. Eles estão sempre se fazendo, havendo um trabalho contínuo, um movimento constante do simbólico e da história” (ORLANDI, 2020, p. 35). É dessa maneira que o que se diz precisa, para fazer sentido, ser inserido na história.

Para Fiorin (2018), a história também é relevante na análise do discurso ao influenciar a cultura de uma época e, portanto, a maneira como o autor expressa-se e expressa sua visão de mundo a partir daquele momento histórico. Então, além da história do autor é preciso saber o momento no qual ele produziu o discurso, com a finalidade de entender quais os movimentos, entendimentos e significados estavam envolvidos naquele momento. No dizer daquele professor: “*agora* é o momento em que o *eu* toma a palavra e, a partir dele, toda a temporalidade linguística é organizada” (FIORIN, 2018, p. 56, destaque no original). Ao conhecer o *agora* histórico, ou seja o momento no qual o discurso ocorre, é possível conhecer porque e *como* se deve falar, pois, o momento histórico determina os sentidos. Apesar de haver certa autonomia dos sentidos em relação ao tempo, essa autonomia não é total estando condicionada aos condicionantes históricos, então “o componente semântico [do sentido] do discurso continua sendo determinado por fatores sociais. É esse componente que contém a visão de mundo veiculada pela linguagem” (FIORIN, 1998, p. 53, explicação nossa). Compreender, portanto a visão de mundo tanto da autora, Belén, como a dos integrantes e simpatizantes do Livre-Pensamento é condição necessária para o estudo e análise dos discursos daquela autora. Ao compreender-se a história pessoal, a história do movimento à qual pertencia Belén, a história da reação da Igreja e do momento no qual os discursos estão inseridos compreende-se claramente a expressão: “A história se faz presente na língua” (ORLANDI, 2020, p. 65).

Sem citar textualmente a palavra história no mesmo contexto utilizado até agora, Foucault (2014), em “A ordem do discurso” de 1970, traça um percurso histórico para os discursos e como se alteraram, ao longo dos séculos e dos momentos históricos, as diversas formas de discursos e seus sentidos, desde os oraculares gregos, os dos filósofos, os dos cientistas, dos médicos, os produzidos no interior das disciplinas, os produzidos pelos loucos.

Indicou também, naquela célebre obra, as censuras pelas quais passaram os discursos, bem como os momentos de reconsideração, demonstrando como certas teorias pronunciadas, mas não compreendidas de imediato, tornaram-se verdades irrefutáveis tempos depois, e cita como exemplo, os estudos de Mendel sobre a transmissão de fatores genéticos: “como os botânicos ou os biólogos do século XIX puderam não ver que o que Mendel dizia era verdade. [...] Mendel dizia a verdade, mas não estava ‘no verdadeiro’ do discurso biológico” (FOUCAULT, 2014, p. 32-33). Fica claro, desse modo, como é necessário levar em conta o momento histórico da produção do discurso, pois os sentidos atribuídos às palavras empregadas podem mudar diametralmente ao longo do tempo. Assim pode parecer estranho, hoje, fazer-se críticas ferrenhas à atuação social e política da Igreja Católica, mas não o seria na época em que Belén as difundia. Dessa maneira, quando pensamos “na história para Foucault”, precisamos levar em conta que ele a entendia como um suporte para questões filosóficas, não observada portanto a partir de objetos, mas sobre como o ser humano pode “refletir sobre aquilo que faz. É uma questão filosófica, uma visão crítica da existência da qual a história é o suporte” (TRONCA, 1987, p. 9). Foucault ainda traz a noção de “‘A Priori’ Histórico”, que fica mais clara na análise de Luiz Orlandi (1987) ao explicar essa expressão do filósofo francês:

Trata-se, diz ele, de “liberar as condições de emergência dos enunciados, a lei da sua coexistência com outros, a forma específica do seu modo de ser, os princípios segundo os quais eles subsistem, se transformam e desaparecem”. *A priori*, “não de verdades”, mas de “coisas efetivamente ditas” (ORLANDI, L., 1987, p. 26).

Com esta explanação compreende-se por que os historiadores se incomodavam com as análises de Foucault, pois suas obras consideravam a história não como narrativa de fatos históricos sobre os objetos analisados, mas como o fato era situado em relação ao objeto (TRONCA, 1987, p. 7-8). A partir dessa mudança de posição do observador, Foucault propõe observar as instituições, as organizações, os poderes constituídos não apenas pelo discurso oficial, mas entender porque se tornou oficial, quem organizou as condições para que aquele discurso fosse assim considerado, tornando-se o ponto de partida para uma análise diferente das aceitas até aquele momento (FOUCAULT, 2008).

A análise, sobre o aspecto histórico, da conferência de Belén, portanto, deve levar em consideração a história pessoal da autora, a história do movimento Livre-Pensamento, o momento histórico no qual a conferência é produzida e as reações da Igreja Católica, demonstrando as relações que se estabeleceram e o constituíram como resultante. Sabe-se, pela história que os discursos de Belén de Sárraga eram investidos de autoridades, e com o olhar de

Foucault, busca-se entender também que mecanismos estavam envolvidos para que eles, os discursos, fossem assim considerados, quem ou o que lhes investiu dessa autoridade, por que ela e não outra pessoa.

4.2.1 O ideário do Livre-Pensamento

O presente estudo pretende, como exposto na Introdução, estudar a narrativa da escritora e conferencista Belén de Sárraga inserida em um movimento ideário que ficou conhecido como Livre-Pensamento. Desta forma torna-se necessário conhecer este movimento e quais ideias defendia e propalava.

Naturalmente, a capacidade de pensar de forma livre é inerente à própria faculdade em questão, mas o que a expressão pensar livremente implica é, ou deveria ser, estabelecer um julgamento próprio, calcado em um modo de pensar que expresse as conclusões sobre fatos e conhecimentos prévios ou adquiridos sobre determinados assuntos e da forma mais ampla possível, utilizando uma sequência lógica de raciocínios, isenta de preconceitos e de dogmas – não apenas no sentido religioso, mas no mais amplo possível.

Percebe-se pelas considerações acima, que a definição de um momento a partir do qual esta capacidade foi utilizada pelo ser humano tornaria impossível estabelecer uma data ou uma situação inicial. Porém, o que se pretende é estudar um movimento específico que ficou conhecido como Livre-Pensamento com origem na Europa e que atingiu o Brasil no final do século XIX.

A Europa foi o centro das decisões políticas, científicas, filosóficas e sociais do mundo desde os primeiros séculos da era cristã e já foram registrados, em seção anterior, vários exemplos de evolução do pensamento, relativo ao entendimento do que seja liberdade de agir e de pensar. Também foi na Europa que o combate ao pensamento livre ocorreu com maior frequência e de maneira mais intensa, ao menos no que interessa mais de perto para a presente pesquisa. Muitos são os nomes de pessoas que defenderam seus direitos de expressar seus pensamentos e muitos pagaram com a própria vida, ou foram perseguidos e presos, dos quais podemos citar, Hipátia de Alexandria, Sócrates, Galileu Galilei, Jean-François de la Barre, Voltaire, Étienne Dolet, Francesc Ferrer y Guardia, além de muitos outros anônimos. Porém para os objetivos deste trabalho foi preciso um recorte temporal e geográfico como forma de estabelecer o movimento que mais de perto de refere àquele do qual fazia parte Belén de Sárraga, notadamente na França do século XVIII, época que lançou as bases filosóficas dos

movimentos libertários subsequentes, com o Iluminismo e suas conseqüentes reações, especialmente as da Igreja Católica. Estes embates se prolongaram pelo século XIX.

Em Relação ao movimento conhecido como Livre-Pensamento tem-se as palavras de Bayet (1971):

O termo “livre-pensamento” teve frequentemente, no decurso do século XIX, ásperas ressonâncias. Hoje mesmo, ele conserva qualquer coisa de agressivo. Uns lançam-no mais ou menos como um desafio. Outros acolhem-no com uma ironia hostil. No entanto, ele nada tem em si que justifique tais sentimentos. Todos os homens, quaisquer que sejam as suas opiniões, concordam, com Pascal, que a nossa dignidade consiste no pensamento (BAYET, 1971, p. 7).

Ainda sobre a expressão livre-pensamento – aqui em letras minúsculas por não se tratar do movimento estudado e que foi estruturado posteriormente,- e pela necessidade de informar com o devido rigor científico, tem-se a informação Catroga (2017), que o esse termo foi utilizado provavelmente em Londres, no ano de 1667 “para caracterizar alguns membros da *Royal Society*, de Londres, pertencentes ao anglicanismo liberal” e caracteriza-se pela defesa de que a “compreensão do mundo deva se basear na ciência e pela razão” (CATROGA, 2017, p. 65). Percebe-se assim que, desde sua origem essa expressão esteve ligada a um posicionamento claro que era a base científica e racional para o entendimento do mundo, procurando-se abandonar as ideias simplesmente aceitas sem um julgamento baseado na razão.

Em muitos momentos o Livre-Pensamento adquiriu, enquanto movimento que aglutinava várias frentes, uma forte postura anticlerical e que, no caso em questão, será a tônica mais importante e o traço mais marcante das conferências de Belén de Sárraga, razão pela qual sua compreensão é basilar para o presente estudo. Confirmando estas palavras do Prof. Bayet, temos as de Rudy (2017) que ainda confirma a ligação desse movimento com as ideias iluministas que caracterizaram o século XVIII, mas se prolongaram pelo século seguinte:

De qualquer forma, ao ganhar fôlego no contexto das lutas políticas da França, em pleno século 19 – como produto do iluminismo, do racionalismo e do cientificismo –, o anticlericalismo acabou por expressar o ataque e a denúncia das contradições da vida dos clérigos para com as doutrinas eclesiásticas, assim como o combate à influência política da Igreja no seio da sociedade civil – leia-se clericalismo. Logo, essas ideias de aversão ao clero deram forma a movimentos de massa de caráter internacional, que aglutinaram diversos segmentos sociais (RUDY, 2017, p. 13).

Este posicionamento se deve ao fato de que a Igreja Católica era a mais poderosa instituição à defender as ideias combatidas pelo Iluminismo e, por consequência, representava,

por sua penetração social e poder político e que era chamado de clericalismo, combatido, portanto, pelo anticlericalismo.

Pelo percurso histórico apresentado até este momento entende-se que as ideias de liberdade religiosa sempre estiveram entremeadas nos choques entre uma visão mais liberal e outra mais conservadora. Dessa forma o Iluminismo teve uma contribuição determinante ao propor o direito à liberdade de culto e de expressão religiosa. Recorremos novamente a Bayet para embasar esta afirmação:

Foi a honra do “século das luzes” ter feito da tolerância um princípio de direito humano, uma consequência da grande lei de fraternidade. Mas este século foi mais longe. Pôs em evidência, pela primeira vez, a ideia da “liberdade de pensar”.

Desta liberdade, acabamos de o vêr, os homens, no decurso da história, têm frequentemente feito uso, pois que ela está na origem de todos os progressos do espírito. Porém, antes do século XVIII, eles jamais a haviam proclamado (BAYET, 1971, p. 115, destaques do original).

Inicialmente, foi na França onde mais intensamente se deu este choque de ideias, por duas razões básicas, a primeira por ter sido aquele país o berço do iluminismo e pela proximidade com Roma, a sede da Igreja Católica. Desta maneira é necessário fazer um recorte temporal e geográfico, para a França do século XVIII, com a finalidade de mostrar o quadro social, político e religioso que promoveram os embates que culminaram com o forte anticlericalismo expresso no Livre-Pensamento.

Durante o reinado de Luiz XIV, chamado de “Rei Sol” os protestantes franceses sofreram duras perseguições, que os impedia de expressarem livremente sua adesão àquela religião. Com a morte do rei, em 1715, os protestantes procuraram liberdade para praticar seu culto, no entanto a perseguição foi implacável e estendeu-se até aos primeiros anos do século seguinte. Até mesmo uma corrente de origem católica, mas com proximidade com as ideias protestantes, conhecida como jansenistas, foi duramente perseguida, chegando-se a prender até magistrados adeptos desta corrente religiosa. Em seguida, por volta da metade do século XVIII, a perseguição volta-se para os filósofos, com as prisões de Voltaire na Bastilha e de Diderot que foi enviado para a prisão de Vincennes. Do mesmo modo, Rousseau fugiu para a Suíça para não ter a mesma sorte. Como sempre acontece nestes períodos, os textos e as obras desses e de outros filósofos e pensadores foram confiscados e queimados, como por exemplo, a “Enciclopédia”, o “Dicionário Filosófico” de Voltaire “O Espírito” de d’Holbach (BAYET, 1971, p. 110). Em 1766 o jovem Jean-François la Barre, mesmo pertencente à nobreza, foi preso e decapitado e seu corpo queimado, acusado de não reverenciar uma procissão católica e de ter

lido o Dicionário Filosófico de Voltaire, encontrado em seu quarto. O símbolo da intolerância era tão grande que um exemplar do “Dicionário” foi queimado junto com o corpo de la Barre. (SANTANA, 2014, p. 60).

Porém, a Revolução Francesa, marcou uma importante mudança nesta situação quando a Assembleia Nacional aprovou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão – já citada em secção anterior – garantindo a liberdade de adesão e expressão religiosa como um direito fundamental. Como já exaustivamente demonstrado até aqui, este direito sempre foi reivindicado pelos seres humanos de espírito livre, no entanto, a partir daquele momento este direito era reconhecido legalmente, e assim:

[...] um dia chega em que é decidido que ninguém poderá ser “inquietado” pelas suas opiniões, em que é proclamado que a “livre comunicação dos pensamentos” é um direito inalienável e sagrado. Como não dizer que esse dia é um dos cumes luminosos da história? (BAYET, 1971, p. 120).

Esta declaração marca o início de uma nova era no que se refere aos direitos políticos, sociais e religiosos não somente da França, mas de todo o mundo ocidental. Ainda em julho do ano seguinte na França, a Assembleia Constituinte, que substituíra a Assembleia Nacional aprovou a Constituição Civil do Clero que regulamentava o exercício dos clérigos naquele país e os tornava como uma espécie de funcionário do Estado, porém poucos deles aceitaram esta condição e muitos foram presos e até ameaçados com a pena de morte.

A ascensão de Napoleão Bonaparte ao trono alterou o cenário das relações entre a Igreja e o Estado. Napoleão embora tenha declarado que não acreditava em religião alguma, percebeu a importância e o peso social e político que o Papa ainda tinha na sociedade Francesa e decidiu manter boas relações institucionais com a Igreja Católica, já que os bispos e padres eram pagos pelo tesouro da França. Para selar esta união, Napoleão e o papa Pio VII assinam um tratado, em 1801, conhecido como Concordata. Por esse tratado todos os clérigos juram, além de fidelidade ao Imperador:

[...] não ter nenhum acordo, não assistir a nenhum conselho, não manter nenhuma ligação, quer no interior, quer no exterior, que seja contrária à libertação pública, e se, na minha diocese ou algures, tiver conhecimento de que se trama qualquer coisa em prejuízo do Estado, fá-lo-ei saber ao governo (BAYET, 1971, p. 134, destaque no original).

Desta forma a Igreja sentia-se protegida e, ao mesmo tempo em que era vigiada, também observava a sociedade. A estabilidade política na França estava longe de ser alcançada e após a derrota de Napoleão a monarquia ressurgiu naquele país sob a regência de Luis XVIII,

sucessor natural do trono. Este Monarca também preferiu assinar um tratado com a Igreja, a Santa Aliança, que embora não garantisse a livre expressão do pensamento, ao menos garantia da liberdade de culto. A reação da Igreja, por intermédio do Papa Pio VII e seus sucessores permeou todo o século XIX, notadamente contra o que ela, a Igreja, considerava “seitas heréticas e até da perfídia judaica” e como um “delírio” que era a “liberdade de imprensa, liberdade a mais funesta, liberdade execrável” (BAYET, 1971, p. 139).

Do outro lado, ou seja, daqueles que defendiam a livre expressão, quer fosse ela religiosa ou de pensamento, estavam pessoas de todos os matizes ideológicos, com diferentes visões de mundo e professando diferentes religiões. Do mesmo professor, traz-se uma importante consideração, necessária ao entendimento do ambiente intelectual, político e social que permeou atuação e o discurso de Belén de Sárraga: “A batalha ideológica tem aspectos muito diversos, porque o livre-pensamento é uma posição, não uma doutrina (BAYET, 1971, p. 142). Segundo aquele professor é possível encontrar ao menos três grupos diferentes fazendo parte do movimento Livre-Pensamento, a saber: aqueles que têm na Ciência a base de sua atuação e atacam a Igreja desde os seus dogmas, a exemplo de August Comte; um segundo grupo composto pelos “deístas”, ou seja, acreditam em um Deus, mas atacam o catolicismo, fazendo parte deste grupo personalidades como o escritor Victor Hugo; e um terceiro grupo composto por pessoas que admiravam o cristianismo, mas discordavam da Igreja pelo sua opressão à liberdade. Esta característica, qual seja, a aglutinação de diferentes visões de mundo e de origens filosóficas, como dito acima é importante pois está em acordo com uma das características fundamentais da maçonaria, e ela teve papel preponderante na atuação de Belén de Sárraga no Brasil e provavelmente em outras partes do mundo. Como afirmado por Rudy (2017, p. 12) os estudos no Brasil sobre o Livre-Pensamento e mesmo sobre o anticlericalismo são escassos razão pela qual nos valemos insistentemente da obra do Prof. Bayet (1971) para basearmos nossas pesquisas, assim trazemos ainda outro trecho da mesma obra, que mesmo fazendo referência a um período já coberto nesta seção – a Revolução Francesa – faz referência à Ordem Maçônica:

Se o livre-pensamento é diverso no plano das ideias, é uniforme no plano político, na sua luta contra o “clericalismo”. Os homens da Congregação e, mais geralmente os partidos de direita querem abolir a obra de 1789, fazer calar a imprensa, **assegurar o domínio do clero sobre a educação**. Os homens da Carbonária, **da Franco-Maçonaria**, da Sociedade dos Direitos do Homem, da Liga do Ensino e, mais geralmente os partidos de esquerda querem salvar a liberdade de pensamento, a liberdade de imprensa, a Universidade. Entre os dois partidos, a luta é quotidiana, um e outro conhecem

alternativamente sucessos e reveses. (BAYET, 1971, p. 144, destaques nossos).

As lutas entre os defensores de um estado laico e os eclesiásticos, como assinalado linhas atrás, permeiam todo o século XIX na França, inclusive no âmbito legislativo. Nas primeiras décadas, mais precisamente em 1828, dois decretos impedem que os professores das escolas do estado sejam membros das congregações religiosas e limitam o número de alunos em cada seminário. Somente em 1849 a Igreja consegue alguma vitória quando consegue a aprovação de uma lei que permitia que os prefeitos pudessem demitir os professores de cada escola, a pedido dos clérigos católicos ou protestantes. Logo no ano seguinte, uma lei conhecida como lei Falloux instituiu, no ensino primário as matérias de moral e ensino religioso.

Alguns anos mais tarde, em 1864 o papa Pio IX lançou a encíclica *Quanta Cura* e seu anexo *Syllabus Errorum*, onde se lê: ‘Anátema àqueles que digam que o pontífice romano pode e deve reconciliar-se e pôr-se de acordo ‘com o progresso, o liberalismo e a civilização moderna’, causando reações contrárias até entre alguns católicos (BAYET, 1971, p. 147).

Alguns anos mais tarde, em 1869, nas decisões de um concílio está, dentre outras, a infalibilidade do Papa para os assuntos ligados aos costumes e à fé. Na mesma linha trazemos um trecho da Prof.^a M. Dolores Ramos Palomo que ilustra bem a situação descrita:

En 1864, Pío IX se alzó contra la “civilización moderna” en el *Syllabus Errorum*, documento en el que condenaba todos los “ismos” de la contemporaneidad: panteísmo, naturalismo, racionalismo, socialismo, las sociedades secretas, sobre todo las carbonárias y masónicas, y los principios liberales que sustentaban el derecho público em numerosos países europeos. Sin una lectura del *Syllabus* no puede entenderse el arraigo del anticlericalismo en el cruce de los siglos XIX a XX. La proclamación del dogma de la infabilidad del Papa en 1869 y la publicación un año después de un nuevo canon: *De Ecclesia*, en el que se le atribuía a ésta, pese a su condición de “cuerpo místico” y “sociedad perfecta espiritual y sobrenatural”, el derecho a controlar los poderes terrenales, encresparon los ánimos de los librepensadores, [...] (RAMOS PALOMO, 2006, p. 690).

Ramos Palomo (2006) ainda se utiliza, no mesmo artigo, de um termo muito utilizado nos estudos anticlericais, qual seja, *ultramontanos*, cujo entendimento também é importante para daquele período e assim, novamente trazemos trecho do mesmo artigo:

Pluralidad y tolerancia determinaron que el laicismo agrupara en el período de entresiglos cinco frentes plenamente visibles, aunque en la práctica no demasiado bien avenidos: los defensores de un republicanismo católico

opuesto a los excesos *ultramontanos* del clero; [...] (RAMOS PALOMO, 2006, p. 691, destaque nosso).

Também, segundo aquela professora, e em acordo com o que trouxemos de Bayet (1971), a reação aos movimentos da Igreja Católica reunia pessoas de diversas tendências que, ela identifica como pertencentes, basicamente, a cinco classes que guardavam entre seus membros pontos em comum ou similaridades, a saber: os católicos republicanos que se opunham aos excessos dos ultramontanos, os protestantes de cunho liberal, os adeptos de correntes deístas - espiritualistas e, por fim, os livres-pensadores e maçons.

O mesmo Prof. Bayet, já tantas vezes citado neste trabalho se utiliza da expressão “ultramontano” reforçando a necessidade de se conhecer melhor sua origem, ao encontro do que trazemos as palavras de Tavares:

De acordo com os ultramontanos, a sociedade moderna ao negar as diretrizes da Igreja, estaria fadada à destruição. A recusa da autoridade religiosa e monárquica atestada pelos movimentos revolucionários, o confisco dos bens eclesiásticos, a laicização do Estado, os diversos entraves criados às ordens religiosas e a equiparação do catolicismo às demais religiões, eram encarados pela intelectualidade católica como um sinal dos tempos (TAVARES, 2007, p 27 – 28).

Do mesmo autor trazemos outro trecho, onde ele se apoia em Wernet (1987), cuja obra não foi possível acessar, mas que explica de forma clara a o significado do termo:

Etimologicamente falando, ultramontano ou outremontagne foi a expressão usada, no início do século XIX, na França e na Alemanha, para indicar, na rosa-dos-ventos, o ponto escolhido de referência e fidelidade: ele está para lá das montanhas, além dos Alpes. Seu nome é Roma, é Pedro, o papa. A reação ultramontana se desenvolveu sobre uma plano duplo: tendência a reconhecer no Papa da Igreja, uma autoridade espiritual total, e a reivindicação para a Igreja da independência a respeito do poder civil, e mesmo de um certo poder ao menos indireto sobre o Estado (WERNET, 1987 apud TAVARES, 2007, p 15).

Este movimento também deve ser entendido como consequência e reação à unificação dos territórios que formaram a Itália, em 1861, o que acabou por subtrair a maior parte do território à Igreja. A unificação da Itália acabou por praticamente extinguir o Principado do Papa, reduzindo drasticamente o território da Igreja, cujo acordo somente seria assinado em 1929, no chamado Tratado de Latrão, estabelecendo apenas os atuais 0,44 km². É na sequência dos fatos de 1861 que o Papa Pio IX divulgou a encíclica *Quanta Cura* e seu complemento composto por várias proposições denominado *Syllabus Errorum*.

É este cenário que se apresenta durante quase toda segunda metade do século XIX. Também este é um período de instabilidade política na França e os livres-pensadores, apesar de poderem comemorar a institucionalização, em 1868, da escola primária, gratuita, obrigatória e de caráter laico, temiam que junto ao risco de se perder a República, se perdessem também as conquistas no campo das liberdades de expressão do pensamento e da opção religiosa ou do laicismo. A forma encontrada foi se engajar diretamente na política através da Associação Nacional dos Livres-Pensadores, associação essa que acabou por criar duas publicações, uma diária, chamada *L'Action* e outra semanal chamada *La Raison* (BAYET, 1971, p. 151). A publicação de jornais e folhetos foi uma forma encontrada de divulgação das ideias do Livre-Pensamento não somente na Europa, mas também no Brasil. A ligação entre o anticlericalismo e o livre-pensamento se dá por conta da luta comum contra o mesmo poder que dominava e se opunha aos avanços da Ciência e pretendia manter sua estreita relação com as estruturas dominantes, assim livre-pensamento e anticlericalismo se confundem em muitos momentos:

De mais a mais, numa estreita relação com o livre-pensamento – importante força em luta contra as dominações religiosas –, o anticlericalismo no transcurso do século 19, passaria a assumir a maturidade de um movimento político de ação que, paulatinamente, ganhou ressonância em outros países. Apesar de certas diferenças de tons e ritmos, os caminhos do livre-pensamento e do anticlericalismo se entrecruzam, compondo um mesmo escopo de oposição à intolerância da Igreja (RUDY, 2017, p. 15).

A Igreja Católica foi combatida porque o clero que a representava e dirigia, em cada país, exercia um poder político e social paralelo, quase um estado supranacional (DI STEFANO; ZANCA, 2013, p. 13). Neste sentido a manutenção deste poder era tido como empecilho para o pleno exercício das funções de um Estado laico, nos quais o cidadão deveria ser o maior beneficiário. No processo de consolidação e modernização dos estados nacionais, o anticlericalismo funcionou como um catalisador e agregador das correntes sociais e políticas que lutavam para impedir o retrocesso pretendido pelas correntes conservadoras que tinham na Igreja Católica uma aliada. Sob este prisma temos a palavra dos autores Di Stefano e Zanca (2013, p. 11-12):

Cuestiones como las nuevas formas de concebir la soberanía, la definición de ciudadano, la constitución de una esfera pública, los procesos de desarrollo económico y la intercomunicación mundial abrieron una serie de desafíos que permiten encuadrar al anticlericalismo como síntoma – pero también como agente – de profundas transformaciones societárias.

Em algum sentido, além das questões políticas e sociais até mesmo as questões metafísicas passaram a ser combatidas, pois foram entendidas como entraves ao

desenvolvimento intelectual. Isto não implicava, no entanto, dizer que o anticlerical fosse necessariamente ateu. Muito ao contrário, o “anticlericalismo militante no hay indiferencia frente ao divino, sino, por el contrario, una pasión casi religiosa” (DI STEFANO; ZANCA, 2013, p. 10) afirmação esta que coincide com o texto do anticlerical e livre-pensador Dario Vellozo ([191-?]), cuja fração de texto será apresentado mais à frente. Foi exatamente por não apresentar-se como antirreligiosa, mas anticlerical no sentido que era contra a demasiada influência política e social, que este movimento pode angariar a simpatia de importantes segmentos sociais que não mais queriam apenas uma forma de imposição religiosa, mas que queriam na verdade a democratização dos “instrumentos de culto”, antes nas mãos das elites (DI STEFANO, ZANCA, 2013, p. 11). A Igreja de Roma tentou retomar sua antiga influência sobre os países latino-americanos, especialmente os de língua espanhola, utilizando a influência dos clérigos locais, porém esbarraram nas mudanças sociais ocorridas a partir do desenvolvimento industrial e urbano, pois estas geraram classes de trabalhadores que se sentiam alijados do contato com os integrantes da Igreja. O anticlericalismo tornou-se desta maneira também um aglutinador dos anseios das classes operárias. Da mesma forma, as mudanças sociais ligadas à urbanização influenciaram os núcleos familiares e o papel da mulher nessas relações.

La cultura de izquierda de matriz anarquista o socialista a menudo encontró en el anticlericalismo un lenguaje más accesible para los destinatarios de sus ideas que el de la política revolucionaria. En sus distintas variantes, la tradición sindical incorporó entre sus enemigos a la figura del cura, aliado al capitalismo y las clases conservadoras (DI STEFANO; ZANCA, 2013, p. 12).

El anticlericalismo no dejó de cumplir un papel en la tarea de redefinir y delimitar ámbitos de acción en las relaciones de género, en una etapa en que los cambios vinculados a la urbanización y la industrialización afectaban los vínculos familiares tradicionales (DI STEFANO; ZANCA, 2013, p. 13).

O anticlericalismo foi mais que uma posicionamento pessoal, de foro absolutamente íntimo, tomando âmbito social e político como reflexo de mudanças sociais, políticas e econômicas, mas também influenciando na consolidação dessas mudanças. Pode-se, em resumo, dizer que seu principal alvo era o combate à influência do Clero Católico, por ser ele a de maior difusão na sociedade e também porque, por sua vez, também ela, a Igreja reagiu à oposição que lhe era feita na esfera pública. Embora com menor intensidade, também alguns dogmas e posições filosóficas eram combatidas especialmente no que diz respeito ao conhecimento científico, quando este era confrontado com as informações contidas na Bíblia (VALLADARES, 2000, p. 67).

Em linhas gerais são estas as principais características e um breve histórico do movimento Livre-Pensamento, do qual fazia parte Belén de Sárraga como uma de seus maiores expoentes.

4.2.1.1 O Livre-Pensamento em São Carlos

Desde as primeiras buscas por informações sobre a existência do Livre-Pensamento na cidade de São Carlos não foi possível encontrar dados sobre sua origem, mesmo que informal. O que se tem de concreto são as informações registradas nas atas de uma organização que foi denominada “União dos Livres Pensadores”, fundada na cidade de São Carlos, em 1911 e que não apenas contou com a presença de Belén de Sárraga, mas ela foi escolhida para presidir a Assembleia.

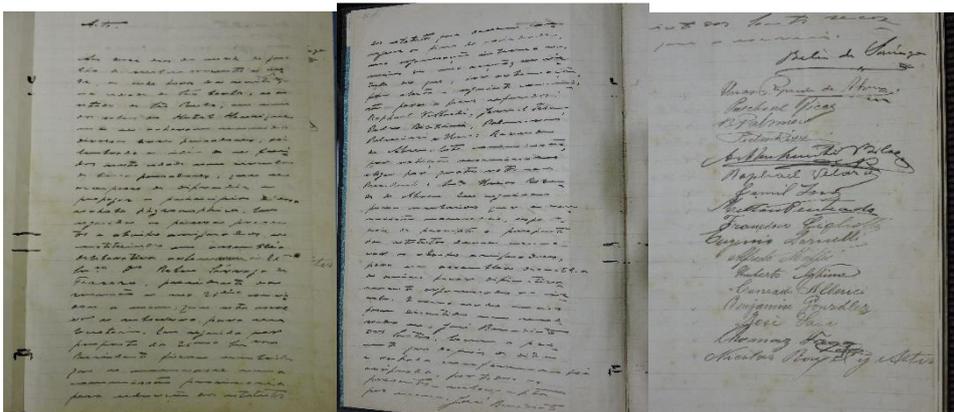
A partir das atas daquela associação foi possível relacionar os nomes dos fundadores e a maneira como se davam as decisões e relacionamentos com outras organizações de livres-pensadores de outras cidades, especialmente da capital do estado. Cabe registrar aqui também que este é o único livro encontrado e seus registros cobrem um pequeno período de tempo da vida daquela organização que, segundo registros existentes em um almanaque da cidade pode ter existido até pelo menos 1915 (CAMARGO, S. 1915, p. 155). De qualquer forma são registros importantes sobre a existência de um movimento ideário presente em diversos países do mundo, inclusive no Brasil e na cidade de São Carlos, mas pouco estudado. Dada a importância da informação apresenta-se a seguir trecho da ata, com a ortografia da época, da reunião de fundação da “União dos Livres-Pensadores”, ocorrida no dia 12 de julho de 1911, nas dependências do Hotel Henrique, que se localizava na rua General Osório, n. 28 (CAMARGO, S. 1915, p. 96).

Aos doze dias do mez de julho de mil novecentos e onze ás onze horas da noite, na cidade de São Carlos, no estado de São Paulo, em um dos salões do Hotel Henrique onde se achavam reunidos diversos Livres Pensadores, foi lembrada a idéa de se fundar n’esta cidade um circulo de livres Pensadores, que se occupasse de difundir e propagar os principios d’essa eschola philosophica. Em seguida as pessoas presentes e abaixo assignadas, se constituindo em assembléa deliberativa aclamaram a Exma. Sr^a. D^a. Belem Sarraga de Ferrero, presidente da reunião e sua Ex.^a convidou a mim, que esta subscre, digo escrevo e subsecrevo para seu Secretário. Em seguida por proposta da Exma. Sra. Presidente ficou resolvido que se nomeasse uma comissão provisória para a redacção dos estatutos que devam consignar os fins da Sociedade, sua organização interna e os meios de sua acção, [...] (ASSOCIAÇÃO DOS LIVRES PENSADORES, 1911, p. 1).

Em seguida passou-se à escolha dos integrantes da comissão para as deliberações aprovadas como a redação do estatuto, sendo escolhidas as seguintes pessoas: Raphael Vilardi, Jamil Issa, Pedro Rizzini, Baldomiro Palmieri e Urias Resende de Abreu. Aqui também se faz necessário informar que esta primeira ata foi registrada com uma letra ilegível, pelo Sr. José Benedicto dos Santos, que curiosamente não aparece na relação de assinaturas ao final do documento. Percebendo a dificuldade de ser lida esta ata, algum outro integrante do grupo fez logo na página seguinte, após as assinaturas dos presentes, uma cópia desta primeira ata, permitindo que nos dias de hoje fosse possível conhecer melhor a história desta associação.

Após o fecho de praxe vêm as assinaturas dos membros presentes à reunião, em número de dezoito contando-se com Belén de Sárraga, e cujos nomes são importantes para a história do Livre-Pensamento em São Carlos, razão pela qual os registramos: Belén de Sárraga, Urias Resende de Abreu, Baldomiro Palmieri, Pedro Rizzini, Arthur Lucchini Bilac, Raphael Villardi, Jamil Issa, Milton Pentead, Francisco Gigliotti, Eugenio Sarnelli, Alfredo Maffei, Umberto...(sem sobrenome), Conrado Alberici, Benjamim Gonzalez, José Saia, Thomaz Fagá e Nicolas Rayel y Artis. Deve-se acrescentar à lista de fundadores o nome do secretário, que participou ativamente da associação, mas que não assinou a ata, elevando para dezenove o número de fundadores. Nesta primeira reunião ainda a associação ainda não havia recebido um nome. Abaixo (Figura 9) a imagem da ata de fundação da “União dos Livres Pensadores”.

Figura 8 – Imagens da ata de fundação da “União do Livres Pensadores”, ocorrida em 12 de julho de 1911.



Nota: a primeira assinatura no alto da folha da direita é de Belén de Sárraga.

Fonte: Documentos pertencentes ao Museu da Loja Maçônica “Eterno Segredo”.

Imagens produzidas pelo autor.

Conforme já registrado anteriormente, na seção que apresenta a vida de Belén de Sárraga, ela foi iniciada na Ordem Maçônica na Espanha e depois frequentou uma Loja na Argentina, galgando altos postos na administração. Durante suas visitas ao Brasil, em diversas

ocasiões ela foi recebida por maçons, nas cidades que visitava como também participou de reuniões solenes com as presenças de altas autoridades da Ordem Maçônica. Conforme Rudy (2017, p. 192) o contato de Belén de Sárraga com o maçom e livre-pensador Benjamim Mota foi importante para sua vinda ao Brasil e provavelmente para os contatos com os maçons das cidades que visitou, assim a informação de que entre os membros fundadores da associação dos livres pensadores – ainda sem nome – haviam diversos maçons, bem como o fato de que vários outros membros que a ela se filiariam também pertencerem à Maçonaria, é relevante. Com os dados do livro “O Centenário de um ideal” (LOTÚMOLO; TOLENTINO, 2000) foi possível identificar seis fundadores da associação de livres pensadores, como pertencentes à Ordem Maçônica e mais especificamente à Loja “Eterno Segredo”, única Loja então existente na cidade e que são: Baldomiro Palmieri, Pedro Rizzini, Raphael Villardi, Jamil Issa, José Saia e Nicolas Rayel y Artis. Este último também participou da fundação da Loja Maçônica “Eterno Segredo” em 1899. Desta mesma Loja fazia parte também o Sr. Elício Fernandes que pouco tempo depois se uniria à associação de livres pensadores e teria papel importante na vinda de Belén de Sárraga para São Carlos, como já exposto.

A segunda reunião foi realizada apenas com a presença dos membros da diretoria e somente ocorreu um mês depois da primeira, em 11 de agosto. Porém para esta reunião foram convidadas mais três pessoas que ainda não faziam parte do quadro de associados, mas que estando presentes aceitaram o convite e se uniram ao grupo. Foram eles os Srs. Virgilio Rabello, Antonio Basso e Manuel Rodrigues Carvalheira, e este último teria papel importante na preservação da história daquela organização e das atuais pesquisas. Ainda naquela reunião foi escolhido o Sr. Virgilio Rabello, que acabara de adentrar para o quadro associativo para a presidência provisória e para secretário o Sr. Manuel Carvalheira.

Apenas no dia 3 de setembro de 1911, reunir-se-iam novamente os membros, em assembleia para a fundação efetiva da organização. A reunião ocorreu na sede da “Sociedade Dante Alighieri” situada na rua 9 de julho, que naquela época tinha o nome de “Uruguayana” (TRUZZI, 2008), e naquela oportunidade foi escolhida a 1.^a diretoria que teve a seguinte composição: Presidente: Virgilio Rabello, Vice-Presidente: Jamil Issa, 1.^o Tesoureiro: Raphael Villardi, 2.^o Tesoureiro: José Riga, 1.^o Secretário: Manuel R. Carvalheira, 2.^o Secretário: Antonio Basso, Orador: Arthur Bilac, Conselho Fiscal: José Francisco Rodrigues, Antonio Arruda Camargo e Elício Fernandes. Neste dia nada mais foi deliberado além de decidirem que no dia 7 daquele mês haveria a posse da diretoria naquele mesmo local. Porém há uma importante informação que merece registro histórico, pois pela primeira vez, o cabeçalho da ata o nome da sociedade fundada que passou a se chamar “União dos Livres Pensadores”, mesmo

sem ter havido deliberação neste sentido. A reunião seguinte ocorreu realmente no mesmo mês, dia 7, e novamente nas dependências da “Sociedade Dante Alighieri” onde se colocou em aprovação os “Estatutos” e se considerou empossada a diretoria eleita. Nesta reunião também foi colocada em votação e aprovada a mensalidade de “dois mil réis mensaes” (UNIÃO DOS LIVRES PENSADORES, 1911, p. 4 e seguinte, numeração irregular: as páginas eram numeradas apenas no averso). Naquela oportunidade também foi mencionada a necessidade de ter-se uma sede própria e que era necessário conseguir mais sócios. Um fato que chama atenção e é importante para a história do movimento Livre-Pensamento em São Carlos é o fato de que constam dessa reunião os nomes de mais duas pessoas que não constam como tendo ingressado na associação, mas estavam presentes e fizeram propostas e que são os Srs. Antonio Arruda Camargo e Raul de Castro. As reuniões dos integrantes da “União dos Livres-Pensadores”, aparentemente não eram realizadas em uma data fixa, porém os membros da diretoria se reuniam de forma mais regular para deliberações necessárias. No dia 6 de dezembro de 1911 a diretoria reuniu-se e decidiu que, em virtude do alto valor para o registro formal da associação através do registro de seus estatutos, esses apenas fossem impressos e o registro oficial postergado para quando houvessem mais sócios. Nesta data houve uma notícia relevante para o movimento Livre-Pensamento, trazida pelo Sr. Jamil Issa, que foi o oferecimento para vir a São Carlos e mais especificamente para participar de uma reunião daquela associação o “Sr. Everardo Dias, Redactor do ‘Livre Pensador’ de São Paulo para vir aqui fazer uma conferencia em refutação às do Dr. Pereira Junior” (UNIÃO DOS LIVRES PENSADORES, 1911, p. 6 e anterior). Até o presente momento não foi possível saber quem era o Sr. Dr. Pereira Junior e a respeito do que era a “refutação” mencionada. Outra informação que se obtém ao final desta ata do dia 6, é que um jornal da cidade apoiava o anticlericalismo e o Livre-Pensamento, conforme o seguinte trecho: “pedindo-lhe a sua collaboração para o ‘Comercio de São Carlos’ jornal local anti-clerical e Livre-Pensador, concorrendo com artigos em prol do Livre Pensamento” (UNIÃO DOS LIVRES PENSADORES, 1911, p. 6). Sobre o conferencista, o Sr. Everardo Dias foi uma importante liderança operária, maçom e livre pensador, nascido na Espanha em 1883. Chegou ao Brasil com 4 anos, em 1887, junto de seu pai, que fugiu da Espanha por questões políticas, ao apoiar um movimento republicano que fracassou. Inicialmente trabalhou como tipógrafo no jornal “O Estado de São Paulo” e depois como professor em cidades do interior paulista. Em 1904 foi iniciado na Loja Maçônica “Filhos da Luz” da cidade de Monte Alto. Voltou à capital ingressando na Loja Maçônica “União Espanhola”. Como Livre Pensador foi um dos diretores de uma publicação chamada “O Livre Pensador” e proferiu palestras sobre aquele movimento por todo o estado em um trabalho

organizado juntamente com o Grande Oriente de São Paulo, órgão maçônico central no estado de São Paulo. Estas palestras ocorreram após 1910 exatamente quando se ofereceu a vir à São Carlos fazer uma palestra. Fazia parte do quadro do Partido Republicano Paulista – PRP. Participou ativamente da greve geral ocorrida em São Paulo em 1917 com a distribuição de panfletos redigidos por ele. Dois anos depois da greve de 1917, foi preso e decretada sua expulsão do país por seu envolvimento naquele movimento. Porém por já se ter naturalizado brasileiro, ser casado e ter vários filhos, não pode desembarcar na Espanha, pois foi considerado cidadão brasileiro. Após vários meses no navio conseguiu voltar ao Brasil somente em janeiro de 1920. Teve participação ativa também no movimento conhecido como “os 18 do forte”, do movimento paulista de 1924 e da revolução de 1930. Foi diversas vezes preso. Na Ordem Maçônica atuou junto aos órgãos da administração estadual, escrevendo diversas obras. Faleceu em 1966, ano em que foi fundada uma Loja Maçônica com seu nome na capital do estado, e que funciona até o presente momento (EVERARDO DIAS, 2019).

Foi esta importante personalidade brasileira que esteve em São Carlos, dia 21 de abril de 1912 para realizar uma palestra sobre Livre-Pensamento. A “sessão”, conforme foi escrita na ata ocorreu na “União dos Livres Pensadores”, que se reuniu com a presença de “grande numero de socios e mais pessoas extranhas à sociedade e Exmas. Familias assistindo ao acto”. Nessa ocasião estavam presentes representantes de entidades da cidade como a Loja Maçônica “Eterno Segredo” por três pessoas cujos nomes não foram registrados e o Sr. Abílio Martins de Camargo Penteado representando o Prefeito Municipal, que na ocasião era o Sr. José Rodrigues de Sampaio. Como havia sido combinado anteriormente, pelos membros, naquela ocasião foi orador o Sr. Everardo Dias que proferiu uma palestra com o título “Chatolicismo e Liberdade” e que antes de iniciada a solenidade todos os presentes receberam um exemplar “das ‘Reflexões’ que foram offerecidas gratuitamente pelo Sr. Everardo Dias” (UNIÃO DOS LIVRES PENSADORES, 1911, p. 7). Este evento foi registrado no cabeçalho da ata como “Acta da sessão de inauguração da sede social” indicando que o intento de se conseguir um local próprio para a realização das reuniões daquela associação havia sido alcançado. Porém, o que havia sido alcançado na verdade era uma sede alugada, e que funcionava em uma das salas do “Theatro São Carlos”, onde também ocorreram as conferências de Belén de Sárraga no ano anterior (LOTÚMOLO JUNIOR, 2018). Em virtude deste fato na reunião ocorrida no dia 27 de maio de 1912, os integrantes da associação presentes foram informados que o proprietário do Teatro, Sr. Sebastião Ferraz de Abreu Sampaio, solicitava que a associação deixasse aquele prédio e se prontificava a ajudar a encontrar novo local, além de doar dois armários para a biblioteca e pagar as despesas com a mudança. Também na ata daquela reunião ficou resolvido

manter os pagamentos de “50 mil reis mensais” ao jornal o “Commercio de São Carlos”, enquanto mantivesse o seu actual programma, dando um redactor á escolha da sociedade”, ou seja, que enquanto aquele jornal mantivesse uma linha editorial alinhada ao livre pensamento ele seria o órgão de difusão da “União dos Livres Pensadores”. Também ficou resolvido a criação de um “escudo e uma bandeira para a sociedade ficando encarregado d’isso a seguinte comissão: Manuel R. Carvalheira, Raphael Villardi, José Riga e Antonio A. Camargo”, mas até o presente momento não se tem informações se esses itens foram ou não criados (UNIÃO DOS LIVRES PENSADORES, 1911, p. 9 e anterior). Apenas no mês de outubro de 1912 ocorreria nova reunião da “União dos Livres Pensadores”, no dia 6 em assembleia geral ordinária e na semana seguinte, no dia 13, outra reunião para a posse da diretoria eleita na reunião anterior, para o “segundo anno social”. Nesta ata há uma informação relevante para o Livre-Pensamento, que é a expressão “sendo hoje a data memorável do fusilamento do maior propagandista do livre - pensamento – Francisco Ferrer os presentes consignam aqui o seu protesto de indignação pelo nefando acto dos jesuítas e governo hespanhol que infelizmente ainda governa aquella infeliz nação digna de melhor sorte” (UNIÃO DOS LIVRES PENSADORES, 1911, p. 10 -11).

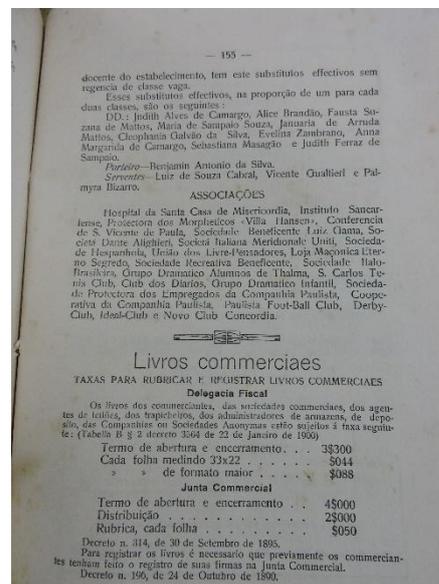
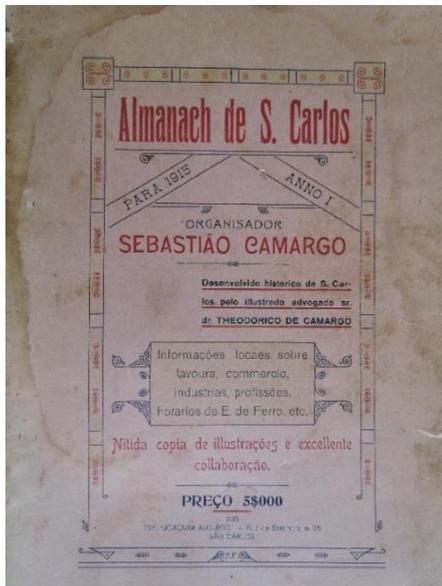
Com esta ata, do dia 13 de outubro de 1912, terminam os registros do livro de atas da “União dos Livres Pensadores”, que pertence ao acervo histórico da Loja Maçônica “Eterno Segredo”. Até o presente momento não se sabe exatamente como este livro, que não é de uma entidade maçônica ou guarda relação institucional com a Loja ou com a Ordem Maçônica, foi parar nos arquivos da Loja “Eterno Segredo”. Naturalmente, como explicado linhas acima, muitos dos fundadores da “União dos Livres Pensadores” eram maçons pertencentes àquela Loja e possivelmente – apenas suposição – por intermédio de algum deles ele possa ter sido entregue à Loja, que guarda outros itens não relacionados à Mmaçonaria em seu acervo.

Seja de que forma for, sua guarda e conservação foi e é de crucial importância para a compreensão deste movimento, conhecido como Livre-Pensamento, que existiu na cidade de São Carlos, mas que é pouco conhecido hoje em dia. Este documento abre portanto, um vasto campo de pesquisa ainda praticamente inexplorado nesta e em outras cidades.

O fato de ser a última ata do único livro conhecido não significa que a “União dos Livres-Pensadores”, fundada em São Carlos em 1911, não tenha continuado à existir, como se pode pensar à primeira vista. As imagens da figura 10, a seguir, demonstram que, ao menos até 1915 àquela associação funcionou. Elas pertencem a um Almanaque editado em São Carlos, em 1915, onde há uma seção destinada às associações existentes na cidade naquele ano e da qual consta a “União dos Livres Pensadores”.

Sobre este almanaque bem como sobre outros folhetos do Livre-Pensamento, cujas imagens também vem à seguir e cujos textos foram utilizados para a análise de seus conteúdo, é necessário fazer aqui o registro histórico, como forma de compor o quadro de acontecimentos e também de fazer justiça àquelas pessoas que foram responsáveis pela sua guarda e através de seu zelo mantiveram os documentos íntegros, permitindo que essa pesquisa pudesse expandir-se e aprofundar-se. O Almanaque em questão, bem como estes folhetos de propaganda do Livre-Pensamento, pertenceram e ficaram guardados com o Sr. Manuel Rodrigues Carvalheira, que foi secretário da “União dos Livres Pensadores” e era amigo pessoal do Sr. José Lotúmolo, genitor do autor da pesquisa. Em 1961, quando o Sr. Manuel faleceu, seu irmão Sr. Diamantino Rodrigues Carvalheira doou alguns livros e folhetos ao Sr. José Lotúmolo, dentre os quais o “Almanach de S. Carlos” e os cerca de 20 folhetos de propaganda do Livre Pensamento – figuras 10 e 11 – e que são contemporâneos à visita da escritora Belén de Sárraga à cidade de São Carlos. Especialmente os folhetos são raros e importantes para o entendimento do discurso utilizado pelos integrantes do Livre-Pensamento.

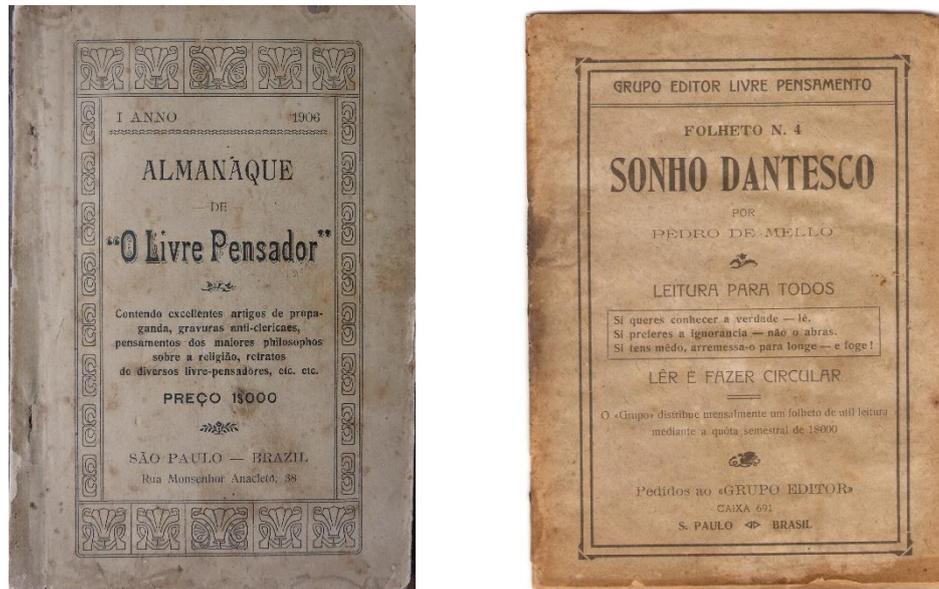
Figura 9 – Capa e página do “Almanach de S. Carlos”, editado em 1915.



Nota: Fotografias da capa e da página 155 onde se lê em Associações a “União dos Livres Pensadores”.

Fonte: Imagens produzidas pelo autor.

Figura 10 – Livretos de divulgação do Livre-Pensamento, contemporâneos à Belén de Sárraga e que pertenceram ao Sr. Manoel R. Carvalheira, integrante da “União dos Livres Pensadores”. a.



Fonte: Fotografias e imagens produzidas pelo autor.

Figura 11 – Livreto de divulgação do Livre-Pensamento, com o texto “Derrocada Ultramontana” de Dario Vellozo, e que cujo trecho foi comparado ao de Belén de Sárraga, nesta pesquisa.



Fonte: Fotografia e imagem produzidas pelo autor.

4.3 Ideologia: Livre-Pensamento e visão de mundo

O terceiro aspecto sob o qual se analisou os textos de Belén e seu discurso foi a ideologia. Segundo Bobbio, Martteucci e Pasquino (IDEOLOGIA, 2000) a palavra ideologia possui multiplicidade de significados que lhe podem ser atribuídos e apresenta 2 linhas gerais de abordagens: um significado “fraco” e um significado “forte”. O significado “forte” reflete o conceituado por Marx que a nomeia de *Ideologia falsa*, pois fundamentada em crenças falsas, sustentadas por crenças nas relações de domínio entre as classes. No significado “forte”, portanto: “Ideologia é um conceito negativo que denota precisamente o caráter mistificante da falsa consciência de uma crença política” (IDEOLOGIA, 2000, v.1, p. 585).

De forma diversa a noção de ideologia “fraca”, designa um conjunto de “ideias e de valores” concernentes à esfera pública, especialmente como orientadores de comportamentos políticos coletivos (Id., 2000, v. 1, p. 585). Segundo estes autores, na ciência política tanto quanto nas Ciências Sociais predomina a noção de ideologia “fraca”. Sob este aspecto a ideologia “fraca” serve de parâmetro para se observar e estudar os diversos comportamentos e conjuntos de ideias que estruturam os grupos políticos ou os conjuntos sociais que se comportam, se posicionam ou opinam, na esfera pública sob determinado assunto. Ainda se deve considerar que a ideologia pode ser entendida como contraponto ao que é pragmático. Valemo-nos para finalizar, dos mesmos autores, quando expõem: “E o caráter da Ideologia é atribuído a uma crença, uma ação ou a um estilo político pela presença, neles, de certos elementos típicos, como o doutrinário, o dogmatismo, um forte comportamento passional, etc.” (IDEM, 2000, v.1, p. 585).

No campo da linguagem e da Análise de Discurso, há que se estabelecer uma definição, ou ao menos um estudo mais próprio sobre a ideologia. Fiorin (1998) indica a existência, na sociedade de dois níveis de realidade, um da aparência e um da essência. Ainda segundo aquele professor, é no nível da realidade que se apresentam as ideias dominantes das classes, mas que refletem, na maioria das vezes, apenas a realidade no nível da aparência, que pode ser o inverso do nível da essência. A ideologia seria assim a “visão de mundo” de uma determinada classe social, “ou seja, o ponto de vista de uma classe social a respeito da realidade, a maneira como uma classe social ordena, justifica e explica a ordem social” (FIORIN, 1998, p. 29). Aprofundando mais a análise, aquele professor, leva à dedução de que podem e devem existir tantas visões de mundo quantas forem as classes sociais existentes, porém há que se lembrar que essas visões podem ser coincidentes. Além disso, é preciso considerar o fato de essas visões de mundo podem se basear nas visões mais aparentes ou mais essenciais, o que em última

instância determina as diferentes visões que as classes e os grupos sociais têm sobre as mesmas questões, determinando desta maneira a postura social destes grupos e forma como estes grupos se expressam (FIORIN, 1998, p. 35).

Relacionando Ideologia e linguagem, afirma Fiorin (1998), que se a ideologia é a visão de mundo de determinada classe ou grupo social, sendo, portanto, sua representação desse mundo e como as ideias são representadas pela linguagem, resulta daí que

[...] a visão de mundo não existe desvinculada da linguagem. Por isso, a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo” [...] ‘É com essa formação discursiva assimilada que o homem constrói seus discursos, que ele reage linguisticamente aos acontecimentos’ (FIORIN, 1998, p. 32).

Deduz-se assim que os discursos representam as visões de mundo, as ideologias, portanto, representam as visões de mundo dessas classes e grupos, e que é essencial entendê-las para entender como essas classes e grupos entendem a realidade que os cerca e sob a qual constroem suas expressões ou formações discursivas. Orlandi (2020, p. 15) citando Pêcheux, afirma que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”.

A relevância de se estudar os discursos e as ideologias a eles inerentes, como representações da realidade, compreendida pelas classes e grupos, fica bastante clara com outra afirmação de Fiorin (1998, p. 35): “O homem aprende como ver o mundo pelos discursos que assimila e, na maior parte das vezes, reproduz esses discursos em sua fala”. Dessa maneira, Belén de Sárraga também reproduzia outros discursos, mesmo que não os tivesse ouvido em termos reais, mas reproduzia o que a ideologia de determinada classe ou grupo criou sobre a realidade. Completando a caracterização da ideologia ainda uma vez mais recorreremos à definição de Fiorin, em virtude de sua capacidade de condensação: “A análise do discurso vai, à medida que estuda os elementos discursivos, montando por inferência a visão de mundo dos sujeitos inscritos no discurso. Depois, mostra que é que determinou aquela visão nele revelada (FIORIN, 1998, p. 77).

No caso em questão, Belén estava inserida no Livre-Pensamento e sua visão de mundo era exatamente a daquele movimento ideário com sua forte conotação anticlerical, pois os discursos, na medida em que são formações ideológicas, acabam por repetir outros discursos, e assim o autor torna-se o reprodutor de outras ideias. Não se deve, porém, imaginar que não existam ocasiões em que um autor acrescente algo de seu, de original. É exatamente ao buscar

esse original que se desenvolveu a presente pesquisa, analisando os textos de Belén de Sárraga e identificando o que revelava a autora, sua história e sua ideologia próprias.

Para Volóchinov (2017) há uma diferença fundamental entre a ideologia individual e a coletiva, ou seja, a que um indivíduo expressa ou pensa isoladamente ou que se expressa de maneira coletiva. Porém, para aquele linguista mesmo que se refira a uma questão ou problema em comum, no meio de uma coletividade, a questão considerada ganha outra dimensão quando ela é fator de coesão do grupo. Em “Marxismo e filosofia da linguagem” (2017), Volóchinov mostra como a ideologia individual, ou seja, a percepção em si de um problema ou de uma questão social, política ou religiosa tem características diversas daquela ideologia que se manifesta a partir de um grupo que, mesmo relativamente heterogêneo, pode sentir-se pertencendo ao grupo por partilhar esse problema em comum. Mas ele ainda aprofunda a questão, ao afirmar que, mesmo que o grupo partilhe o mesmo problema, ainda será preciso que ele se organize em torno da questão (problema concreto, visão de mundo, religião, - no caso o autor expõe, como exemplo, a *fome* como fator de união), pois caso contrário a percepção será sempre individual se não houver uma organização “em termos objetivo-materiais”, que faça seus integrantes são membros de uma coletividade. E fazer parte de uma coletividade era diferente ao ampliar seu poder de ação. Ainda nas palavras de Volóchinov:

Enquanto a consciência permanece na cabeça daquele que pensa como um embrião verbal da expressão, ela é apenas uma parte muito pequena da existência, com um campo de ação reduzido. No entanto, quando ela passa todos os estágios da objetivação social e entra no campo da força da ciência, da arte, da moral, do direito, ela se torna uma força verdadeira, capaz até de exercer uma influência inversa nas bases econômicas da vida social (VOLÓCHINOV, 2017, p. 212).

Prosseguindo em sua descrição sobre ideologia e as obras e formas que lhe fazem a expressão, Volóchinov afirma que existe um sistema “ideológico cotidiano” que se relaciona aos sistemas “ideológicos formados” (arte, a moral, o direito, a religião) alimentando-os e ainda mais que: “[...] uma obra ideológica existe apenas para essa percepção que se realiza na linguagem da ideologia do cotidiano. A ideologia do cotidiano insere a obra em uma dada situação social” e em cada época ela precisa fazer sentido nutrindo-se de novas ideias de novas interpretações (VOLÓCHINOV, 2017, p. 213 – 214).

Para Volóchinov as palavras também não poderiam ser separadas de seu componente ideológico de maneira que sua expressão somente faria sentido se entendida a ideologia a elas inerente. Aquele autor escreveu: “Na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas

ouvimos uma verdade ou uma mentira, algo bom ou desagradável e assim por diante. *A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana* (VOLÓCHINOV, 2017, p. 181, destaque no original). Deste modo sempre teremos um sentido que traduz uma intenção ideológica na produção das falas e notadamente dos discursos, considerados inclusive, como exposto acima, como manifestação de comportamento público e político de grupos sociais, como era o caso do Livre-Pensamento tanto quanto os da Igreja Católica. Isto significa dizer que deslocadas de seu contexto ideológico as conferências de Belén de Sárraga podem fazer sentido diverso, sendo apenas um texto que pode ser traduzido em uma mensagem, mas que não significa nem para ela, ou mesmo para os demais livres pensadores, e, em última análise também nada significaria para os Clérigos. Como afirmado acima, para Belén e os demais membros do Livre-Pensamentos o que ela dizia era verdade, algo agradável, já para os integrantes do Clero, eram mentiras, afirmativas desagradáveis.

Porém, Foucault não se utilizava do termo ideologia pois o considerava “carregado de condições e consequências” e justifica:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações) diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como ‘ciência’, ou ‘ideologia’, ou ‘teoria’, ou ‘domínio’ de ‘objetividade’ (FOUCAULT, 2008, p. 43).

Era desta forma a busca por uma definição que fugisse das que podem trazer junto de si conotações pré-estabelecidas e como ele percebia toda a carga conceitual que a palavra ideologia podia conter propunha que essa palavra não fosse utilizada.

4.3.1 Liberdade e a ideologia do Livre-Pensamento

A escolha dos tópicos e as análises apresentadas nesta seção sobre liberdade, bem como as escolhas dos pensadores e filósofos e os documentos destacados e apresentados carregam toda a subjetividade e distanciamento temporal, mas também os limites do autor da pesquisa.

Também é preciso lembrar que o termo liberdade pode abarcar mais de um significado. Temos a liberdade física, que, portanto, pode ser restringida por meios físicos e imposta de maneira compulsória pela sociedade como é o caso das restrições de liberdade do corpo - de ir

e vir - impostas nas penas judiciais e estabelecidas nos códigos penais. Aqui cabe lembrar das práticas de escravidão adotadas por vários estados e povos que, em quase toda a história da Humanidade, também estiveram presentes nas relações entre vencedores e vencidos, onde povos militarmente mais fortes subjugavam os mais fracos ou aqueles que momentaneamente se vissem em condição de inferioridade. Há também há casos de falta de liberdade de expressão, quer fosse pela imposição do silêncio pela proibição da livre manifestação de ideias, quer fosse pela manutenção do estado de ignorância que estreita os limites de análise da realidade. Em razão da complexidade e da abrangência do termo liberdade considerou-se necessário trazer à reflexão os diversos significados abarcados por este termo em função da época e do contexto no qual ele foi empregado. A forma escolhida foi a apresentação de pensamentos filosóficos e situações diversas nas quais a noção de liberdade pudesse ser observada ao longo da história. Espera-se colaborar assim com a compreensão de que este valor humano e social teve ao longo do tempo diversas interpretações e, portanto, abrangências.

Considerou-se necessário proporcionar e estimular essa reflexão, importante para que o entendimento do termo liberdade fosse mais aprofundado pelo leitor, pois entende-se que hoje seu uso banalizou-se, exatamente pelas conquistas sociais e políticas, por intermédio dos esforços passados, no entanto quando refletimos sobre a expressão liberdade e buscamos nos aprofundar em seu significado, notamos quão complexas podem ser suas interpretações em função do âmbito de seu uso, da classe social que a emprega, e notadamente da época em que foi utilizada.

Naturalmente pelas características da presente pesquisa outras reflexões, por certo muitas, ficarão à parte, mas o objetivo principal foi o de acostumar-nos a pensar no termo liberdade com a finalidade de procurarmos nos aproximar do que poderia, esta aspiração humana, ter de significado para Belén de Sárraga e os integrantes do Livre-Pensamento.

Para realizar o objetivo desta pesquisa, ou seja, a compreensão e análise das mensagens de Belén de Sárraga e sua inserção no movimento ideário – pois não se tratava de uma escola de pensamento filosófico – conhecido como Livre-Pensamento, é necessário ter-se claro o que significa pensar livremente. Deixa-se aqui, apenas como estímulo àquele que tomar contato com este trabalho, algumas questões que podem nortear o pensamento: O que é liberdade? O que significava liberdade na segunda metade do século XIX e início do século XX? O que significa liberdade hoje? Qual seu significado, para cada um?

A solução muito comum, quando se quer saber o significado de alguma palavra ou expressão é buscá-lo em um dicionário e, em tempos passados, não muito distantes dicionários e enciclopédias impressos como a Enciclopédia Britânica, A Barsa, etc. eram as mais famosas.

O que se percebe através desta busca é que não há uma definição simples, que satisfaça de forma completa a necessidade de se definir liberdade, pois ela está sempre correlata a alguma instância, seja ela o outro como indivíduo, seja ela o outro considerado coletivamente, seja ela relacionada a algum sistema político ou econômico. Apenas com o intuito de iniciar as reflexões traz-se aqui um trecho da definição encontrada no dicionário Lello, (LIBERDADE, [195-?], v. 3, p. 60):

Poder de fazer ou de deixar de fazer, de escolher. Livre arbítrio. Independência. Estado contrário ao cativo. Conjunto ou personificação das ideias liberais. *Liberdade natural*, direito que o homem possui de naturalmente, de se determinar pelo que julga conveniente ou preferível. Liberdade civil, direito de fazer tudo o que a lei não proíbe. *Liberdade política*, gozo dos direitos que a Constituição de um Estado livre assegura a cada cidadão. [...] *Liberdade de culto*, direito que os sectários das diversas religiões têm de exercer o seu culto e ensinar a sua doutrina. *Liberdade individual*, poder que tem cada cidadão de não ser tolhido no exercício de suas faculdades e direitos senão em certos casos determinados pela lei. [...] (LELLO, [195-?], p. 60, destaques do original).

A mesma complexidade de segmentos pode ser encontrada na Enciclopédia Mirador Internacional (LIBERDADE, 1987), existindo diversas instâncias sob as quais a liberdade por ser entendida. Naquela enciclopédia a dimensão, a abrangência e complexidade dos diversos significados podem ser medidos ao se constatar que o verbete *Liberalismo* dentro do qual estão as definições de liberdade, está dividida em 10 secções e estas, por sua vez, subdivididas em diversas subsecções. Como ilustração traz-se apenas alguns, ordenados como aparecem: “*conceito, sofistas e estoicos, direito de resistência, o contrato social, papel do estado, liberdade política, o estado de direito, [...]*”, etc. Como demonstra esta obra de referência a noção de liberdade como um bem ou conquista individual não era absoluta e foi se modificando ao longo do tempo, como percebe-se no seguinte trecho, quando expõe a situação referente à Idade Média:

Na Idade Média elaborou-se a noção de um direito de resistência à autoridade opressora, mas esse direito é inseparável da posição, *status* ou função do indivíduo ou grupo na hierarquia e na divisão social do trabalho. Não decorre, portanto, de uma concepção do indivíduo (do homem abstrato) como um ser moral autônomo. O inviolável, nesse sentido, é a própria hierarquia social (LIBERDADE, 1987, v. 13, p. 6771).

Mais à frente será apresentada a “Magna Carta” de 1215 quando, na Inglaterra por excesso de opressão, os barões, vassallos do rei João sem Terra, impuseram ao soberano um tratado que implicou em uma série de limitações ao poder real.

Demonstrando a influência do momento histórico, logo a seguir, na mesma obra, tem-se uma mudança importante da concepção de liberdade, que se apresentam sob a influência da Reforma Religiosa do século XVII e das disposições político-econômicas que se desenhavam, como expõe outro trecho da mesma obra:

Duas atitudes, ambas derivadas do primado da vida interior, se entrecrocaram: a disposição de impor e propagar a fé, e a vigilância e resistência contra a imposição. É nessa confluência que se irão fundir, em Locke e no liberalismo, aspectos de toda a tradição filosófica e das instituições políticas até então existentes, formando num só núcleo a nova noção de liberdade (LIBERDADE, 1987, v. 13, p. 6771).

O que se procurou com os excertos acima foi demonstrar como, longe de ser uma noção corriqueira e definitiva como possa transparecer à primeira vista, a ideia de liberdade sofreu alterações importantes como consequência de injunções externas à sua própria noção e aplicação.

Como outros termos que são importantes e carregados de significados para a Humanidade, como: evolução, direito, ciência, religião, etc., a palavra liberdade teve seu significado variável ao longo dos séculos. Naturalmente o que um filósofo grego entendia por Liberdade não é o que entendemos hoje. Dentro de uma mesma sociedade seus significados também podem variar se observado sob o prisma de diferentes classes sociais. Por exemplo, para um escravo negro no Brasil colônia, certamente a palavra Liberdade vinha carregada de todo o peso da opressão que sua situação de cativo, obrigado ao trabalho enquanto que para seu “senhor” a palavra Liberdade poderia significar prejuízo financeiro. Já para um escravo grego, culto e filósofo como Epíteto (50 d. C. – 135 d. C.) e que viveu em Roma, esta palavra poderia ter outros significados.

Assim se faz necessário entender a trajetória, mesmo que em linhas gerais, do significado e das implicações que a palavra liberdade adquiriu ao longo dos séculos até se consolidar como uma necessidade defendida pelos integrantes do Livre-Pensamento, como forma de nos aproximarmos do possível significado para aquelas pessoas. E, da mesma forma, procurarmos nos aproximar do sentido para a conferencista Belén de Sárraga e seus contemporâneos. Aqui também é preciso registrar que, ao apresentar-se o tema liberdade nas obras e no pensamento de diversos pensadores que influenciaram a humanidade, desde os gregos até os dias de hoje, não se pretendeu realizar uma análise profunda ou mesmo completa de todas as iniciativas intelectuais que procuraram abordar o tema Liberdade. Os segmentos, a seguir, não buscam uma linha lógica, no máximo cronológica, mas teve dois objetivos

primordiais. O primeiro, demonstrar que o entendimento de liberdade, apesar de parecer natural ao ser humano, mesmo recentemente – se observado em termos históricos – quando se tornou uma condição social mais difundida e natural, alterou-se bastante ao longo da jornada humana. E em segundo lugar preparar os leitores, instigando-os para que entendam a importância do termo/valor para os envolvidos no movimento Livre-Pensamento, especialmente para Belén de Sárraga, compondo a ideologia daquele movimento. Pretende-se que cada leitor, em contato com as reflexões e situações a seguir, formule por suas próprias reflexões internas, a sua própria noção de liberdade e os valores sociais e individuais que dela advém, e que lhes possam ser caros.

Naturalmente muitas lacunas se farão notar, muitos pensadores e filósofos não estão aqui citados, ou seus escritos apresentados, mas trata-se de provocar os leitores com uma distribuição cronológica o mais homogênea e imparcial possível, no mundo Ocidental.

O berço da busca racional para as questões da vida humana no mundo Ocidental, sobre os questionamentos que o ser humano é capaz de formular, nasceu na Grécia pelo menos desde o V século a. C. Neste momento também é conveniente citar que, segundo o Prof. Bayet (1971), nasce junto com a filosofia, o próprio livre-pensamento não da mesma forma como é entendido e estruturado como o movimento do qual fazia parte Belén de Sárraga, mas como questionamento sobre as razões de ser da existência humana e das forças naturais envolvidas que advinham, não do poder de deuses mitológicos, mas de leis naturais, mesmo que ainda não totalmente compreendidas. E como o livre-pensamento será objeto de apresentação e análise neste trabalho, trazemos o pensamento daquele Prof.:

Seria fácil provar que a Grécia é, num certo sentido a mãe do livre-pensamento, pois ela tentou, num esforço constante, substituir a imagem que as religiões apresentavam do Universo por um conjunto de explicações tiradas da observação e do raciocínio (BAYET, 1971, p. 17).

Ainda segundo o professor Bayet (1971), o primeiro a romper com as explicações místico-religiosas para os fenômenos naturais e que também é considerado um dos primeiros filósofos, foi Tales no século VI antes da era cristã, ao propor que a origem da vida se dava pelo “úmido”. Por esta razão é com os gregos que se inicia a apresentação desta sequência de noções sobre liberdade.

4.3.1.1 Evolução do conceito de Liberdade

Apesar de nada ter escrito e de ter havido vários filósofos anteriores a ele, Sócrates (470 – 399 a. C.) é considerado um dos maiores pensadores do mundo, capaz de influenciar o pensamento Ocidental até hoje. Sua presença no mundo grego é tão profunda que ela serve como referência entre períodos filosóficos, assim temos os chamados pré-socráticos. Também pouco se sabe sobre sua vida, a não ser o que ficou registrado por seu mais importante discípulo, Platão. Pode-se considerar que Sócrates tenha criado a argumentação dialética, baseada em longos diálogos entre personagens que examinavam as perguntas e respostas, buscando encontrar as “falhas e inconsistências numa determinada crença ou afirmação” e que se tornaria fundamental para a natureza e a evolução do pensamento Ocidental: “o raciocínio através do diálogo rigoroso como método de investigação intelectual que visava expor falsas crenças e fazer a verdade aparecer” (TARNAS, 2003, p. 50). Mas, como tudo o que se pode consultar sobre as ideias de Sócrates é o que foi escrito por Platão, então onde está o pensamento de Sócrates e onde o de Platão, torna-se uma questão insolúvel, embora alguns autores considerem as ideias de Sócrates mais intensas e inconclusivas e as de Platão mais expositivas (MARCONDES, 2000, p. 19). Portanto, apresentar as ideias de Sócrates seria apresentar os textos de Platão e buscar analisá-los em profundidade, o que estaria fora do propósito deste trabalho e, também, impossível para este autor. Mas, um episódio da vida de Sócrates é emblemático para o mundo Ocidental, tanto quanto são suas ideias, que é sua condenação à morte por autoenvenenamento. As razões alegadas por seus acusadores são a de que ele corrompia os jovens e era irreverente aos costumes da época, “estimulando o ceticismo crítico entre os discípulos” gerando uma “influência perigosamente desestabilizadora, que minava a autoridade moral da tradição e do Estado” (TARNAS, 2003, p. 50).

O que se quer registrar aqui é seu comportamento e sua fala – registrada em um diálogo escrito por Platão em “Apologia” – onde Sócrates faz sua própria defesa contra os que o acusavam, mas não para refutar simplesmente as acusações, mas reafirmar sua liberdade em decidir seu destino ao recusar, tanto reformar suas afirmativas quanto permutar sua condenação pelo exílio, como era possível e costumeiro. No dizer de Marcondes, quando Sócrates assim age: “Recusa-se a apresentar uma defesa tradicional, o que poderia, dada sua habilidade, tê-lo livrado da condenação, mas defende sua liberdade de pensamento e o caráter crítico da filosofia em um verdadeiro desafio ao júri, que acaba por considerá-lo culpado” (MARCONDES, 2003, p. 20). O seguinte trecho da autodefesa de Sócrates é elucidativo sobre esta afirmativa:

Talvez pensem, senhores, que fui condenado por me faltarem as palavras que os teriam feito absolver-me caso achasse correto fazer e dizer tudo para conseguir a absolvição. Longe disso. E no entanto foi por uma falta que me condenaram, não todavia uma falta de palavras, mas de cinismo e descaramento, além da falta de vontade de dizer-lhes as coisas que vocês mais gostariam de ouvir. Vocês gostariam de me ouvir gemer e lamentar e dizer e fazer coisas que, insisto, são indignas de mim – coisas que vocês estão acostumados a ouvir de outros. Mas não achei que devesse, ante o perigo em que me encontrava, fazer coisa alguma indigna de um **homem livre**, nem me arrependo agora de ter feito minha defesa como fiz [...] (SÓCRATES – PLATÃO, Apologia Apud MARCONDES, 2003, p. 20 – 21, grifo nosso).

Platão (328 / 327 a.C. – 348 / 374), filósofo que nasceu e morreu em Atenas, foi discípulo de Sócrates e muitos de seus principais textos, especialmente os primeiros trazem uma forte influência de seu mestre, inclusive, como já exposto, é principalmente através de Platão que se conhece o pensamento de Sócrates. A obra de Platão é bastante vasta, composta por mais de trinta diálogos nos quais os primeiros, chamados de “Socráticos”, estão mais próximos do pensamento de seu Mestre e os seguintes denotando maior maturidade, divergem um pouco em estilo (MARCONDES, 2000). Para este estudo foi escolhida uma metáfora, descrita na “República”, que acabou por se tornar popular, ao retratar por meio de uma imagem, questões filosóficas, mas que pode ter vários significados e abranger várias áreas da atuação humana, a metáfora da caverna.

Existem várias dimensões pelas quais se pode abordar esta metáfora, o religioso, o filosófico, o científico e o político, pois são instâncias que têm o conhecimento humano – no caso o conhecimento do filósofo em sua interpretação mais direta na obra, mas que pode ser estendida a outros campos – que para Platão pode libertar o ser humano da ignorância e do erro (TARNAS, 2003). Platão se utilizou bastante do diálogo dialético entre personagens para expor suas ideias, às vezes de forma bastante sutil, permitindo interpretações várias. No dizer de Bertrand Russell: “Platão possuía a arte de disfarçar de tal modo as sugestões antiliberais, que enganou as épocas futuras, as quais admiraram a República sem jamais perceber o que continham as suas propostas. Sempre foi moda elogiar-se Platão sem que o compreendesse” (RUSSELL, 1969, p. 123). Na Metáfora da Caverna é Sócrates quem conversa com um discípulo, Gláucon, e propõe que ele imagine uma caverna dividida ao meio por uma parede baixa e larga o suficiente para se transitar por cima. Na parte mais profunda da caverna e voltada para a parede do fundo estão acorrentados vários homens de forma que eles nada podem ver do que ocorre às suas costas, mas tão somente a parede do fundo. Na primeira câmara, mais próxima à entrada, há uma fogueira que ilumina o fundo da caverna. Por cima da parede

divisória andam outros homens portando vários objetos. Assim as únicas coisas que os homens acorrentados conseguem ver são as sombras dos homens e objetos projetadas na parede do fundo, pela fogueira que está atrás deles. Não veem os objetos nem quem os carrega, mas apenas suas sombras. Um desses homens acorrentados, consegue sair da caverna e assim entender melhor o mundo externo e como as figuras são criadas pelas chamas e os homens e objetos e que são, portanto apenas imagens da realidade. Mas o homem retorna para dentro da caverna procurando contar, para os que ficaram, como é o mundo fora da caverna. No entanto os que ficaram não acreditam nele (PLATÃO, [198-?])

Platão termina a exposição de sua metáfora, na voz de Sócrates, mostrando que o ofuscamento dos olhos – no caso da realidade – pode se dar nos dois sentidos, tanto na passagem da sombra para a luz, quanto da luz para a sombra, mas que aquele que viu a luz sentiria piedade dos que continuam na caverna.

Segundo Russell (1969, p. 143), nos livros VI e VII – neste último está a metáfora da caverna – Platão ocupa-se duas grandes questões: o que é filosofia e como o ser humano – homem ou mulher – pode tornar-se filósofo. A dimensão política está presente no livro “A República” (PLATÃO, [199-?]) quando Sócrates é instado por Adimanto (um dos irmãos de Platão) a explicar como resolver o problema que se apresenta quando os filósofos são ridicularizados. A solução, para Sócrates – personagem do diálogo – seria que se a sociedade toda fosse “inteligente os filósofos não pareceriam tolos; somente entre os tolos é que os sábios são considerados destituídos de sabedoria” (RUSSELL, 1969, p. 141 – 142). E para a solução deste problema ou os filósofos deveriam exercer a política ou que os políticos se educassem e se tornassem filósofos (RUSSELL, 1969, p. 143).

Em reforço à visão ampla das considerações de Platão temos a análise de Tarnas (2008) ao expor o aspecto religioso que perpassa as ideias daquele filósofo, ao considerar que o “conhecimento do divino” estaria em todas as almas, porém teria sido esquecido com o nascimento no corpo. Neste sentido ele via a tarefa do filósofo como a de “libertar a alma dessa condição ilusória na qual ela é enganada pela finita imitação e encobrimento do eterno. A tarefa do filósofo seria ‘resgatar’ as Ideias transcendentais, trazer de volta um conhecimento das verdadeiras causas de todas as coisas” (TARNAS, 2008, p. 57). A tarefa do filósofo seria, portanto, retirar-se da caverna e iluminar sua mente para poder transmitir aos demais a verdade que estava vislumbrando e que seria uma verdade arquetípica. Em outras palavras o filósofo seria um libertador da sociedade ao trazer luz para as questões que estão veladas aos demais pelas ilusões representadas no mito da caverna.

Esta metáfora, no âmbito da política, indica a preocupação de Platão com a libertação por meio do conhecimento. O tema liberdade e seus significados são tratados de forma extremamente complexa na *República*, por isso e, virtude de fugir totalmente do escopo desta pesquisa, não será aprofundado, mas deixa-se aqui registrado que em Dissertação de Nery (2016), aquela autora aponta a existência de diversos sentidos que o termo “livre” pode adquirir e que apesar de livres, por nascimento, esta não era condição essencial para o exercício dos direitos políticos. Confirma-se desta maneira que a liberdade e os direitos políticos não eram entendidos como estreitamente ligados. Além disso a mesma autora, em suas considerações finais demonstra que aquela obra de Platão procurava chamar a atenção para o sentido negativo que o excesso de liberdade, portanto, sem freios pode levar a sociedade à seu extremo oposto: a escravidão (NERY, 2016, p. 110).

Discípulo de Platão, Aristóteles nasceu na Trácia, uma região da Macedônia em 384 a. C. e, embora tenha estudado durante 20 anos na “Academia” fundada pelo primeiro e tendo tornado-se um de seus maiores discípulos acabou por divergir do Mestre ao criar seu próprio sistema filosófico. Enquanto para Platão existia o mundo das Ideias, totalmente “transcendente e imaterial de entidades ideias” (TARNAS, 2003, p. 72), Aristóteles deu consistência a sua teoria diferenciando-a de seu Mestre, criando um sistema de “categorias” que dão qualidade à uma categoria primária, da qual todas as demais dependem e qualificam, que é a “substância”, categoria primordial. É, portanto a substância primária que dá realidade ao mundo, e sob a qual se pode analisar e estabelecer as demais categorias que dela derivam. Para Aristóteles o “erro” fundamental de Platão foi caracterizar uma qualidade como substância, por exemplo, dando existência a ideia de Belo sem que esta ideia estivesse ligada à alguma coisa no mundo real. Depois de algum tempo Aristóteles introduziu ainda a ideia de “eidos” ou estrutura inteligível incorporada na matéria e que caracteriza as diferenças entre as diversas substâncias, por exemplo, o que caracteriza as diferenças entre um homem e um cavalo seria “sua composição específica de matéria e forma” (TARNAS, 2003, p. 73). Aristóteles introduziu posteriormente a ideia de potencialidade em direção à completude de sua forma, ou seja, que “Toda a substância procura tornar real o que já é potencialmente” (TARNAS, 2003, 74).

Em uma de suas principais obras conhecida como “Ética a Nicômaco”, Aristóteles analisa as ações humanas, seus contrários e suas consequências como o bem, o mal, a justiça, a injustiça, a equidade, a felicidade, as virtudes, etc. Embora não trate diretamente da natureza da liberdade esta obra é importante para presente discussão pois a capacidade de tomar decisões e realizar as ações descritas acima e as demais que compõe a obra, perpassam pelo julgamento do ser humano. Por exemplo, Aristóteles considera que o homem virtuoso não o é somente

porque pratica as virtudes que se consideram úteis, mas é virtuoso se toma a decisão de maneira conscientemente, pois apenas reproduzindo a ação de outrem não significa que seja dotado daquela disposição. Ilustrando seu pensamento, Aristóteles, cita o a possibilidade de uma pessoa escrever um texto “concorde com as leis da gramática, quer por acaso, quer por sugestão de outrem. Um homem, portanto, só é gramático quando faz algo pertencente à gramática e o faz gramaticalmente; isto significa fazê-lo de acordo com os conhecimentos gramaticais que ele próprio possui” (ARISTÓTELES, 1987, p. 30). A questão apontada por aquele filósofo estava na escolha consciente de ações virtuosas como um meio seguro de se atingir a felicidade como meta da vida (TARNAS, 2003, p. 83). Ao propor que a escolha entre uma vida virtuosa e seu oposto deveria ser feita de maneira consciente em situações práticas, Aristóteles ainda ensinava que a escolha entre o caminho de uma vida virtuosa ou viciosa era individual, portanto pertinente a cada ser humano, e que esta escolha deveria se dar baseada no equilíbrio entre os extremos e acreditava que os seres humanos eram adaptados às virtudes e que elas se expressariam em nós pelo hábito, mas ao contrário, “que nenhuma as virtudes morais surge em nós por natureza” (ARISTÓTELES, 1987, p. 27), ou seja que no campo moral a vontade individual deveria prevalecer. Assim a atuação de cada ser humano deveria ser gerida pela vontade, unida à capacidade de tomar decisões livremente.

Uma das Instituições de maior influência no mundo ocidental desde os primeiros séculos da era cristã e muito mencionada neste trabalho é, sem dúvida alguma, a Igreja Católica e o entendimento, mesmo que superficial, da noção de liberdade para os cristãos é relevante na medida em que, Belén de Sárraga foi um dos maiores expoentes do anticlericalismo, ou seja, no combate à influência da Igreja Católica na Sociedade, propalado e defendido pelo Livre-Pensamento. Um dos maiores teólogos e filósofos dos primeiros séculos da era cristã foi Santo Agostinho, nascido Aurelius Augustinus conhecido também como Agostinho de Hipona, nascido na cidade de Tagaste, na atual Argélia, em 354 d. C. O termo “livre-arbítrio” não foi criado por Santo Agostinho, no entanto sob a perspectiva agostiniana “a liberdade passou a ser uma opção do ser humano de determinar o seu caminho, cujos parâmetros de escolha estão delimitados por uma ordem exterior, a qual estabelece o ‘valor’ ou o ‘desvalor’ de cada opção (TOMASEVICIUS, 2006, p. 1082). De tão importante para Santo Agostinho era o Livre-arbítrio que ele dedicou uma obra apenas para este tema, que ficou conhecido como *O Livre-Arbítrio*. Desta forma o ser humano tem a opção de escolher em fazer o bem seguindo o caminho do bem ou fazer o mal seguindo o caminho do mal. Surgem, assim na conceituação cristã, uma série de dicotomias, - provavelmente reflexos da tradição maniqueísta grega, naquela época ainda presente na tradição cristã – ou seja, ou uma série conceitos opostos

representando os dois lados que o cristão pode escolher. O Livre-Arbítrio, para Santo Agostinho e para a Igreja é um dos dons de Deus, ao permitir que o ser humano possa fazer a escolha do caminho a seguir, ou seja a escolha embasa a existência da justiça divina e da retidão (TOMASEVICIUS, 2006).

O reinado do monarca inglês conhecido como João da Inglaterra, ou também como João sem-Terra, filho de Ricardo I, foi desastroso desde o início, à começar pela disputa deste com o herdeiro natural ao trono, seu sobrinho Artur de Bretanha. Naquele período a Inglaterra estava em guerra com a França pela posse da Normandia. Para fazer frente às despesas com a guerra a solução encontrada foi o aumento de impostos cobrados aos súditos, inclusive os barões. Estes cada vez mais espoliados passaram a exigir seus direitos, que antes eram consuetudinários e mais, que eles fossem escritos de forma a que o rei não pudesse suprimi-los ou alterá-los por sua simples vontade. Para dificultar ainda mais a situação do rei João, este entrou em choque com o Papa Inocêncio III, pela nomeação do Cardeal de Canterbury, já na época, um importante centro religioso cristão. As relações com o Papa se deterioraram e o rei foi excomungado. Pressionado externa e internamente e precisando de cada vez mais recursos o rei se viu obrigado a ceder às reivindicações do Papa e dos barões com a assinatura do documento que ficou conhecido por Magna Carta, em 1215, registrando por escrito algumas das antigas leis dos saxões (CRIVELATO; TREVISAN; AMARAL, 2006). Este documento estabelecia um pacto entre o rei João sem-Terra e os barões ingleses, e seu seu título é, traduzido do latim bárbaro, “Carta Magna das Liberdades, ou Concórdia entre o rei João e os Barões para outorga das liberdades da igreja e do reino inglês” (CRIVELATO; TREVISAN; AMARAL, 2006, p. 1 -2).

Ainda que se considere que grande parte da população tenha ficado distante do alcance deste documento, ele se constitui em um importante marco histórico onde, pela primeira vez, um Rei assina um documento de ampla abrangência geográfica - todo o reino - e política que restringe seu poder, garantindo aos barões e aos homens livres, seus direitos, ressaltando-se que os homens livres eram apenas os nobres, os clérigos e a pequena burguesia (CRIVELATO; TREVISAN; AMARAL, 2006). Porém, com o passar do tempo esses direitos acabaram por ser estendidos a todas as pessoas residentes no reino, em um marco histórico importante, ao registrar por escrito o que antes era consagrado apenas pelo costume, mas poderia ser revogado a qualquer momento, como destacam Crivelato, Trevisan e Amaral (2006):

O que fica claro depois deste estudo é que a carta de 1215 foi a pedra inicial do novo estado de coisas, para a Inglaterra, para os estados por ela colonizados e para os direitos fundamentais. Trata-se de um produto de verdadeira

conquista libertária, embora fosse em grande parte a confirmação do velho direito saxão (CRIVELATO; TREVISAN; AMARAL, 2206, p. 13).

A Magna Carta foi, portanto, o documento que, pela primeira vez, traçou limites permanentes para a atuação do governante, de forma permanente e duradoura, tornando-se um referencial para aqueles Estados que pretenderam desenvolver-se politicamente, com respeito aos direitos do indivíduo (CRIVELATO; TREVISAN, AMARAL, 2006, p. 14).

O texto original, escrito em latim bárbaro, era composto de um só corpo, mas é encontrado dividido geralmente em 63 itens que facilitam o entendimento. Por interessante, faz-se constar alguns itens, onde a expressão de liberdade e do direito é mais significativa (MAGNA CARTA, 2020):

13 – A cidade de Londres desfrutará de todas as suas antigas liberdades e livres costumes, tanto por terra quanto por água. Desejamos e garantimos também que todas as outras cidades, burgos, vilas e portes desfrutem de suas liberdades e livres costumes.

27 – Se qualquer homem livre falecer intestado, seus bens móveis serão distribuídos entre seus parentes mais próximos e amigos, sob a supervisão da Igreja. Os direitos de seus credores serão resguardados.

30 – Nenhum sheriff, meirinho ou outra pessoa tomará cavalos ou carroças de qualquer homem livre sem o seu consentimento.

34 – O mandado chamado praecipe (4) não será para o futuro expedido contra ninguém, a propósito de qualquer posse de terra se, ou em consequência dele, um homem livre possa ser privado do direito de demandar perante o tribunal do senhor em nome do qual ele possui terras.

38 – No futuro, nenhum meirinho sujeitará qualquer homem a julgamento, fundado apenas em sua própria declaração, sem provas e sem produzir testemunhas para demonstrar a verdade do delito alegado.

39 – Nenhum homem livre será detido ou aprisionado, ou privado de seus direitos ou bens, ou declarado fora da lei, ou exilado, ou despojado, de algum modo, de sua condição; nem procederemos com força contra ele, ou mandaremos outros fazê-lo, a não ser mediante o legítimo julgamento de seus iguais e de acordo com a lei da terra.

40 – Nós não venderemos, recusaremos, ou protelaremos o direito ou a justiça para quem quer que seja.

42 – Será permitido, no futuro, a qualquer homem, deixar ou retornar a nosso reino, livremente e com toda a segurança, por terra ou por mar, preservada a sua fidelidade para conosco, exceto em tempo de guerra, por pouco tempo, para o bem comum do reino [...].

63 – Portanto, é nossa vontade e firmemente a ordenamos, que a Igreja Inglesa seja livre, e que os homens de nosso reino tenham e conservem todas aquelas liberdades, direitos e concessões, bem e pacificamente, livres e

tranquilamente, em sua plenitude e integridade, para si e para seus herdeiros, de nós e de nossos herdeiros, a todos os respeitos e em todos os lugares, para sempre. Ambos, nós e os barões, juremos que todos estes preceitos serão observados de boa fé e sem malícia. Com o testemunho das pessoas acima mencionadas e de muitas outras.

Segundo Crivelato, Trevisan e Amaral (2006), “o que poderá ser encontrado nestas linhas, a partir de uma abordagem histórica, é o encontro, no documento britânico de alguns dos princípios essenciais de institutos da democracia moderna”, como: o devido processo legal, o habeas-corpus, o tribunal do júri e a vedação do confisco legal sem que se prove a existência da dívida, todos dispositivos que limitaram os poderes do monarca e terminaram por influenciar outras Catas Modernas como a Constituição Norte Americana e mesmo a do Brasil (CRIVELATO; TREVISAN; AMARAL, 2006, p. 10).

Em 1762, em pleno Iluminismo é escrita pelo filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778) uma obra de fundamental importância para a organização social que germinaria do caos advindo da Revolução Francesa que ainda estava por ocorrer, “O Contrato Social”. Rousseau, juntamente com outros filósofos franceses como D’Alambert, Diderot, Montesquieu e Voltaire procurariam prover de base racional a sociedade que se agitava ante as grandes mudanças acontecidas desde o Renascimento Comercial, passando pelas artes e pela política, especialmente na França (VALEIRÃO, MORAES, CORRÊA, 2012). Na primeira frase do capítulo I, de “O Contrato Social” Rousseau expõe o assunto abordado naquela obra, escrevendo “O homem nasceu livre, e não obstante, está acorrentado em toda parte. Julga-se senhor dos demais seres sem deixar de ser escravo como eles. Como se tem realizado esta mutação?” (ROUSSEAU, 1958, p. 13). Em um pequeno trecho logo a seguir, afirma que a ordem social como um direito sagrado estabelece-se sobre convenções e os direitos advindos dessa convenções e não advém do estado natural do ser humano (ROUSSEAU, 1958). Logo no quarto capítulo de “O contrato Social”, com o título “Da Escravidão”, Rousseau trata do tema Liberdade, com sua marcante característica de abordá-lo pela ausência, então temos:

Um homem que se faz escravo de outro não se dá, vende-se, pelo menos para a sua subsistência: mas um povo, por que se vende? [...].

Mesmo quando cada um de nós pudesse alienar-se, não poderia alienar seus filhos: eles nascem homens e livres, sua liberdade lhes pertence e ninguém, senão eles, pode dispor dela. [...]

Renunciar à liberdade, é renunciar à qualidade de homem, aos direitos de humanidade e mesmo aos próprios deveres. Não há indenização possível para aquele que renuncia a tudo. Tal renúncia é incompatível com a natureza do homem, é privar de toda a moralidade os próprios atos e de toda liberdade a vontade (ROUSSEAU, 1958, p. 17- 18).

Rousseau foi ainda muito criticado por uma afirmação feita neste livro, ao final do capítulo VII, “Do soberano”, dizendo que a adesão do cidadão à sociedade obriga-o a ser livre, ao ser, a condição social, a única capaz de oferecer-lhe as condições para que esta situação ocorra. De tão polêmica traz-se aqui um trecho daquela passagem:

Para que, pois, o pacto social não seja uma fórmula vã, deve encerrar tacitamente esta obrigação: só êle pode dar força aos outros, sendo aquêle que recusar obedecer à vontade geral compelido a isso por todos, o que não significa outra coisa senão que se lhe obrigará a ser livre, porque tal é a condição que, oferecendo cada cidadão à pátria, esta o garante de toda dependência pessoal, natureza que constitui o artifício da máquina política e que legitima as relações civis, as quais sem ela seriam absurdas, tirânicas e sujeitas aos maiores abusos (ROUSSEAU, 1958. P. 29).

Este trecho notadamente polêmico é muito citado tanto por aqueles que defendem que o autor, quanto por aqueles que o atacam, pois apresenta uma incoerência com a própria aspiração de liberdade, ou seja, que para ser livre o cidadão deve aceitar a coerção imposta pela sociedade. Mas este aparente paradoxo se desfaz quando se aprofunda mais no livro citado e ainda mais quando se conhece o conjunto da obra de Rousseau. Especialmente o que este filósofo pretendeu foi provocar o leitor à refletir sobre as condições necessárias à liberdade ao invés de simplesmente apresentar suas definições, expondo como podem ser construídos os mecanismos de opressão sociais, como exposto pelo Prof.º Almeida Marques:

[...] em vez de heroicamente prosseguir com um chamado a romper esses grilhões e restaurar a liberdade perdida, Rousseau diz que irá mostrar como essa situação pode ser tornada *legítima*, ou seja, como essa condição universal de sujeição pode ser *justificada*! Esta surpreendente proposta, engenhosamente colocada na abertura da obra, atua como um desafio e um estímulo a nossa compreensão, e, para começar a desvendá-la, é preciso entender a tarefa que Rousseau pretendeu cumprir com seu livro.

Convenientemente, Rousseau oferece, no capítulo VI do primeiro livro do *Contrato social*, uma indicação desse objetivo. Trata-se, em suas palavras, de *encontrar uma forma de associação que defenda e proteja com toda força comum a pessoa e os bens de cada associado, e pela qual cada um, unindo-se a todos, não obedeça, entretanto, senão a si mesmo e permaneça tão livre como antes.* (MARQUES, 2010, p. 102, grifo nosso para destacar trecho de “O contrato social”).

Apenas para registro, o tema Liberdade foi tratado por Rousseau também na oitava de suas “Cartas escritas da montanha”.

De todo modo, a importância de Rousseau para a formação e discussão do pensamento político do Iluminismo é inegável e, junto a outros filósofos daquele período, essas ideias irão

influenciar os fatos que culminaram com dois importantes momentos da história e da difusão da liberdade no mundo Ocidental.

O documento que declara a independência das 13 colônias norte-americanas para com a metrópole, a Inglaterra, tem sua importância no fato de ser o primeiro documento no Continente Americano a declarar que todos os homens são livres. Naquele documento, ao apresentar as considerações iniciais que levaram seus representantes a tomarem aquela decisão, lê-se, em seu segundo parágrafo, o seguinte: “Consideramos estas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais, dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a vida, a liberdade e a procura da felicidade [...]”. Este importante documento teve sua primeira versão escrita por Thomas Jefferson e depois emendado por John Adams, Benjamin Franklin, Roger Sherman e Robert Livingston. A independência das treze colônias - que dariam origem aos Estados Unidos – acabaram por inspirar as demais colônias espanholas a buscarem sua independência também. (A DECLARAÇÃO DE INDEPENDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA).

Seguindo na mesma linha da subseção anterior, como documento a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão datada de 1789 é o resultado direto do pensamento iluminista. Este documento com 17 artigos, aprovado pela Assembleia Nacional na França, que foi o órgão responsável pela organização da transição política daquele país, após a Revolução Francesa. Vários artigos daquela declaração mencionam a liberdade, mas todos derivam dos artigos 1.º e 2.º, onde se afirma ser a liberdade um direito natural de todo o ser humano e que a organização política deve garantir este direito, em qualquer situação sendo imprescritível ao homem. Imprescritível significa que não perde o efeito ou o sentido com o passar do tempo. Daquele histórico documento que influenciou as Constituições e a organização política de muitos países, têm-se alguns de seus artigos: (DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM E DO CIDADÃO, 2020):

Art. 1º. Os homens nascem e são livres e iguais em direitos. As distinções sociais só podem fundamentar-se na utilidade comum.

Art. 2º. A finalidade de toda associação política é a conservação dos direitos naturais e imprescritíveis do homem. Esses direitos são a liberdade, a propriedade a segurança e a resistência à opressão.

Art. 10. Ninguém pode ser inquietado pelas suas opiniões, mesmo religiosas, desde que sua manifestação não perturbe a ordem pública estabelecida pela lei.

Art. 11. A Livre comunicação dos pensamentos e das opiniões é um dos direitos mais preciosos do homem; todo cidadão pode, portanto, falar, escrever, imprimir livremente, salvo cometer abuso desta liberdade nos casos determinados pela lei.

A Revolução Francesa como marco político e social importante – marca o início da Era Moderna, apesar de existirem autores que preferam outras datas, como Hannah Arendt – atingiu seus objetivos imediatos, tendo resultado na restauração de um governo centralizador e até ditatorial – caso de Napoleão Bonaparte –, mas colocando uma certa ordem no caos institucional e social que o movimento revolucionário gerou. No entanto era a primeira vez que um documento registrava o ser humano era livre, inclusive para expressar seu pensamento em matéria religiosa e política. Embora sendo considerado por muitos como um direito natural, era a primeira vez que esse direito era reconhecido e proclamado (BAYET, 1971, 115).

Do mesmo modo como ocorreram mudanças nos conceitos e no entendimento do termo Liberdade desde os primeiros pensadores gregos até ao período em que Belén estruturou seu pensamento, assim também desde aquele momento até nossos dias seu significado passou por alterações. E esta trajetória torna-se importante porque ao fazermos a análise dos textos de Belén hoje, mais de cem anos após terem sido escritos e pronunciados, provavelmente nosso entendimento do que seja Liberdade pode diferir do dela e também estarmos atentos ao que pode significar para nós e com qual carga de significados o entendemos.

Mais recentemente, Isaiah Berlin (1909 – 1997) apontou duas outras definições ou usos na esfera política, para o termo Liberdade, apresentadas em obra de Llosa (2019), a liberdade “negativa” e a liberdade “positiva”. Este autor contemporâneo apresenta a liberdade “negativa” como aquela exercida pelo cidadão no âmbito de sua individualidade, onde o indivíduo encontra menos barreiras para o exercício de sua vontade, onde, portanto, a autoridade política ou social está menos presente, quase não havendo impedimentos ao comportamento da pessoa que pode assim exercer e ir em busca de suas “necessidades, ambições e fantasias pessoais”, ou seja, a liberdade “negativa” é percebida quando existe a limitação de uma autoridade externa ao indivíduo (LLOSA, 2019, p. 170). Por outro lado, existe, para aqueles autores a liberdade “positiva”, que ao contrário da primeira não quer limitar a autoridade, mas “quer se apropriar dela”, sendo mais social que a anterior, pois mais dependente das condições sociais, portanto independentes de sua exclusiva vontade (LLOSA, 2019, p 171). Prosseguindo em sua análise Llosa, expondo o pensamento de Berlin, nos diz que aquele filósofo acreditava que estas duas noções de liberdade são irreconciliáveis na medida em que uma se opõe à outra, em que são ““verdades contraditórias” ou “metas incompatíveis””

e que as sociedades que alcançaram altos níveis de desenvolvimento social foram as que buscaram e conseguiram, ao menos, se tornar menos injustas e mais dignas com a conciliação entre as duas formas (LLOSA, 2019. p. 173).

Estes conceitos de Liberdade no campo social se aproximam do conceito apresentado por Bobbio, Matteucci e Pasquino (LIBERDADE, 2000) quando estes, baseados em diversos filósofos, expõem que para se caracterizar a Liberdade social é preciso conceituar também as relações de interação entre pessoas ou grupos sociais, pois esta noção deriva das relações que ocorrem entre os agentes sociais. Identificam também, aqueles autores, a possibilidade de se abordar a liberdade em sentido descritivo, portanto mais empírico, ligado à experiências pessoais e coletivas e um sentido mais valorativo, cuja aproximação se faz por uma abordagem de exortação (LIBERDADE, 2000, p. 708). Destacam os mesmos autores que as definições anteriores, - e que foram apenas muito superficialmente apresentadas – tratam a liberdade de forma descritiva, mas, que é possível também apresentar conceitos éticos ao termo liberdade e este adquire, assim “significado valorativo”, constituindo-se como construção no campo moral, com a seguinte descrição, e alguns exemplos de filósofos e pensadores que a descreveram:

“A Liberdade pode consistir somente em poder fazer aquilo que devemos querer” (Montesquieu). Por analogia, muitas vezes, afirma-se que uma pessoa é livre, não quando age livremente ou desenvolve suas capacidades, e sim quando realiza “o melhor” ou “o essencial” de si mesma. “A Liberdade pode ser definida como a afirmação por um indivíduo ou por um grupo de sua própria natureza” (Laski). [...] “Chamo livre quem se deixa guiar unicamente pela razão” (Spinoza). “Obedecer a uma lei por nós mesmos imposta é Liberdade” (Rousseau). [...] “Não adquirimos Liberdade satisfazendo o que desejamos, e sim eliminando o nosso desejo” (Epicteto) (LIBERDADE, 2000, v. 2, p. 712, aspas do original)

Continuando a definição, tem-se a definição republicana de Liberdade onde os governos devem se basear nas regras e decisões dos governados ou ao menos na vontade da maioria. Neste sentido aceitar, livremente, o que a maioria deseja implica da definição de Liberdade exposta acima e defendida por Rousseau. E ainda destacam o perigo que esta definição pode esconder, pois mesmo Rousseau, ao propor que o cidadão aceitasse os limites à sua Liberdade sem, no entanto, explicar mais profundamente suas ideias, estas poderiam levar à noção de justificar-se a imposição de todo o tipo de ideologia política (LIBERDADE, 2000, v. 2, p. 711).

Importante para os estudos CTS, Herbert Marcuse (1898 – 1979) foi um sociólogo e filósofo nascido na Alemanha, que emigrou para os Estados Unidos naturalizando-se norte-americano. Marcuse foi um crítico da sociedade capitalista, como também do Comunismo

adotado pelo Partido Comunista Soviético. Foi autor de diversas obras e artigos e, para esta pesquisa, foi utilizado um de seus principais livros: “A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional”, escrito em 1964. Escrito ainda em plena Guerra Fria, as análises feitas neste livro, mesmo que os atores sejam outros e sejam outras algumas das relações apontadas, são ainda atuais. Marcuse abordou a sociedade capitalista com suas formas de controle, as relações entre produção e corpo político, revelando, sob o aspecto humano, como elas influenciam a vida das pessoas, e de que forma essa influência passa despercebida. Notadamente reveladora é sua visão da mecanização da produção e do desenvolvimento tecnológico que, satisfazendo as necessidades básicas das pessoas, acaba por retirar a visão crítica sobre a realidade que as cerca. O emprego em larga escala das máquinas em substituição à força de trabalho humana, mudou também a relação entre capital e trabalho, onde são mais valorizadas as aptidões técnicas em detrimento da energia física (MARCUSE, 1973, p. 43). O domínio sobre a Natureza e o uso da tecnologia são fatores que precisam ser analisados em profundidade para que as formas de dominação possam ser observadas. Encontramos em sua obra a seguinte afirmação: “Independência de pensamento, autonomia e direito à oposição política estão perdendo sua função crítica básica numa sociedade que parece cada vez mais capaz de atender às necessidades dos indivíduos através da forma pela qual é organizada” (MARCUSE, 1973, p. 23-24). Esta afirmação implica dizer que a própria organização da sociedade impede que a oposição à maneira como ela existe, faça sentido, pois aparentemente as necessidades básicas dos indivíduos estariam sendo satisfeitas.

Marcuse afirmava que toda as necessidades humanas são determinadas por fatores externos sobre os quais não temos consciência plena e aí residiriam o que ele chamou de necessidades repressivas, ou seja, aquelas necessidades que nos são impostas e que nos mantém atrelados ao sistema do qual fazemos parte, sem que possamos sair, e em verdade, sem que nos apercebamos dela. Sem termos consciência da situação não há a vontade de sair, não existe consciência da existência de uma outra realidade possível, e portanto o movimento de mudança e libertação não existe. O autor ainda afirmava que somente o próprio indivíduo é capaz de fazer este movimento, de forma autônoma, pois de outra forma haverá sempre uma visão externa de suas próprias necessidades. Para Marcuse uma questão crucial era como ampliar a noção de liberdade, coma supressão de algumas liberdades que perpetuam a repressão, e via na política a única forma de se atingir a este objetivo, entendendo o termo política como: “a prática na qual as instituições sociais básicas são desenvolvidas” (MARCUSE, 1973. P. 230).

Para ser possível buscar a liberdade, em primeiro lugar é preciso ter consciência de que não se é livre, através da consciência da existência da “satisfação repressiva”, mas esta

também é instável na medida em que se altera rapidamente no tempo, sendo substituída por outra e por outras, em um processo que impede sua percepção (MARCUSE, 1973, p. 28).

Para aquele filósofo o conflito entre a dominação e a autodeterminação podem estar na “conquista tecnológica da natureza”, pois com ela aumenta a “conquista do homem pelo homem”, porém no sentido de que a Ciência seria capaz de responder não somente às necessidades materiais, mas também permitir um olhar sobre si mesmo e a relação do ser humano com o mundo e a realidade que o cerca. Segundo aquele filósofo, é preciso aceitar uma mudança de paradigma em relação à liberdade de pensamento para se atingir outro patamar de entendimento. Complementando, ele afirmava:

E essa conquista reduz a liberdade que é uma *a priori* necessário da libertação. Isso é liberdade de pensamento no único sentido em que o pensamento pode ser livre no mundo administrado – com a consciência de sua produtividade repressiva, e com necessidade absoluta de romper para fora dêsse todo (MARCUSE, 1973, p 232).

Ao observarmos a sociedade atual, percebe-se que ela ainda não conseguiu superar as questões apresentadas por Marcuse, mesmo depois de décadas.

Entre os anos de 1966-67, Hannah Arendt (1906-1975) produziu um ensaio em forma de discurso onde, a filósofa de origem Prussiana, analisou, dentre outros, dois momentos políticos e sociais importantes para a Humanidade, a Independências dos Estados Unidos e a Revolução Francesa, já apresentados anteriormente neste trabalho. Por se tratar de um texto que buscou definir o que significou “liberdade” para os contemporâneos daqueles dois movimentos, com uma análise penetrante e direta, ele pode ajudar a pensar liberdade ainda hoje.

Em seu ensaio, com um título que pode soar redundante, “Liberdade para ser livre”, Hannah Arendt fez uma distinção entre liberdade e libertação. Referindo-se aos dois movimentos, Independência Americana e Revolução Francesa, ambos do final do século XIX, a autora faz a seguinte colocação:

O importante é que libertação da opressão poderia muito bem ser realizada sob um governo monárquico, embora não tirânico, enquanto a liberdade do modo de vida político requeria uma forma de governo nova ou, antes, redescoberta. Exigia a constituição de uma república (ARENDR, 2018, p. 25 – 26).

Hannah Arendt afirma que, tanto um quanto outro movimento, de início não buscaram exatamente garantir direitos civis ou melhorias das condições sociais das massas, muito embora tenham se tornado um marco desses mesmos direitos, quando na verdade, em primeiro plano

tratavam de questões econômicas e de uma quase “restauração” à condição anterior (ARENDR, 2018, p. 25).

Aprofundando a distinção entre os dois movimentos, segundo Hannah Arendt a Independência Norte-Americana alcançou sucesso – sem que tivesse o objetivo inicial deste resultado – a igualdade entre os cidadãos, mesmo entre os dirigentes, e somente a igualdade “entre pares” pode promover a plena liberdade pública. “Falando em termos institucionais, é possível apenas em uma república, que não reconhece súditos e, rigorosamente falando, nem governantes” (ARENDR, 2018, p. 30). Para explicar, o que, por outro lado ela considera o “fracasso da Revolução Francesa”, Arendt argumenta que naquele movimento na França a grande maioria da população era muito pobre e, embora tenha sido levada à rua e tenha saído da “invisibilidade” social, não tinha noção de liberdade, nem tinham noção de que poderiam lutar por ela, pois sem encontravam em condições de miserabilidade. No entender da autora:

Apenas aqueles que conhecem a liberdade em relação à necessidade podem apreciar por completo o significado da liberdade em relação ao medo, e só aqueles que estão livres de ambos – necessidade e medo – têm condições de conceber uma paixão pela liberdade pública [...] (ARENDR, 2008, p. 34).

Para Arendt, o caos político e social que se seguiu àquele movimento foi resultado dessa falta de liberdade, ou antes, da noção de liberdade prévia, da falta do mínimo para a sobrevivência, não somente em termos imediatos, como também a falta de percepção de que o bem público também lhe pertencia - ao povo -, ou seja, de que poderiam lutar por seus bens. Para exemplificar, a autora trás o ocorrido durante o conflito armado, entre Estados Unidos de um lado e União Soviética e Cuba de outro, conhecido como incidente da Baía dos Porcos, ocorrido em abril de 1961, quando o povo pegou em armas e saiu em defesa de seu país e da Revolução Cubana, mesmo tendo a perspectiva de lutar contra um exército maior, bem treinado e bem armado e contra um possível ataque nuclear. Naquela ocasião, afirma Hannah Arendt, que os serviços de inteligência Norte Americanos não tiveram a percepção de que o povo cubano havia sido libertado “não de sua pobreza, mas da obscuridade e, logo, da incompreensibilidade de sua miséria; [...], e do que significa quando são levados à sua capital [...] e lhes dizem: essas ruas, esses prédios e essas praças, tudo isso é seu, suas posses, portanto seu orgulho” (ARENDR, 2008, p. 20). Ainda segundo a autora, mesmo que a Revolução Francesa tenha fracassado no intento de garantir a igualdade entre as pessoas, ela permitiu que a partir daquele momento aqueles que se dedicassem à liberdade do ser humano jamais aceitassem que a “liberdade em relação à necessidade – liberdade para ser livre – fosse um privilégio de poucos” (ARENDR, 2008, p. 36).

Um dos mais influentes pensadores da atualidade foi o sociólogo Zigmunt Bauman (1925 – 2017), nascido na Polônia e que morreu recentemente no Reino Unido. Bauman, desde o final dos anos 1990, preocupou-se em entender as profundas transformações que o mundo experimentava, notadamente a partir do surgimento da globalização e das mudanças sociais, éticas e políticas advindas das transformações surgidas com as tecnologias de informações e comunicação. Estas tecnologias permitiram que a sociedade se transformasse a tal ponto que outro importante pensador e sociólogo a ela se referisse como “sociedade em rede” onde as relações e valores são flexíveis e extremamente adaptados à novas condições, dentro de uma “cultura de construção e reconstrução contínuas; para uma política destinada ao processamento instantâneo de novos valores e humores públicos” (CASTELLS, 1999, p. 498). Foi analisando este recente formato de relações sociais que Bauman escreveu um de seus mais importantes trabalhos, o livro *Modernidade Líquida* (BAUMAN, 2001), carrega uma expressão que ele cunhou, sociedade líquida, fluida e leve em oposição a uma sociedade anterior que era sólida e pesada. Em sua obra acima citada, Bauman, ao analisar o formato que sociedade atual adquiriu com as relações cada vez mais fluidas, sem padrões rígidos, modificando “as instituições existentes, as molduras que circunscreviam a o domínio das ações-escolhas possíveis, como os estamentos hereditários com sua alocação por atribuição, sem chance de apelação” (BAUMAN, 2001, p. 14), expõe que isto aconteceu, não a partir de um mundo distópico, como era de se esperar, mas sim a partir de uma sociedade que se transformou em sentido contrário, com maior sentido de liberdade individual.

Ao contrário da maioria dos cenários distópicos, este efeito não foi alcançado via ditadura, subordinação, opressão ou escravidão; nem através da “colonização” da esfera privada pelo “sistema”. Ao contrário: a situação presente emergiu do derretimento radical dos grilhões e das algemas que, certo ou errado, eram suspeitos de limitar a liberdade individual de escolher e de agir (BAUMAN, 2001, p. 12).

A certa altura o pensador polonês cita o sociólogo francês Émile Durkheim, que apresenta de maneira clara a liberdade sob o ponto de vista das relações sociais em uma perspectiva um tanto desconcertante:

O indivíduo se submete à sociedade e essa submissão é a condição de sua libertação. Para o homem liberdade consiste em não estar sujeito às forças físicas cegas; ele chega a isso opondo-lhes a grande e inteligente força da sociedade, sob cuja proteção se abriga. Ao colocar-se sob as asas da sociedade, ele se torna, até certo ponto, dependente dela. Mas é uma dependência libertadora; não há nisso contradição (DURKHEIM Apud BAUMAN, 2001, p. 30).

Note-se que o trecho citado acima encontra-se a ideia, muito criticada em Rousseau, no final do primeiro capítulo de “O Contrato Social” - VII – Do Soberano” – já citado em seção anterior, no qual o filósofo suíço expõe que a sociedade, com suas regras e limites, é a estrutura capaz de garantir a liberdade ao ser humano.

Outra característica dos tempos atuais seria o excesso de possibilidades de escolha, o que pode significar maior variedade e oferta de itens – de qualquer espécie, pois não há mais o certo e o errado – resultando a afirmativa “A infelicidade dos consumidores deriva do excesso e não da falta de escolha” o que pode levar as pessoas à recorrente dúvida de terem sido capazes de utilizar todos os meios à disposição para realizar tal ou qual tarefa. Se o “erro” não pode mais apontado pelos críticos, as crenças em certo e errado também se derretem, e esta situação também causa angústia, pois a escolha certa também é duvidosa (BAUMAN, 2001, p. 82). Vive-se hoje em um mundo cujo número de possibilidades seria impensável para nossos pais, sendo poucas coisa previsíveis e mesmo as derrotas e as vitórias, não são definitivas. E esta falta de limites definidos pode fazer com que as pessoas sintam-se incompletas, com uma falta permanente de terminação. Por outro lado o término também não satisfaz, pois interrompe prematuramente a jornada de novidades e não traz a sensação de liberdade, como resume o filósofo polonês: “Estar inacabado, incompleto e sub determinado é um estado cheio de riscos e ansiedades, mas seu contrário também não traz um prazer pleno, PIS fecha antecipadamente o que a liberdade precisa manter aberto” (BAUMAN, 2008, p. 80).

Se a Liberdade, em suas diversas formas e entendimentos pessoais e coletivos, é um estado tanto material quanto intelectual, tão almejado pelo ser humano, privá-lo dela seria uma punição. Já foram expostos neste trabalho, diversas formas de privação da liberdade, quer seja no caso de Sócrates, que foi impedido de continuar mantendo o contato com seus discípulos, antes de ser condenado à morte; ou Aristóteles obrigado a exilar-se na Macedônia, temendo o mesmo fim; ou Giordano Bruno e Galileu que se viram impedidos de expor os resultados de seus estudos.

O objetivo deste tópico, inserido junto às diversas reflexões e acontecimentos relativos à liberdade, é o de ampliação sobre o tema e ao mesmo tempo de sensibilizar sobre a restrição de liberdade, inclusive ao lembrarmos de que Belén de Sárraga, como exposto anteriormente, foi presa diversas vezes.

Portanto apresenta-se aqui novamente o tema liberdade com uma conotação um tanto diversa, não como aspiração humana ou como estudo social ou político, mas como um bem cujo direito é suprimido como forma de punição. Desta feita, traz-se algumas informações a partir do trabalho do Prof.º Dr. Cláudio do Prado Amaral, professor de Direito da Universidade

de São Paulo (USP) de em sua obra “A História da pena de prisão”. Nesta obra o Prof.º Amaral apresenta e analisa a privação de liberdade sob o ponto de vista histórico e sociológico, com suas diversas fases ao longo dos séculos, notadamente com as diversas finalidades empregadas na privação de liberdade.

Ao contrário do senso comum, especialmente natural para quem vive entre os séculos XX e XXI e que entende a privação de liberdade física como uma modalidade de punição frente a algum crime que a sociedade entenda como tal e seja prevista em seus códigos legais, privar um indivíduo de sua liberdade não foi sempre o objetivo do encarceramento. Na Antiguidade eram raros os casos em que a prisão se constituía na própria pena e essas situações eram, na verdade a exceção. O mais comum era que o estágio de prisão fosse apenas um recurso de contenção do condenado, enquanto o delito não era julgado e a sentença não era pronunciada. Naquele período histórico as penas eram muito severas, cruéis mesmo, chegando a amputação de membros ou a pena capital.

Já na Idade Média (476 – 1453) encontram-se indícios de aplicação de penas de prisão como finalidade de punição e expiação de “pecados” e delitos. Com este intento a Igreja Católica e a própria Inquisição assumem papel de destaque ao ver na prisão a oportunidade de o infrator “refletir, em isolamento celular, sobre o erro cometido, reconciliando-se com Deus” (AMARAL, 2016, p. 26).

É na Idade Moderna (1453 – 1789) que se vê nascer uma maior discussão sobre o efeito das penas e quando a eficiência da pena de morte passa a ser questionada, visto que o aumento dos crimes não era barrado pelo medo da pena capital, é quando a pena de prisão passa a ganhar maior destaque. Não se deve pensar, no entanto que as condições do condenado fossem humanas, pois, normalmente o trabalho forçado acompanhava a pena de prisão que era acompanhada “de duros castigos, ao menor sinal de indisciplina” (AMARAL, 2016, p 29). As ideias iluministas contribuíram bastante para que as penas de prisão ganhassem força, mas a substituição das penas de morte e os suplícios, para as de prisão foi bastante lenta e ao menos até o final do século XIX e meados do século XX ainda se discutia bastante sobre a função educativa das penas (AMARAL, 2016). Nesta obra, fica demonstrando que, apesar da mudança no conceito das penas, que deveriam ter um caráter notadamente educativo e socializador, as penas de privação de liberdade pouco ou quase nada evoluíram e o encarceramento indiscriminado passou a ser a tônica do sistema penal na maioria dos países, especialmente na América Latina, na África e Ásia. Amaral (2016) ainda chama a atenção para o fato de que em pleno final de século XX início de XXI, persiste a falta de pensadores comparáveis aos que impulsionaram a renovação ideológica Iluminista, e que desta forma proponham soluções

resultando em uma “encruzilhada em que se situa a pena privativa de liberdade, sujeita a paixões populares, políticas demagógicas e ao discurso virulento do Estado Segurança”, com a consequente utilização dos regimes de segurança máxima e a perda dos objetivos de reeducação e reinserção social dos detentos além de uma visão de máxima eficiência e baixo custo (AMARAL, 2016, p. 55).

Como exposto no início desta seção, alguns objetivos motivaram se ter trazido algumas noções sobre o termo liberdade para esta pesquisa. Em primeiro lugar a própria necessidade pessoal do pesquisador em buscar refletir sobre o mesmo ao perceber que mesmo utilizado de maneira banal no dia a dia, era difícil sua definição. O que é *liberdade*? O que é *ser livre*? Eu *sou livre*? *Somos livres*? Segundo porque ao refletir e buscar a história sobre *liberdade* ficou claro que o entendimento ao longo da história humana também havia se alterado durante o tempo, não havendo, portanto um entendimento definitivo. Ao mesmo tempo se pretendeu instigar àqueles que buscarem esta pesquisa a mergulhar também nestas reflexões, em um processo de busca de suas próprias definições.

Finalmente entende-se que, para Belén de Sárraga e para os integrantes do Livre-Pensamento, certamente a palavra *liberdade* se revestia de um significado muito profundo e provavelmente diferente do que tem para nós hoje.

5 RESULTADO DA ANÁLISE DA CONFERÊNCIA “TRAYETORIAS HUMANAS”

O discurso escolhido para a análise é uma das conferências proferidas por Belén de Sárraga em Santiago, capital do Chile, entre os meses de janeiro e fevereiro de 1913.

O contexto sócio-econômico do Chile nos primeiros anos do século XX é importante para se entender os efeitos da visita de Belén de Sárraga, bem como o público e as mensagens contidas em suas conferências. Nesse período inicial de século o Chile estava passando por transformações sociais, decorrentes em grande parte de mudanças econômicas resultantes de um período anterior de relativa estabilidade política, posterior à sua Independência política e também posterior à Guerra Civil de 1891. Desde o final do século XIX e início do século XX o Chile a economia chilena se transforma, com o crescimento do setor mineral, que substitui a agricultura como principal atividade econômica. Surgem, desta maneira, novas classes sociais, com a classe média e as classes operárias ligadas à mineração de ouro, prata, cobre e salitre. Este último de grande emprego na agricultura, como fertilizante e também na produção de pólvora. Especialmente este último produto era controlado pela Inglaterra, desde a produção até a exportação. Porém em virtude da exploração desenfreada e técnicas ultrapassadas de extração fazem o produto se tornar muito caro para ser produzido e a dependência econômica de um produto apenas, faz o setor enfrentar uma grave crise. O crescimento das cidades, com o êxodo rural, fazendo surgir a classe operária pela transformação dos trabalhadores rurais em mineiros, e o surgimento da classe média com a dinâmica das cidades, faz surgir tensões sociais e políticas, especialmente em relação aos antigos membros da aristocracia rural e industrial mineira. Com a crise do setor de produção de salitre as tensões aumentam, pois as classes operárias já estavam fortemente organizadas, notadamente no norte do país, na região de Taparacá e Iquique. A classe operária chilena demonstra um alto grau de organização e de mobilização com grandes movimentos reivindicatórios, cujas pautas eram basicamente melhores salários e condições de trabalho. Como consequência surge o movimento anarquista e, em 1912, o Partido Obrero e Socialista. Neste contexto, a mulher, esposa e mãe, participa ativamente da vida social e política dos movimentos operários. (GUTIÉRREZ, 2018). É este o contexto que Belén de Sárraga encontra em sua visita ao Chile, o que explica, como se verá a seguir, suas manifestações e o destaque que às mulheres. Ainda de Gutierrez, tráz-se o seguinte trecho:

Las primeras instituciones netamente femeninas surgidas en nuestro país son los Centros Femeninos “Belén de Sárraga”, que se crean a partir de 1913 en la zona norte; específicamente em Iquique, Antofagasta y las principales oficinas saliteras. Estas instancias organizativas de mujeres, consideradas puntos de partida para el feminismo en Chile, cobran vida con posterioridad a

la visita de la conferencista española Belén de Sárraga (GUTIÉRREZ, 2018, p. 231).

Este é o contexto político, social e econômico que Belén de Sárraga encontrou no Chile com forte efervescência social e o público para o qual ela levou sua mensagem era composto pela classe operária e por intelectuais, solidários a estes movimentos. Especialmente nas regiões de Taparacá e Iquique suas conferências, seus artigos e sua presença ajudaram na mobilização dos operários e suas famílias nas lutas por melhores salários e condições de vida, naquelas regiões mineiras (HOTTINGER-CRAIG, 2018).

Os textos das conferências foram reunidos em uma publicação, produzida e editada pelo jornal chileno “La Razon”, que se auto-intitulava “diário radical” (TONDA, 19130). Embora Belén de Sárraga não conste como autora do livro, tudo indica que participou da elaboração do texto, pois as conferências estão escritas na primeira pessoa, além do que Javier Campos ([201-?]), afirma que ela conhecia Carlos Rivera e Federico Tonda, respectivamente o diretor e o redator daquele jornal. Do livro constam as nove conferências e após cada uma delas um estudo crítico, de autoria de Federico R. Tonda sobre o tema desenvolvido por Belén de Sárraga e, ao final, uma breve biografia da autora “Noticias de su vida”, escrita por Carlos Rivera. A conferência, intitulada “Trayectorias Humanas” é a primeira na ordem em que aparecem na obra. Dentre as demais conferências essa foi a escolhida, para a análise, por abordar assuntos de caráter mais geral trazendo elementos como a saudação de Belén aos presentes, agradecimentos à apresentação recebida, conceitos do Livre-Pensamento, trajetória do ser humano, o desenvolvimento do sentimento religioso e a atuação da Igreja Católica. Outra característica do texto são as seis interrupções registradas pelos “*Aplausos*” recebidos durante a apresentação. A seguir (Figura 13), a imagem corrobora a ideia da plena participação na elaboração da obra “Conferencias”, pois nela aparecem Carlos Rivera e Federico Tonda, responsáveis pela obra e Belén de Sárraga.

Figura 12 – Carlos Rivera, Belén de Sárraga e Federico Tonda.



**Carlos Rivera à esquerda, Belén de Sárraga e Federico Tonda, respectivamente Diretor e redator do jornal chileno “La Razon”, responsáveis pela edição e produção do livro “Conferencias”.
Fonte: Internet.⁹**

Figura 13 - Belén de Sárraga

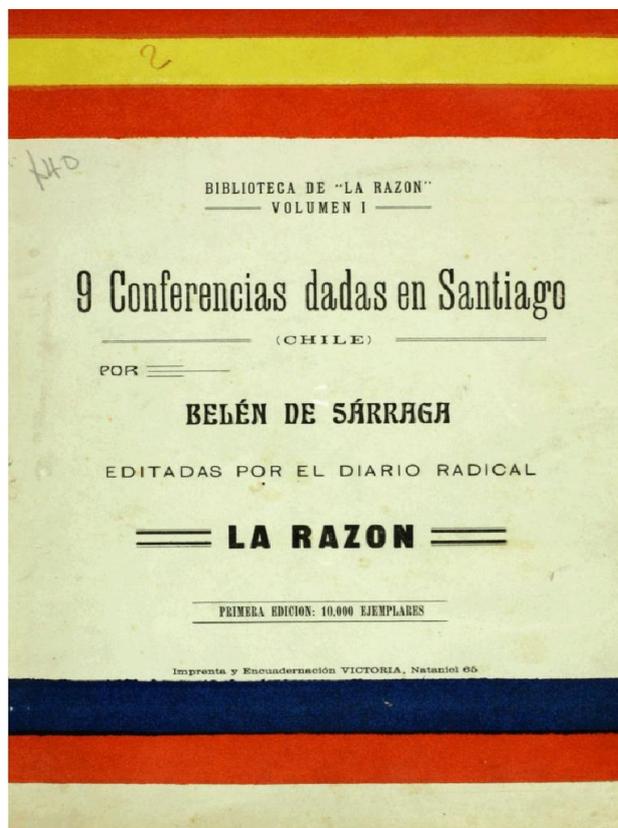


Fonte: Internet.¹⁰

⁹ Disponível em: <http://www.estelnegre.org/documents/sarraga/sarraga03.jpg>

¹⁰ Disponível em: <https://medium.com/periodistasolvidadas/belén-de-sárraga-la-periodista-indomable>

Figura 14 - Imagem da capa do livro “Conferências”.



Fonte: Internet.¹¹

Os trechos da conferência que são apresentados à seguir foram mantidos na língua e na ortografia originais em que o livro foi produzido, o Castelhana, para que o sentido seja o mais próximo daquele pretendido pela autora.

Os aspectos que foram buscados conforme já exposto são a autoria, a história e a ideologia, além das relações dialógicas existentes. É preciso anotar que estes aspectos não apareceram isolados, em trechos estanques, mas muito ao contrário, é mais natural que se apresentem, senão todos ao mesmo tempo, ao menos aos pares nas diversas combinações possíveis entre si. Desta maneira optou-se por proceder a análise a partir dos recortes escolhidos, onde ao menos um desses aspectos apontados aparece, ao invés de se apresentar a análise por aspecto, com o intuito de evitar a repetição dos mesmos trechos. Os excertos foram numerados para permitir uma melhor identificação, quando necessário.

¹¹ Disponível em: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-97319.html>

No primeiro parágrafo, Belén de Sárraga, já busca estabelecer uma aproximação com os ouvintes, com palavras de agradecimento, humildade e elogios aos presentes:

Trecho 1

Debo, señores, después del agradecimiento a las frases elogiosas con que la persona encargada de presentarme ante vosotros ha adornado mi modestíssima labor, debo dirigir mis primeras palabras con un saludo, el más ferviente y el más sincero hacia el Pueblo de Chile, representado aquí en todas sus clases y en todas sus manifestaciones de actividad; en sus clases intelectuales, por la prensa y por esa juventud estudiosa cuya palabra acaba de dejarse oír en este sitio, (*se refiere la conferencista al discurso de presentación que leyó el señor Presidente de la Federación de Estudiantes*); con sus clases populares, por esos brazos del trabajador, el agente activo y el agente poderoso de todos los pueblos; (destaques em itálico no original).

Este trecho inicial, na página 7, é o primeiro parágrafo da conferência e demonstra o que foi indicado anteriormente sobre o texto ser escrito com o verbo e o pronome na primeira pessoa: “**Debo**, señores, después del [...] **debo** dirigir **mis** primeras palabras con un saludo”.

No segundo parágrafo, encontramos a mesma indicação da pessoa gramatical, com o uso do pronome “**mi**”:

Trecho 2

“**Sirva mi saludo** también a la mujer chilena, a quien en primer término van dirigidas mis conferencias sin que esto indique que **yo** quiero establecer aquí una distinción por un sexo; **para mi**, señores, **todos los seres han nacido para procurar el progreso y la felicidad de la humanidad.**”

Ao dirigir-se à assistência na primeira pessoa temos a indicação de que ela era a autora da conferência, embora seu nome conste apenas na capa do livro. Temos assim a indicação de que o texto reflète com verossimilhança a conferência apresentada e que a análise pode ser realizada com segurança.

Há que se notar outra particularidade deste trecho quando Belén diz que fala especialmente à mulher chilena: **mujer chilena**. Este trecho é significativo, pois logo ela se expressa da seguinte maneira: “**para mi**, señores, **todos los seres han nacido para procurar el progreso y la felicidad de la humanidad**. As marcas discursivas presentes indicam claramente uma ideia que lhe era muito importante à Belén de Sárraga, ainda que não fosse exclusivamente sua dentro do Livre-Pensamento, qual seja, a luta pela igualdade feminina. Embora a defesa da igualdade entre homens e mulheres também fosse empreendida por outras mulheres, esta não era tão explícita no Livre-Pensamento, cujo principal foco era o

anticlericalismo. No trecho “**todos los seres han nacido**” depreende-se que ela não fazia distinção entre homens e mulheres, quando se expressa por **todos los seres**; ainda pode-se depreender que Belén fala de igualdade de nascimento: **han nacido**, ou seja que todos nasciam iguais e, portanto as diferenças eram impostas pela sociedade. Por estas razões ela passa uma mensagem direta às mulheres para que busquem “**el progreso y la felicidad**”. Aqui é preciso lembrar que quando ainda era menina, Belén ficou sem o pai, pois este deixou a família e logo em seguida sua mãe morreu, sendo ela e o irmão criados por sua avó materna, que era inclusive analfabeta e pode-se deduzir que todos tenham enfrentado grandes dificuldades, conforme as informações de Ramos (2006, p. 694).

As experiências vividas deixam profundas marcas em nós e são explicitadas em nossas ações e em nossas falas. Larrosa (2018) afirma que as experiências que modificam a vida do sujeito são aquelas vividas com paixão, por quem se deixou influenciar e modificar, sem imposição de condições ou de tentativa de controle. Este autor identifica ainda três instâncias que compõe, ou podem compor, as experiências e que constituem o que ele chama de “paixão” (LARROSA, 2018, p. 28): o sofrimento ou padecimento, a responsabilidade e o amor. O que Larrosa quer dizer com “paixão”, não é que Belén deva ter vivido com paixão seus sofrimentos, mas que para que ela fosse modificada pelos acontecimentos eles precisaram ser sentidos em toda a sua intensidade, com as emoções, boas ou ruins, inerentes aos acontecimentos. Já em relação ao sofrimento, diz-nos no sentido de se vivenciar com profundidade, sem passividade, mas um vivenciar a experiência em profundidade; responsabilidade em relação ao outro, que participa da experiência, pois ambos tornam-se ligados pela experiência vivida. Por intermédio da responsabilidade, há o estabelecimento de um vínculo em relação ao outro e à experiência, mas sem a perda da autonomia. O amor é a ligação que se estabelece entre o sujeito e seu objeto, de tal forma que ambos passam a possuir-se reciprocamente. É, no entendimento de Larrosa, este vínculo o responsável por fazer com que o sujeito, movido pela força geradora do amor, pelo vínculo da responsabilidade e pela profundidade e intensidade do sofrimento passe pela experiência de forma completa e profunda (LARROSA, 2018). Neste caso a história pessoal deixou suas marcas na jovem escritora e conferencista que via na emancipação feminina uma forma de independência financeira e pessoal que impediria situações semelhantes às que havia passado. É uma característica que compõe sua imagem, juntamente com a imagem de mulher forte e determinada que viajava pelos países difundindo suas ideias, sendo combatida também, mas cuja personalidade carregava as experiências de vida. São, desta maneira duas instâncias, duas partes que compõe o todo “**autora**”: sua história particular, sua infância e Belén de Sárraga como Livre-Pensadora.

Para além dos aspectos de autoria implícitos e explícitos apresentados busca-se também, como apontado pelos teóricos que a embasam, uma autoria que não é tão direta, mas que como vimos se refere a maneira como o autor se apresenta, que papel ela, Belén, assume no momento em produz seu discurso. No terceiro parágrafo, temos esta clara apresentação:

Trecho 3

“Hemos de recordar también que **nos unen a vosotros, hijos de esta tierra chilena, conmigo, hija de la tierra española, vínculos de sangre; estrechos vínculos de raza**; más si esto no fuere suficiente, también el respeto que me merece la Historia de Chile”.

Nota-se que após apresentar-se rapidamente desde o primeiro parágrafo, Belén de Sárraga busca criar empatia com a assistência apresentando-se como uma igual, em cultura, pelo vínculo da língua e de objetivos: O vínculo cultural e da língua se dá em razão de o Chile ter sido colonizado pela Espanha até sua independência em 1818. Aqui é necessário antecipar um pouco o aspecto histórico, que será tratado adiante pois aparece em outros trechos de forma mais específica. Nota-se que quando Belén cita a Espanha ela não menciona o movimento de Independência chileno que não foi pacífico, mas atendo-se àquele momento histórico, quando os dois países já viviam em Paz.

Na página 8, novamente Belén se apresenta, mas desta vez não sob o aspecto pessoal, e sim sob o aspecto da imagem de Livre-Pensadora e defensora das mesmas ideias:

Trecho 4

“Y, después de esta manifestación, **no me presento, pues, a vosotros, como una extranjera que piede hospitalidad en suelo extraño; yo llego hasta vosotros como una hermana por la sangre y como una compañera por la causa**, que viene a visitar aquellos compañeros suyos que con ella concuerdan para realizar unidos una obra [...]”.

Ao utilizar as expressões “**no me presento como una extranjera [...] [mas] como una hermana por sangre y como una compañera por la causa**”, Belén faz uma oposição de ideias entre os termos “**extranjera**” e “**extraño**” com a finalidade de aprofundar a sua imagem de “**hermana**” e “**compañera**”.

Desta forma Belén busca estabelecer além do vínculo de ideias um vínculo pessoal, uma empatia ao apresentar-se como uma igual, não um ser superior, acima dos ouvintes, mas como uma pessoa igual a todos os demais que estão naquele local. Ao estabelecer este vínculo pessoal Belén faz outro movimento que é descrito por Larrosa (2018), que se identifica em seu discurso como expressão de amor, expressos quando ao buscar criar empatia com os que a assistiam, apresenta-se para além da identidade de ideias, mas como “**una compañera**” e “**una hermana por la sangre**”. Ao mencionar este sentimento e esta ligação afetiva, Belén expressa

a ligação que tinha com o Livre-Pensamento. Não era, como se percebe, apenas uma ligação intelectual, embora esta fosse profunda. Mas também uma ligação emocional, indicando “paixão”, o que inclusive explica a determinação em percorrer várias partes do mundo na divulgação de suas ideias, enfrentando oposição, difamações e, como se demonstrou, até atentados à sua pessoa. Neste mesmo trecho, outro aspecto apontado por Larrosa pode ser observado que é a responsabilidade. Ao ser reconhecida internacionalmente como representante do Livre-Pensamento, Belén trazia uma mensagem de libertação do jugo da Igreja, tida como opressora. Ao apresentar-se como “**una hemana**”, ela se coloca ao lado do povo chileno, ligada a eles “**por la sangre**”. Ela não estava ali apenas para proferir discursos, mas estar ao lado deles, em uma posição de igualdade, de corresponsabilidade pelas mudanças sociais propostas pelo movimento e pelas ideias que difundiam. Nas regiões mineiras que visitou suas mensagens eram de esperança, mas também de luta por direitos, que ela também entendia como justos. Encontra-se assim o sofrimento ou padecimento, nas palavras de Larrosa (2018), na disposição de visitar e de falar ao povo que a assistia, representados ali e já destacados no seguinte trecho de n.º 1, logo no início de sua conferência: “*sus clases populares, por esos brazos del trabajador, el agente activo y el agente poderoso de todos los pueblos*” [...].

Ao buscar estabelecer quem ela era, apresentando-se como uma pessoa igual e próxima nos aspectos destacados acima, Belén cria um vínculo com seus ouvintes, que podiam ver nela para além da mulher, um guia a ser seguido. A escolha das palavras, da ordem dos temas e outras características, que ainda serão apresentadas são passíveis de terem sido escolhidos em razão da empatia que ela buscava criar e que provavelmente sentia de retorno, quando era interrompida por aplausos. Sobre essa característica temos em Rechdan (2003, p. 2, parênteses no original) a seguinte explanação do conceito dialógico Bakhtiniano, que pode estabelecer-se entre os interlocutores: “O locutor enuncia em função da existência (real ou virtual) de um interlocutor, requerendo deste último uma atitude responsiva, com antecipação do que o outro vai dizer, isto é, experimentando ou projetando o lugar de seu ouvinte”. Assim a receptividade às suas ideias, naturalmente em função de falar para um público que lhe era receptiva, pois adeptos do Livre-Pensamento, influenciou na escolha das palavras, através da concretude que se estabeleceu com a presença física dos ouvintes e com a concretude do ato em si, ou seja de realizar a conferência, ideia esta embasada na afirmação de Volóchinov (2017):

Todo enunciado, por mais significativo e acabado que seja, é apenas um momento da comunicação discursiva ininterrupta (cotidiana, literária, científica, política). No entanto, essa comunicação discursiva ininterrupta é, por sua vez, apenas um momento da *constituição* de uma coletividade social. [...] *A comunicação discursiva nunca poderá ser compreendida nem*

explicada fora dessa ligação como situação concreta (VOLÓCHINOV, 2017, p. 219-220), parênteses e itálico no original).

Em outro trecho da conferência (p. 12) registra-se um fato que, como exposto anteriormente, ocorreu seis vezes durante a apresentação que foram os aplausos, indicados no texto coma expressão *Aplausos*. O seguinte recorte mostra quando Belén, após fazer a introdução do tema central da conferência que era a evolução do pensamento humano e o surgimento do sentimento religioso, chegando até o nascimento do cristianismo primitivo, afirma:

Trecho 5

“Por eso el **Dios creado por el cristianismo** no se parece al **Dios creado por los religiosos**. (*Aplausos*).

El Dios de Jesús, de los **cristianos**, no **castiga, perdona**; no es **Señor**, es el **Padre** [Pai]; no tiene la **venganza** en su mano, tiene la **palabra de amor**.

La sociologia presciente la igualdad; representa vivamente la igualdad del espíritu humano y en ella se congregan hombres de todas las razas y de todas as clases. Esse Dios en forma humana, no tiene altares, y por lo tanto, no paga altares. (*Aplausos*).”

Observa-se neste trecho, novamente a presença do amor indicado por Larrosa, e explicitamente pela própria palavra “**amor**”. Sobre este aspecto relevante é o fato de que o amor está presente, apesar da aridez do assunto. Belén estava alí para criticar uma importante instituição mundial, a Igreja Católica, indicando seus erros, criticando sua atuação ao longo da história, mas encontra espaço para falar do amor.

Nesses dois momentos em que houve *Aplausos*, que no exemplo acima ocorreram em curto espaço de tempo e que foram anotados pelos produtores do livro, correspondem também a um ato comunicativo entre Belén e seus interlocutores - no caso ouvintes - e ressaltam como a comunicação deve ser entendida de maneira mais ampla, para além das palavras. Aproveitando o registro desse fato que, como se disse ocorreu por 6 vezes ao longo da apresentação, traz-se do mesmo Volóchinov, como devem ser consideradas essas manifestações:

A comunicação verbal está diretamente relacionada às comunicações de outros tipos, por terem surgido no terreno comum da comunicação produtiva. Obviamente, não se pode separar a palavra dessa comunicação unificada em eterna formação. Nessa sua relação concreta com a situação, a comunicação é verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não discursivo (atos do trabalho, atos simbólicos de um rito ou de uma cerimônia e assim por diante) (VOLÓCHINOV, 2017, p. 220, parênteses no original).

Com estas indicações de autoria, e também de personalidade indicadas e que a presente pesquisa está apontando, não há o objetivo de propor a ideia de que Belén de Sárraga assumia propositalmente uma personagem fictícia ou irreal com o intuito de enganar os ouvintes. O que se pretende demonstrar é que, para além da personalidade que se apresenta, de carne e osso e que é por todos conhecida, com nome, nascimento, familiares, etc., existem fatores que condicionam outras características e que acabam por compor a personalidade da autora do discurso. Observa-se como o aspecto autoria reveste-se de características diversas, indo além das que cotidianamente são reconhecidas no dia a dia. No caso em questão, observa-se que Belén de Sárraga ao produzir sua conferência, era ao mesmo tempo reconhecidamente a autora daquelas palavras, mas também apresentava-se como igual, unida a todos que a ouviam, que todos estavam irmanados em ideais, que eram capazes de realizar a mesma obra e difundir as mesmas ideias, estabelecendo uma ligação dialógica com os presentes. Finalmente, no caso de autoria, há que registrar também que Belén de Sárraga era mulher, em uma época na qual a Sociedade de modo geral ainda via com desconfiança as mulheres que expunham de forma aberta suas ideias, que lideravam movimentos, e como em seu caso particular, havia dirigido um jornal, que viajava por diferentes regiões do globo expondo seus pensamentos, difundido uma ideologia de libertação.

O Livre-Pensamento, como exposto na seção 4.2.1, defendia a prevalência do conhecimento científico no exame das circunstâncias da vida, na investigação da Natureza e de todo o ambiente em torno do ser humano. Em virtude disso entrava em choque com o clero Católico, uma vez que este via na Ciência uma ameaça à filosofia religiosa e aos dogmas que embasavam sua doutrina. Para os adeptos do Livre-Pensamento a liberdade de investigação, era considerada essencial para que a sociedade se libertasse das opressões culturais, sociais e políticas. Desta forma a Ciência era vista como impulsionadora do progresso dos povos enquanto que seu combate, notadamente pelo Clero Católico era visto como contrário à seu desenvolvimento. Torna-se essencial, portanto, para a compreensão da mensagem de Belén de Sárraga e entendimento do contexto histórico, desde o surgimento do Livre-Pensamento e da ideologia anticlerical presentes, como resposta à tentativa, por parte da Igreja Católica, de manter os privilégios e sua aceitação como organização religiosa proeminente. Sem este entendimento a mensagem contida nas conferências de Belén torna-se extemporânea.

Nas páginas 8 e 9 Belén, após fazer uma introdução onde destaca os sentimentos que o ser humano acalenta desde a infância com o contato com a mãe, os primeiros amores, assim se expressa:

Trecho 6

“[...] aparte de ese **sentimiento poderoso, señores**, que existe en todos nosotros, absolutamente en todos, como afecto, como respeto y como recuerdo **sagrado** de nuestra infancia, existe entre los hombres de ideas **progresivas**, entre os corazones entregados a la **libertad**, entre las conciencias que ya vuelan por mundos superiores, entre los cérebros, **señores**, en que se agitan las **notabilísimas ideas de redención**, existe otra **Patria grande, inmensa**, que no tiene frontera, tan grande **señores**, tan **inmensa** y tan **infinita** como la **idea** que ella cobija. **Inmensa**, porque recoge a todas las **patrias**; **infinita** porque recoge todas las grandes ideas. En esa gran **Patria, señores**, en la **Patria del ideal**, en la **Patria** de los **grandes ideales** de **progreso** comulgamos todos nosotros, convivimos todos nosotros los de diversas razas, los diversos pueblos, los de diversos continentes; y en esa **Patria, señores**, que es la **Patria** de la **Ciencia**, que es la **Patria** del **Progreso**, que es la **Patria** de la **Justicia**, que es la **Patria del Pensamiento Libre** [...].”

Novamente nota-se a escolha de adjetivos expressando ideias de grandesa e força como: “**sentimiento poderoso**”, “**notabilísimas ideas de redención**”, “**inmensa**”, “**infinita**”, “**grandes ideales**”, referindo-se à “**Ciencia**”, ao “**Progreso**”, a “**Justicia**”, fazendo referência aos ideais defendidos pelo “**Pensamiento Libre**”, em forma de exaltação. Porém neste trecho há ainda outra característica que demonstra a intenção de Belén de unir as pessoas em torno de ideias que suplantassem as diferenças entre os países e culturas, através do Livre-Pensamento, que é o termo “**Patria**” utilizado por oito vezes, além de vir grafada com a primeira letra maiúscula, em oposição à “**patrias**”, aqui designando os países. Portanto, a pátria comum era superlativa para ela, até mais importante que a pátria no sentido comum. Para designar os conteúdos do Livre-Pensamento, Belén de Sárraga se utiliza de substantivos recorrentes àquele movimento como “**progreso**”, “**redención**” e “**libertad**”. Liberdade e progresso são dois aspectos que o Livre-Pensamento considerava de suma importância, pois a liberdade, e especialmente a de investigação da realidade, da natureza, do mundo ao seu redor, era considerada fator primordial para que houvesse progresso social. E da mesma forma a redenção significa a salvação, o resgate de uma situação de perigo, que naturalmente era representada pela opressão religiosa. Também no trecho analisado, encontra-se a busca por demonstrar que entre ela, Belén e seus ouvintes, havia uma ligação, que era representada pelo fato de pertencerem a um mesmo movimento de ideias e de aspirações por se concretizar, que era a sociedade laica, a sociedade do Livre-Pensamento. Novamente se encontra a responsabilidade representada pelo pertencimento a um mesmo movimento, a uma mesma aspiração.

Ainda na página 9 temos mais um trecho significativo em que a ideologia do Livre-Pensamento está presente:

Trecho 7

“Cuando vemos que los pueblos aspiran a una cantidad mayor de **libertad**, cuando vemos que los estados constituidos toman en cuenta la opinión pública, cuando llegamos a esta conclusión en política y en sociología, cuando vemos transformados los viejos moldes en que la Sociedad se formara, entonces **falta el hombre que piensa.**” Novamente o substantivo “**libertad**” e a expressão “**falta el hombre que piensa.**” em oposição à Sociedade que aspira a algo mais, ou seja, a falta de liberdade e o estado cuidando em demasia das pessoas é sinal da falta de pessoas que pensem. Belén indica que nas sociedades onde o pensamento não é livre, o estado molda a opinião pública, que expressa então a vontade de seus dirigentes e não a das pessoas que a constituem. E esta situação se daria pela falta de pessoas que pensam, faltam quem não se deixam levar apenas pelas opiniões dos dirigentes, mas que ao contrário, julgam por si mesmas e, assim ditam os caminhos que a sociedade deve trilhar:

Na página 12, o trecho a seguir também é exemplo de ideologia:

Trecho 8

“**La Libertad** no en vano es **el estado natural del hombre**; donde se observa una **opresión**, se encuentra una **perseverante rebeldia**; tapad sino la boca, el cráter de un volcán, y veréis la tierra abrirse en derredor por diferentes partes; así el hombre podrá humillarse, podrá seguir arrastrando la cadena, pero cuando menos se piensa la **Libertad** levanta bandera.” Novamente encontramos a ideia de a liberdade ser o estado natural e a opressão uma criação da Sociedade. E como das vezes anteriores, há a transmissão da ideia de que a luta é natural, pois a liberdade é natural e importante, o que é transmitido pela expressão, “**perseverante rebeldia**”. Há, claramente a busca de transmitir otimismo e de concitar a luta contra a opressão.

Nas páginas 13 e 14 encontramos a defesa da ciência e a lembrança de algumas pessoas que, estudando a Natureza e o espaço, chegaram a conclusões que abalavam os dogmas Católicos e assim foram presos e alguns até morreram, como é o caso do filósofo e astrônomo Giordano Bruno, queimado vivo em 1600. Neste caso especificamente, Belén se refere inclusive à estátua dele inaugurada em 1889 e que se situa em uma praça do Vaticano.

Trecho 9

“[...] Hubo un momento en que el **sacerdócio** declaro inútil la **Ciencia**. Dios lo habia hecho todo y el hombre no podia investigarlo.

Fué entonces cuando declaro que la tierra era un plano inclinado. Un dia es **Copérnico**, el que en sua **célebre teoria** y en su libro de “**La Revolución de los astros**” disse que la tierra es un simples planeta que gira al rededor del sol, entonces la maldición cae sobre su tumba.

Cierto dia es un monje [pequena imprecisão que não tira o mérito do trecho, pois Galileu tentou entrar para um monastério, mas seu pai o impediu], es **Galileo**, el que **recoje el anteojo** y mira el movimiento de la tierra, más tarde por su debilidad física, **abjura con las manos sobre el Evangelio**. Pero se conoce su célebre frase “sin embargo se mueve”. Después **Giordano Bruno**, **toma el anteojo**, descubre las constelaciones, contempla las bellezas siderales, etc., deja el anteojo, y cae esa religión anonadada por la falsedad. (*Aplausos*).

Pero si el **dogma religioso muere, surge otra religión: la de la eterna via del progreso y da la materia**. Nadie recuerda hoy los nombres de los que condenaron a **Copérnico, Galileo y Giordano Bruno**, pero el nombre de ellos está grabado en todos, y **la estatua del último se levanta en roma frente a la puerta del Vaticano con el emblema de la Ciencia.**”

No trecho destacado reconhece-se a exaltação da Ciência, representada inclusive por um instrumento, na época da conferência já ultrapassado, mas que simboliza o instrumento criado pelo ser humano para examinar a Natureza e o Cosmo em busca de respostas para as questões que o intrigam. Ao fazer referência ao “**anteojo**”, ou seja, à luneta que Galileu utilizava em suas observações astronômicas, Belén exalta a criação humana de instrumentos que fazem avançar o conhecimento científico. Diferentemente das deduções puramente imaginativas o uso de instrumentos é tomado por Belén como símbolo da investigação científica.

Aqui valemo-nos de uma comparação, com outra obra, de autoria de Dario Vellozo, célebre Livre-Pensador brasileiro, contemporâneo de Belén de Sárraga e que demonstra que, embora estivessem residindo em países diferentes e houvessem se encontrado, ao que se sabe, apenas uma vez na Argentina, no Congresso do Livre Pensamento de 1906 (RUDY, 2017, p. 292), eles escreviam sobre temas comuns e de forma semelhante. Em uma publicação sem data, mas que se situa bem no início do século XX, Dario Vellozo, escreveu “Derrocada Ultramontana” obra na qual faz crítica à história da Igreja Católica, demonstrando os erros daquela Instituição, ao longo dos séculos. Com base em diversos textos de outros autores, Dario Vellozo destaca as perseguições, lutas, incoerências com os ensinamentos de Jesus, realizados pelo Clero Católico, desde seu surgimento como religião organizada. Este percurso histórico, embora com algumas naturais diferenças, é bastante similar ao texto de Belén apresentado e analisado e que também faz este percurso histórico. Trazemos, de Dario Vellozo, as seguintes

linhas, como forma de demonstrar como Belén de Sárraga estava perfeitamente alinhada aos textos do Livre Pensamento, produzidos no Brasil:

Iluminados pelo sol de ouro da Renascença, monges distintos pelo saber, heroicos pelo espírito de sacrifício, dão aos coevos edificantes lições de amor á Verdade, á consciência livre, pondo acima do dogma esterilizante que estrangula e veda o progresso, a **Sciencia** redentora que emancipa e fórma caracteres. Apenas dois exemplos: Giordano Bruno e Rogerio Bacon... Este, alquimista, profundo conhecedor da Magia, um dos sábios de seu tempo, levado ao *Index*, encarcerado, acusado de pacto com o demônio; aquele, queimado vivo no campo de Flora, em Roma, por ter de Jesus de Nazareth, opinião contraria aos interesses do romanismo, se bem que mais acorde coma tradição cristã; por ter, principalmente, ousado architectar nova filosofia, nova sciencia do mundo... Hoje, o romanismo, - que se pretende fator da Sciencia, porque a sciencia é também uma religião, - reclama Bacon e coloca-o entre seus luminares, esquecido de que fez destruir algumas de suas obras... Amanhã canonizará Giordano Bruno, cuja estatua se ergue, serena e implacável, em face do Vaticano (VELLOZO, [191-?], 24-25, itálico no original e grafia da época).

Voltando ao trecho destacado das páginas 13 e 14, no primeiro parágrafo encontra-se a palavra **sacerdocio** como sinônimo de funções eclesiásticas, clara referência à Igreja Católica, e a afirmação de que “ele” – sacerdócio - declarou inútil a Ciência. Na frase seguinte Belén busca contrapor a oposição da Igreja às ideias do matemático e astrônomo **Nicolau Copérnico** de que a Terra não era o centro do sistema solar e de que era ela que girava em torno do sol. Novamente há que se destacar que a escolha destes nomes não é aleatória, pois Copérnico era membro da Igreja. Embora Copérnico não tenha sofrido perseguições, suas ideias foram as bases das de Galileu e este sim combatido pela Igreja. Para exaltar o trabalho daquele astrônomo, outra vez a linguagem empregada é a de exaltação com adjetivos, como na expressão “**célebre teoria** y en su libro [...]”

Em seguida, mantendo uma ordem cronológica dos acontecimentos, Belén cita Galileu e reforça a ideia de oposição da Igreja às descobertas daquele astrônomo com o uso de uma imagem forte e novamente usa a oposição de ideias entre debilidade e imposição: **más tarde por su debilidad física, abjura con las manos sobre el Evangelio**. Recorrendo à imagem da Bíblia, sobre a qual Galileu pôs suas mãos, há o reforço da imposição do juramento e da demonstração de força da Igreja, mas também recorrendo à atitude atribuída ao próprio astrônomo, cita sua famosa frase como um fator de resistência “**sin embargo se mueve**”. É conhecida esta passagem quando Galileu ao sair da presença dos inquisidores pronunciou a frase acima, em atitude de liberdade de consciência, pois apesar da imposição de abjurar suas

próprias ideias, mesmo com toda a encenação de que havia acabado de participar, era a Terra que se movia, independentemente daquela imposição.

No parágrafo seguinte Belén prossegue com a oposição de ideias, sempre negativas para a Igreja e positivas para a Ciência, denotadas pelas expressões: “**dogma religioso muere**”, “**surge otra religión: la de la vida del progreso y de la materia.**” Nota-se uma perfeita coincidência de ideias entre Belén e Dario Vellozo, quando ela afirma que ao morrer o dogma outra religião surge, representada pelo progresso e pela matéria – o saber científico analisando a Natureza, aqui representada pela matéria. Da mesma maneira, no trecho de Vellozo encontramos a mesma ideia, quando este afirma: “[...] **porque a ciencia también é uma religião** [...]”. Neste trecho Belén cita literalmente o dogma da Igreja, que neste caso não é nenhum específico, mas está representando todos, já que nenhum foi destacado. Mais uma vez, há a oposição entre dogma e progresso; esta oposição realça o dogma como entrave ao desenvolvimento, porquanto o conhecimento científico colocava em xeque muito da filosofia e das crenças religiosas, baseadas na Bíblia. O conhecimento científico já provava que muitas informações contidas na Bíblia deveriam ser aceitas como símbolo e não literalmente, como no caso da criação do mundo, onde o estudos dos fósseis demonstrava a evolução das espécies, corroborando a teoria de Darwin. Neste ponto nos lembramos da defesa – já citada neste trabalho – que Belén fez de seu professor Odón de Buen. A introdução de uma palavra que até então não aparecia, “matéria” parece ter a intenção de reforçar a ideia de contraposição ao metafísico.

Retornando ao trecho 5, destaca-se outro conjunto de palavras que expressam oposição de ideias, expondo o embate Livre-Pensamento X Clericalismo: [...] “**Dios creado por el cristianismo**” e “**Dios creado por los religiosos.**” E em seguida Belén explica e reforça as diferenças: “**El Dios de Jesús, de los cristianos, no castiga, perdona**”: **no es Señor, es el Padre**” [Pai]: Aqui Belén faz uma clara oposição entre a figura do Senhor e a do pai, um tirânico e outro amoroso; ela apresenta a oposição “castigo”, “perdão”; o castigo advindo de quem deveria perdoar. Em seguida encontra-se outras duas expressões representando oposição de ideias: **venganza** [vingança] e **palabra de amor**. A ideia exposta é a de que Deus não deveria ser vingativo e sim amoroso como um Pai. A ideologia como postura, está presente no início de sua apresentação, ainda no primeiro parágrafo, quando Belén se dirigiu aos assistentes, saudando-os e em determinado trecho assim se expressou: “debo dirigir mis primeras palabras con un saludo, el más ferviente y el más sincero hacia el pueblo de Chile, representado aqui en todas sus clases [...] **con sus clases populares, por esos brazos del trabajador, el agente activo y el agente poderoso de todos los pueblos**”. Assim ela falava também ao trabalhador

para que este lutasse por seus direitos, também eles tinham direito à liberdade que, neste caso significava mais ainda que a liberdade intelectual, mas a de ter uma vida mais digna, o que também é fator de liberdade. Deve-se lembrar que Belén foi convidada, em sua visita ao Chile, a visitar as minas de salitre, especialmente da região de Iquique, onde se realizava naquele época uma greve de operários, cujo movimento ocorria em busca de melhores condições de trabalho (GUTIÉRREZ, 2018. p. 221).

No caso em questão, a ideologia anticlerical era tida, pelos integrantes do Livre-Pensamento, como um fator de união, que alterava e dava outra dimensão à questão do combate ao Clero Católico. Mas também cumpria sua função de nutrir-se novas ideias, pois os integrantes daquele movimento atualizavam-se através de congressos, reuniões e como se demonstrou, das palestras intensamente realizadas, promovendo o que Volóchinov chamou de ideologia do cotidiano. Era no contato dos pensadores e conferencistas do Livre-Pensamento com a realidade, com o dia a dia e com as pessoas, que o movimento se nutria de novas ideias e de novas forças, que se atualizava com os acontecimentos recentes e assim continuava a fazer sentido para os integrantes do movimento. Assim pode-se dizer, como bem enunciou Volóchinov (2017), que Belén de Sárraga fazia esses dois movimentos ao entrar em contato com as pessoas que a ouviam, mas ao mesmo tempo influenciava as “camadas superiores e mais acabadas da ideologia do cotidiano” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 215-216).

A ideologia que embasava o Livre-Pensamento era o desenvolvimento da Sociedade representado pelo progresso social e econômico, com a liberdade de escolha política, religiosa e social. Estes objetivos teriam como base a liberdade e o conhecimento científico, entendendo-se que a ignorância permitia a opressão mesmo que esta se manifestasse de forma sutil. Naquele momento histórico, ainda na esteira dos embates ideológicos que se precipitaram após a Revolução Francesa, o anticlericalismo era a principal ideologia manifestada no Livre-Pensamento (DI STEFANO; ZANCA, 2013, p. 12), o que leva a reconhecer que o estudo dos discursos produzidos por Belén de Sárraga devem ser situados dentro deste contexto histórico-ideológico. É desta relação entre história e ideologia e entre as diferentes camadas sociais e ideológicas, além da percepção de que as mudanças políticas pelas quais passava o Brasil, que se vai entender a alteração nos temas abordados por Belén ao longo do tempo, por exemplo quando ela retorna ao Brasil em 1931 (LOTÚMOLO JUNIOR, 2018, p. 51 e 54). Como exemplo desta relação pode-se citar as mudanças ocorridas na forma de atuar do Clero Católico, já detalhado em seção anterior, quando este buscou aproximar-se do governo de Getúlio Vargas, como forma de reaver sua antiga posição de proeminência política e social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da conferência “Trayectorias Humanas” proferida por Belén de Sárraga em 1913, em Santiago capital do Chile, demonstrou como um discurso pode conter diversos elementos que, a partir de uma correta abordagem, podem ser evidenciados e estudados. A Análise de Discurso demonstrou ser uma abordagem eficiente, pois capaz de permitir o estudo e a identificação dos diversos aspectos escolhidos, atendendo ao determinado no projeto e que seus objetivos fossem alcançados.

Certamente os trechos destacados da conferência de Belén de Sárraga contém outros vieses que, a partir de outras questões propostas, levariam à resultados possivelmente diversos; da mesma maneira a pesquisa, tomando-se por base outros aspectos que não a autoria, a história e a ideologia também faria outro percurso, mobilizaria outros recursos e outros recortes. Outros teóricos apontariam talvez outros caminhos e indicariam outros pontos de observação e abordagem. Resulta daí também que o mesmo analista poderia, ao propor outras questões, sobre o mesmo discurso chegar a outros resultados; e naturalmente outro analista poderia chegar a resultados diversos também, pois a postura pessoal é componente preponderante na Análise de Discurso. Para estas afirmações nos lastreamos no que assegurou Orlandi (2020, p. 25): “Uma análise não é igual à outra porque mobiliza conceitos diferentes e isso tem resultados cruciais na descrição dos materiais. Um mesmo analista, aliás, formulando uma questão diferente, também poderia mobilizar conceitos diversos, fazendo distintos recortes”. O que se quer dizer, enfim é que os resultados alcançados não são absolutamente definitivos ou únicos; não estão totalmente errados ou corretos, mas compõe o resultado atingido segundo o planejamento inicial e satisfazem às questões formuladas no princípio, pois são elas que mobilizaram todo o conjunto da análise.

Como bem caracterizou Orlandi (2020, p. 25), cada *corpus*, cuja escolha é de responsabilidade do analista, propicia questões e abordagens diversas, por isso mesmo a própria conferência “Trayectorias Humanas”, analisada por outro analista e com outra questão formulada permitiria outros recortes e seguramente outros resultados, todos coerentes, todos corretos, mesmo diversos. Daí resulta que a análise apresentada não esgota as possibilidades e, muito ao contrário, abre espaço e novas perspectivas de investigação, pois o material utilizado e disponível, se não é muito vasto, certamente é muito rico em conteúdo como também pouco conhecido e estudado.

Ao trazer para o Campo Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), essencialmente interdisciplinar, a análise sobre uma conferência ocorrida há mais de cem anos, em meio a um

contexto que nos dias atuais é muito diferente, pretendeu-se mostrar como é possível encontrar significados que impressionam hoje, como antigamente o fizeram em um mesmo discurso, em uma mesma expressão verbal. O Campo CTS demonstra que sua abrangência pode ainda ser mais expandida do que se compreende normalmente e abre novas possibilidades, não apenas em termos teóricos, mas também nos temporais e nos temáticos.

Em relação aos objetivos específicos iniciais traçados, o presente relatório deixa evidente que, no tocante à recuperação e à divulgação das conferências de Belén de Sárraga e a análise de uma delas, este item foi atingido, permitindo inclusive se constitua para outros pesquisadores como fonte de informação e estímulo. A referência, constante da parte final deste trabalho, do livro “Conferencias”, recuperado na Biblioteca Nacional do Chile, é um importante veículo de conhecimento das ideias daquela conferencista.

No que tange abordagem da conferência, sob as bases teóricas da Análise de Discurso, os resultados estão dentro do esperado, ao demonstrarem que realmente Belén de Sárraga utilizava com maestria a oratória e as palavras como forma de divulgar um conjunto de ideias que guardavam identidade com o Livre-Pensamento.

Em relação ao terceiro objetivo, que era o de compreender o legado de Belén de Sárraga com a fundação da “União dos Livres Pensadores”, entende-se que também foi atingido como objetivo, pois a constituição de uma célula de divulgação do ideário que defendia era importante para aquele movimento, porém a relativa falta de maiores informações sobre aquela organização, como duração, possíveis desdobramentos sociais e políticos, e mesmo na difusão de ideias, ainda se constitui em campo parcialmente aberto de pesquisa. Entende-se que as contribuições que se somarão a este relatório, advindos dos professores examinadores contribuirão de forma decisiva para este trabalho possa ser considerado satisfatório e possa assim contribuir para preencher lacunas de conhecimento.

Nos discursos de Belén de Sárraga buscou-se identificar três aspectos: a autoria, a história e a ideologia, como também a relação dialógica entre autor e ouvintes/leitores inseridos em um movimento conhecido como Livre-Pensamento, mas também, subsidiariamente demonstrou como pode nos afetar e significar hoje. Esta pesquisa demonstrou que a Análise de Discurso, com sua metodologia e suas abordagens é propícia à compreensão das mensagens contidas nos discursos, para além da interpretação do texto e que permitem identificar, como no caso desta pesquisa, a autoria para além da pessoa; a história para além de uma sequência de fatos; a ideologia para além de um conjunto de ideias. Sobre a autoria, Belén de Sárraga não estava só quando proferia suas conferências, representava isto sim, além de sua própria pessoa, as vozes de outros pensadores que se uniram em torno do Livre-Pensamento, expressando pela

paráfrase, todo um movimento com suas posturas anticlericais e de liberdade de pensamento coma valorização do conhecimento científico, expressos em consonância com aquele movimento.

Ainda quanto à autoria, encontrou-se a polissemia quando Belén de Sárraga afirmou que homens e mulheres nascem iguais e têm direito à felicidade, demonstrando a presença da autora mulher. Como exposto no transcorrer da pesquisa, as lutas feministas estavam associadas ao Livre-Pensamento, mas era predominante nas mulheres daquele movimento e não nos homens, então a autora representou também o gênero feminino. Mas esta postura expressa também as dificuldades vividas por ela, ainda jovem, quando foi, juntamente com seu irmão, morar com a avó, após a morte de sua mãe, e a análise foi capaz de identificar esta presença que, de outro modo poderia ter passado despercebida apenas com a interpretação do texto.

A história e a ideologia também são marcas presentes em suas conferências. A ideologia está expressa na postura anticlerical que visava o combate à influência social e política da Igreja Católica, com a constituição de estados laicos; na valorização do conhecimento científico, na valorização da mulher, na igualdade de condições entre gêneros. Nascida em meio à efervescente disputa de forças entre os defensores de um estado laico por um lado e por outro os defensores da manutenção Igreja Católica como instituição supranacional com influência social e política, Belén de Sárraga cedo aderiu à liberdade de pensamento, ou seja, de manifestação de posturas pessoais nos âmbitos social, religioso e científico. A história e o conhecimento científico confluem e transparecem em sua conferência, demonstrados na descrição da trajetória do ser humano sobre a Terra desde a pré-história, na descrição do percurso histórico da Igreja Católica, onde ela aponta os erros, intolerâncias e perseguições promovidos pelo Clero.

Como foi demonstrado, história e ideologia embasaram a apresentação dos argumentos utilizados pela conferencista, ao traçar o percurso histórico da opressão sobre as pessoas que buscavam na Ciência as respostas para a compreensão da Natureza, e que foram representadas pelos cientistas perseguidos pela Igreja. Os detalhes históricos de suas conferências, demonstraram sua erudição, como por exemplo, no caso do “anteojo” utilizado por Galileo. Novamente encontrou-se aí as marcas pessoais, pois desde cedo Belén defendeu o conhecimento científico e a possibilidade de divulgá-lo livremente, como quando defendeu seu professor, Odón de Buen. A ideologia anticlerical que, no caso de Belén e do Livre-Pensamento, eram um amalgama que unia diferentes tendências, também estava bem caracterizada, sendo possível identificar os termos utilizados para reforço da ideia de liberdade de pensar e de abandono das ideias dogmáticas, identificadas como opressoras. Ainda a presença da ideologia

se fez sentir na reafirmação do Livre-Pensamento como caminho de superação e enfrentamento dos entraves ao progresso da sociedade.

Outra contribuição que se espera tenha atingido seu intento foi o de apresentar de forma mais aprofundada o movimento conhecido como Livre-Pensamento e sua influência no Brasil bem como na cidade de São Carlos, onde ainda carecem de pesquisas. Como movimento aglutinador de ideias de liberdade e composto por pessoas de diversas origens sociais, atuações políticas e presente em diversos países do mundo. Esse movimento influenciou grande parcela da sociedade da época.

Com o percurso histórico, mesmo que resumido, das reflexões sobre liberdade e para que sua compreensão engendradas por diversos pensadores, seus possíveis significados para diversas culturas e épocas, e como direito essencial do ser humano, estabelecendo-se em diferentes culturas e sob diferentes circunstâncias, ficou demonstrado como uma expressão, aparentemente banal pode gerar diferentes entendimentos, com diversas consequências quando se pretende que seja um valor universal, no sentido que valha da mesma maneira para todos os integrantes das diferentes sociedades. Pode-se perceber e, mais que isso, entender como a busca pela liberdade de pensar e seu ensino, puderam fazer tremer os detentores do poder impondo a morte a Sócrates e a perseguição a Platão, que se auto exilou. Mais, como a busca pela liberdade econômica e política pôde afrontar o poder absolutista e gerar um marco como a Magna Carta e depois inspirar as ideias liberais do Iluminismo. Este conjunto “inovador” de ideias liberais inspirou a liberdade em um povo que acabou por se declarar livre e criar a mais longa e estável Democracia do planeta – apesar de todos os problemas que ainda assistimos. Tempos depois, a liberdade é inscrita em outro documento, agora muito mais abrangente e que em seu título considera o ser humano em dois aspectos fundamentais, como cidadão e como indivíduo, e temos a “Declaração dos Direitos do Homem”. Desde o início do século passado, outros filósofos e pensadores se detiveram sobre a questão da liberdade na esfera política e econômica, como Isaiah Berlin e Oppenheim. Representando a visão feminina, Hannah Arendt, que viveu os horrores da 2.^a Guerra Mundial, contribuiu de maneira preponderante para que a liberdade fosse pensada e repensada, inclusive demonstrando que o sistema Republicano não é, necessariamente um sistema que privilegie a liberdade do cidadão. Fiel à sua concepção de pensar livremente, Marcuse, que tanto contribuiu para as reflexões do campo CTS, foi capaz de refletir sobre ambos os lados da esfera política econômica que prevaleciam e foi crítico tanto do Capitalismo quanto do Socialismo. Ao final, foram trazidas duas reflexões mais recentes e em campos opostos, não no valor da liberdade, mas em sua aplicação. A primeira de Bauman, que forjou a expressão “líquida” para se referir a uma sociedade mais livre de padrões que

caracteriza a sociedade a nível global e na qual estamos todos imersos. De outro lado, em um trabalho instigante do Prof. Amaral, o percurso histórico da privação de liberdade com diversas conotações, demonstrou que estas ações tinham o mesmo objetivo, o de sufocar, de privar de ação, em última análise, de privar de manifestação, talvez até de vida, aquela pessoa que não age como a sociedade acordou.

Estas reflexões podem nos inspirar a olhar em nosso em torno e para dentro de nós mesmos e nos perguntarmos: o que é liberdade? sou livre? o que é ser livre? E a ideia de que a Liberdade, mais que uma aspiração, mais que um valor à ser buscado, que apesar de ser um bem imaterial, efetivamente se materialize no dia a dia das pessoas, que se materialize e se torne palpável e concreto na vida dos seres humanos.

A riqueza que permeia a vida e a obra de Belén de Sárraga tornam-na um campo quase inesgotável de pesquisas e questionamentos. A exemplo desta complexidade e riqueza e com a finalidade de instigar outros futuros estudos e pesquisadores, pode-se perguntar: Que influências deixou Belén de Sárraga na Maçonaria, organização preponderantemente masculina? Em relação ao Livre-Pensamento, quem eram os homens que faziam parte deste movimento e a que classe pertenciam? Quais suas influências na sociedade? Qual o papel de Belén de Sárraga como mulher ao influenciar outras mulheres de seu tempo? Quais foram seus contatos, especialmente do gênero feminino, em seu percurso de vida. Em relação às mulheres de seu tempo, e nos países pelos quais passou e se estabeleceu, como no caso do Uruguay, da Argentina e do México, quais ela influenciou, conheceu ou se inspirou? Qual a influência de Belén de Sárraga, especialmente no Brasil, e quais contatos estabeleceu em nosso país, para a difusão do feminismo? Como mulher, estaria ela sozinha no Livre-Pensamento, ou existiram outras mulheres que se destacaram? São questionamentos que se estendem para além dos limites deste trabalho, mas que permeiam estas linhas e estão ainda a requerem investigação.

Sobre a questão da pertinência de se estudar no Campo CTS um discurso produzido há mais de cem anos, e já discutida e defendida na seção 2 ainda vale deixar as palavras de Bakhtin (2016, p. 79, destaques no original) e que se encaixam perfeitamente na presente situação:

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Mesmo os sentidos *do passado*, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, jamais podem ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre hão de mudar (renovando-se) no processo do futuro desenvolvimento do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, tais

sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em um novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do *grande tempo*.

Também recorreremos a outro teórico da linguagem e filósofo, Michel Foucault, de cujas ideias nos utilizamos sobejamente para este trabalho, para lembrar do final de seu célebre discurso proferido em 1970, quando assumiu a cátedra no “Collège de France”. Naquela oportunidade Foucault disse que, de certa forma, se sentia assumindo um pouco a identidade do professor Jean Hyppolite, que ele iria substituir e cuja presença ele parecia sentir. Deixamos transpor aquela imagem, a imagem daquela transposição de identidades; daquele movimento de identidade, de autoria, de posição, para este modesto trabalho – se comparado ao do filósofo francês -, e ousar pensar em movimento semelhante e nos colocarmos no lugar de Belén de Sárraga e, também nos inspirarmos por sua convicção e adaptando sua arguta visão de mundo aos dias de hoje.

E chegados a este ponto da pesquisa, podemos nos perguntar: Quais estruturas de poder Belén de Sárraga iria criticar? Quais instituições, organizações, ou pessoas ela entenderia que se estabelecem, hoje como força opressora? Quem o que ela entenderia que devesse ser combatido; Teriam as sociedades dos países visitados por ela conseguido superar as questões por ela apontadas? O livre pensamento teria se estabelecido e ajudado a criar uma sociedade mais justa? E seria esta condição suficiente para garantir a evolução social, política e econômica? Se identificamos que vozes falavam por Belén de Sárraga, também podemos perguntar: que vozes falam por nós? Quem nós representamos quando nos expressamos? Em realidade, quem somos?

As ideias de Belén de Sárraga podem nos iluminar os caminhos hoje, e ajudar-nos a nos libertar de outros jugos, de outras opressões. Suas ideias e visão de mundo, mas principalmente sua noção de ser humano consciente, podem ser ferramentas úteis para a compreensão do mundo atual.

REFERÊNCIAS

ACERVO ESTADÃO – O ESTADO DE SÃO PAULO. [s. d.]. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em: 22 jan. 2020

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. Identidades em territórios de fronteira: Os casos de Ceuta e Gibraltar na fronteira entre a África e a Europa. **Civitas**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 285-302, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/29532/17082>. Acesso em: 22/02/2021.

ALMEIDA MARQUES, José Oscar de. Forçar-nos a ser livres? O paradoxo da liberdade no Contrato Social de Jean-Jacques Rousseau. **Cadernos e Ética e Filosofia Política**, v.1, n. 16, p. 99-114, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/82596>. Acesso em: 8 abr. 2020.

AMARAL, Cláudio do Prado. **A História da pena de prisão**. Jundiaí – SP: Paco, 2016.

ANDERSON, James. **Constituições do Franco-Maçons ou Constituições de Anderson de 1723**. Tradução de João Nery Guimarães. São Paulo – SP: A Fraternidade, 1982.

ARENDT, Hannah. **Liberdade para ser livre**. Apresentação e tradução de Pedro Duarte. Rio de Janeiro - RJ: Bazar do Tempo, 2018.

ASLAN, Nicola. **Landmarques e outros problemas maçônicos**. Rio de Janeiro - RJ: Aurora, [197-?].

AUTOR. In: LELLO UNIVERSAL. Porto-Portugal: Lello & Irmão, [195-?]. v. 1. p. 259.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro – RJ: Zahar, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. **Os Gêneros do discurso**. São Paulo – SP, 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. São Paulo – SP: 34, 2017.

BAYET, Albert. **História do livre-pensamento**. Lisboa: Arcádia, 1971.

BAZZO, W.A.; PEREIRA, L.T.V.; LINSINGEN, I. von. (Org.). et al. **Introdução aos estudos CTS**. Organização dos Estados Iberoamericanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI): [S. L.], 2003.

CAMARGO, Sebastião. (Org.). **Almanach de São Carlos**. São Carlos: Joaquim Augusto, 1915.

CAMARGO. Theodorico Leite de Almeida. Breve notícia histórica e geographica sobre a cidade e município de São Carlos. In: CAMARGO, S. (Org.). **Almanach de S. Carlos**. São Carlos: Joaquim Augusto, 1915.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venancio Majer. 5 ed. São Paulo-SP: Paz e Terra, 1999.

CATROGA, Fernando. Anticlericalismo y librepensamiento em el Portugal decimonónico. In: DI STEFANO, R.; ZANCA, J. (Org.). **Pasiones anticlericales**. Un recorrido iberoamericano. Buenos Aires: Universidad Nacional de Qilmes, 2013.

CRIVELATO, Dandara L. Amaral; TREVISAN, Thiago Valentin; AMARAL, Sérgio Tibiriçá. O legado jurídico da Magna Carta de 1215. In. ENCONTRO DE INICIAÇÃO CENTÍFICA, 2006. **Anais**. Disponível em: <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/1251>
Acesso em: 8 abr. 2020. Presidente Prudente – SP, v. 2, n. 2, 2006.

DECLARAÇÃO DE INDEPENDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA
Disponível em: <http://www.uel.br/pessoal/jneto/graua/historia/recdida/declaraindepeEUAHISJNeto.pdf>
Acesso em: 16 abr. 2020.

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM E DO CIDADÃO. Disponível em: <https://br.ambafrance.org/A-Declaracao-dos-Direitos-do-Homem-e-do-Cidadao>
Acesso em: 9 abr. 2020.

DI STEFANO, Roberto; ZANCA, José. Introducción. In: DI STEFANO, R.; ZANCA, J. (Org.). **Pasiones anticlericales**: Un recorrido iberoamericano. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2013.

ESTEVES, João. [1143]. BELÉN DE SÁRRAGA [I] 07/06/1906. In: **BlogSilêncios e Memórias**: 07/06/1906. Disponível em: <http://silenciosememorias.blogspot.com/2015/11/1143-belen-sarraga-i.html>
Acesso em: 12 fev. 2020.

EVERARDO DIAS. In: **Wikipédia**: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Everardo_Dias
Acesso em: 20 nov. 2019.

FERNANDES ACEVES, M. T. **Belén Sárraga Hernández y las mujeres españolas exiladas en México, 1939-1950**. Anuário do Instituto de Estudos Históricos e Sociais, IEHS. n. 8, 2013, 177-206. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/295920105_-Belen_Sarraga_Hernandez_y_las_mujeres_espanolas_exiliadas_en_Mexico_1939-1950.
Acesso em: 6 mar. 2020

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 6.ed. São Paulo – SP: Ática, 1998.

FIORIN, José Luiz. **As Astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo – SP: Ática, 2002.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 15. ed. São Paulo – SP: Contexto, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo- SP: Edições Loyola, 2014.

GREGOLIM, Maria do Rosário Valencise. Análise do Discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, Alves; CABRAL DOS SANTOS, João Bosco (Org.). **Teorias linguísticas: problemáticas contemporâneas**. Uberlândia- MG, EDUFU, 2003.

GUTIÉRREZ, Ana. Maria. Carrasco. **Hacia un nuevo significado de la política: los movimientos de mujeres en el extremo norte de Chile (1910-1973)**. Chile: Universidad de Taparacá, 2018.

IDEOLOGIA. In: DICIONÁRIO DE POLÍTICA. BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. 5 ed. Brasília-DF: Universidade de Brasília, 2000. v. 1, p. 585.

JAVIER CAMPOS, Mauricio. **Belén de Sárraga: Vida y revolución feminista**. 201[?]. Disponível em: <https://es.paperblog.com/belen-de-sarraga-vida-y-revolucion-feminista-555546/>
Acesso em: 7 set. 2020.

HISTÓRIA. In: ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo-SP: 1987. v. 11. p. 5759.

HOTTINGER-CRAIG, Sylvia. Un contexto para una masona, librepensadora, feminista y republicana: Belén de Sárraga (1872-1950). **REHMLAC+. Revista de estudios historicos de la masonería latinoamericana e caribeña**. v.5, n.1, maio-nov. 2013. Disponível em: <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/rehmlac/article/view/10358>
Acesso em: 12 maio 2020.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2018.

LAURO NINA SODRÉ. Disponível em: <http://www.masonic.com.br/rito/sodre.htm>
Acesso em: 17 abr. 2020

LEITE, Carlos Henrique Ferreira. Teoria, Metodologia e Possibilidades: os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica. **Escritas**. v.7, n. 1, 2015. p. 3-17. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/1629/8314>
Acesso em: 8 jan. 2021.

LIBERDADE. In: DICIONÁRIO DE POLÍTICA. BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. 5 ed. Brasília-DF: Universidade de Brasília, 2000. v. 2, p. 686.

LIBERDADE. In: ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo-SP: 1987. v. 13. p. 6771.

LIBERDADE. In: LELLO UNIVERSAL. Porto-Portugal: Lello & Irmão, [195-?]. v. 3. p. 60.

LIRA da SILVA, Thaysa Danyella; SILVA, Edcleide Maria da. Mas o que é mesmo *Corpus*? In: Encontro da ENPAD, 37, 2013, Rio de Janeiro – RJ, **Anais**, Rio de Janeiro – RJ, 2013. p. 1-15. Disponível em: http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013_EnANPAD_EPQ1021.pdf Acesso em: 16 fev. 2020.

LLOSA, Maria. Vargas. **O chamado da tribo**. Tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

LOTÚMOLO JUNIOR, José; TOLENTINO, Mário. **O Centenário de um ideal**: A história da Loja Maçônica “Eterno Segredo”. Piracicaba – SP:CN, 2000. 459 p.

LOTÚMOLO JUNIOR, José. **Explorando a enigmática passagem de Belén de Sárraga por São Carlos e a fundação da “União dos Livres-Pensadores”, em 1911**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, 2018.

LOTÚMOLO JUNIOR, José. A narrativa de Belén de Sárraga: livre-pensamento e experiências de vida. In: ZUIN, Luís Fernando Soares (Org.). **A linguagem como atividade constitutiva nos processos de ensino-aprendizado nas organizações**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com/2020/04/30/a-linguagem-como-atividade-constitutiva-nos-processos-de-ensino-aprendizado-nas-organizacoes/>. Acesso em: 13 maio 2020.

MACHADO DE OLIVEIRA, Anderson. José; RODRIGUES, Cláudia. El anticlericalismo en el Brasil. In: DI STEFANO, Roberto; ZANCA, José. (Org.). **Pasiones anticlericales: Un recorrido iberoamericano**. Buenos Aires: Univerdidad Nacional de Quilmes, 2013.

MAGANA CARTA. Disponível em: http://www4.policiamilitar.sp.gov.br/unidades/dpcdh/Normas_Direitos_Humanos/MAGNA_CARTA. Acesso em: 22 abr. 2020.

MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro – RJ: Jorge Zahar, 2000.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional**. Tradução de Giasone Reduá. Rio de Janeiro – RJ: Zahar, 1973.

MAZZOLA, Renan Belmonte. Análise do discurso: um campo de reformulação. In: MILANEZ, Nilton; JESUS SANTOS, Janaina de. (Org.). **Análise do Discurso: sujeitos, lugares e olhares**. São Carlos: Claraluz, 2009.

MORAES, João Batista Ernesto; LIMA, Larissa Mello; CAPRIOLI, Mariana Silva. Análise do discurso e ciência da informação: aportes teóricos para organização e representação da Informação. // **Scire**. 22:2 (jul.-dic. 2016) 75-85. Disponível em: <https://ojs.ibersid.eu/index.php/scire/article/view/4233>. Acesso em: 19 mar. 2020.

NARZETTI, Claudiana Nair Pothin. A Apropriação da teoria da Bakhtin na AD francesa. **Anais do Seta**. Seminário de estudos da linguagem, Insituto de Estudos da Linguagem, Unicamp,

Campinas, v. 3, 2009. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/531>. Acesso em: 4 jan. 2021.

NERY, L. W. **Liberdade democrática versus liberdade filosófica: um estudo dos usos do conceito de eleuthería na República de Platão**. 2016. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-25102016-120807/pt-br.php>. Acesso em: 22 abr. 2020.

NUNES COSTA, Marcos Roberto. Santo Agostinho e o surgimento do individualismo na cultura ocidental. **Cadernos do CTCH**. Centro de Teologia e Ciências Humanas. Universidade Católica de Pernambuco, Rio de Janeiro, p.71-91. Disponível em: <http://pablo.deassis.net.br/wp-content/uploads/Santo-Agostinho-Individualismo.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2020.

ODÓN DE BUEN. In: **Wikipédia**: a enciclopédia livre. Disponível em: https://es.wikipedia.org/wiki/Odón_de_Buen. Acesso em: 3 mar. 2020

ORLANDI, Luiz Benedicto Lacerda. Do enunciado em Foucault à teoria da multiplicidade em Deleuze. In: **Foucault Vivo**. Troca, Italo A. (Org.). Campinas – SP: Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni. Puccinelli. **Análise de Discurso**: Princípios & procedimentos. Campinas – SP: 2020.

PAULON, Andréa; NASCIMENTO, Jarbas Vargas; LARUCCIA, Mauro Maia. Análise do discurso: fundamentos teórico-metodológicos. **Diálogos Interdisciplinares**. v. 3, n. 1, 2014.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. Assim como não era no princípio: religião e ruptura na obra de Procópio Camargo. **Novos Estudos Cebrap**, n. 17, p. 29-35, 1987.

PISANI, Marília Mello. Algumas considerações sobre ciência e política no pensamento de Marcuse. **Scientiæ Studia**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 135-58, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ss/v7n1/v7n1a07.pdf>. Acesso em: 6 jul. 2020

PISIER-KOUCHNER, Évelyne. O Estado-Cientista. In: **História das ideias políticas**. CHÂTELET, F.; DUHAMEL, O.; PISIER-KOUCHNER, É. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Jorge Zahar, 1985.

PLATÃO. **Diálogos III. A República**. Tradução de Leonel Vallandro. Rio de Janeiro – RJ: Ediouro, [199-?].

PONTES, Hugo. **A Loja Maçônica “Estrela Caldense e sua história – 1895 – 1995**. Poços de Caldas: Gráfica Universal, 1995. Disponível em: http://www.poemavisual.com.br/downloads/livros/A_LOJA_MACONICA_ESTRELA_CALDENSE.pdf. Acesso em: 21 maio 2018.

PUERTO REAL. CONFEDERACIÓN NACIONAL DEL TRABAJO. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160306040720/http://puertoreal.cnt.es/bibliografias->

anarquistas/3755-belen-de-sarraga-maestra-medica-periodista-y-propagandista-anarquista.html. [201-?] Acesso em: 15 jan. 2020.

RAMOS PALOMO, Maria Dolores. Belén de Sárraga: una “obrero” del laicismo, el feminismo y el panamericanismo en el mundo ibérico. **Baética**. v. 2, n.28, maio 2006. Disponível em: <https://revistas.uma.es/index.php/baetica/article/view/306/257>. Acesso em 9 fev. 2020.

RAMOS PALOMO, Maria Dolores; RAMOS, Isabel Moyano. Por una Genealogía de mujeres republicanas. Política, cultura y ética en España (1880-1914). In **Cambio generacional y mujeres universitarias: Genealogías, conocimiento y compromiso feminista**. CEBRIÁN, Lorena C. Barco; SOMAVILLA, María José Ruiz; BALANZA, María Teresa Vera (Org.). Madri-Espanha: Dykinson, 2019.

RECHDAN, Maria Letícia de Almeida. **Dialogismo ou polifonia?** Departamento de Ciências Sociais e Letras - Universidade de Taubaté. Artigo. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/soft-livre-edu/polifonia/files/2009/11/dialogismo-N1-2003.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2020.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas – SP: Unicamp, 2007.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O Contrato social**. Tradução de Antônio de P. Machado. São Paulo: Brasil S.A., 1958.

RUDY, Antonio Carlos. **O anticlericalismo sob o manto da República: tensões sociais e cultura libertária no Brasil. (1901 – 1935)**. [s. l.], 2017. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/330835> Acesso em: 26 fev. 2020

SANTANA, Christine Arndt de. O Dicionário Filosófico de Voltaire: arma em favor da educação. **Revista Tempos e Espaços em Educação** v. 2, n.3, p. 57-86, 4 maio 2014. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/2213/1884> Acesso em: 29 abr. 2020.

SANT’ANA DO LIVRAMENTO. Disponível em: <http://www.sdolivramento.com.br/prefeitura/cidade/>. Acesso em: 18 abr. 2020.

SÁRRAGA, Belén de. **El clericalismo en América**: a través de un continente. Lisboa: La Editorial Lux, 1915. Disponível em: <http://historiayverdad.org/Babilonia/El-clericalismo-en-america.pdf> Acesso em: 15 mar. 2020.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. Os estudos do discurso e nossas heranças: Bakhtin, Pêcheux e Foucault. **Estudos linguísticos**. [S. L.: s. n.]. n. 35, p.181-190, 2006.

Disponível em:
<http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/vmos.pdf>.
 Acesso em: 23 ago. 2020.

SILVA, Roberto Aguilar. *Maçonaria – Le Droit Humain*. 2013. Disponível em:
<https://www.maconaria.net/maconaria-le-droit-humain>.
 Acesso em: 28 jan. 2020

TARNAS, Richard. **A epopeia do pensamento ocidental**. Tradução de Beatriz Sidou. Rio de Janeiro - RJ: Bertrand Brasil, 2003.

TOMASEVICIUS FILHO, Eduardo. O conceito de liberdade em Santo Agostinho. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo**. São Paulo, v. 101, p. 1079-1091, 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/rfdusp/article/view/67734>
 Acesso em: 15 mar. 2020.

TONDA, Federico R. (Org.). **Conferencias dadas en Santiago: Chile**. 1. Ed. Santiago – Chile: La Razon, 1913. 173 p. 1 v. Disponível em: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-87062.html>

TRONCA, Italo A. Foucault e a história: um espaço em branco. In: **Foucault vivo**. Troca, Italo A. (Org.). Campinas - SP: Pontes, 1987.

UNIÃO DOS LIVRES PENSADORES. **Atas**, 1911. São Carlos – SP.

VALEIRÃO, Kelin; MORAES, Mirela; CORRÊA, Letícia. Jean-Jacques Rousseau: um filósofo crítico. **Cadernos de Educação**, FaE/PPG/UFPel. Pelotas. n. 48, p. 84-97, jan./fev./abr. 2012. Disponível em:
<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/2093/1931>. Acesso em 7 abr. 2020.

VALLADARES, Eduardo. **Anarquismo e anticlericalismo**. São Paulo – SP: Imaginário, 2000.

VELLOZO, Dario. **Derrocada ultramontana**. São Paulo – SP: Livre Pensamento, 191[?].

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo – SP: 34, 2017.